

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**SUBJETIVIDADES EM REDE: ESCRITA DE SI HOMO-AFETIVA E
A CONSTRUÇÃO DE NOVOS TERRITÓRIOS
HISTORIOGRÁFICOS**

ADJEFFERSON VIEIRA ALVES DA SILVA

CAMPINA GRANDE - PB

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA, SOCIEDADE E CULTURA
LINHA DE PESQUISA: CULTURA, PODER E IDENTIDADE

**SUBJETIVIDADES EM REDE: ESCRITA DE SI HOMO-AFETIVA E
A CONSTRUÇÃO DE NOVOS TERRITÓRIOS
HISTORIOGRÁFICOS**

ADJEFFERSON VIEIRA ALVES DA SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Celso Gestemeier do Nascimento.

Campina Grande

2014

ADJEFFERSON VIEIRA ALVES DA SILVA

**SUBJETIVIDADES EM REDE: ESCRITA DE SI HOMO-AFETIVA E
A CONSTRUÇÃO DE NOVOS TERRITÓRIOS
HISTORIOGRÁFICOS**

Dissertação Avaliada em ___/___/___ com o conceito _____

BANCA EXAMINADORA

Dr. Celso Gestemeier do Nascimento
Orientador – PPGH/UFCG

Dr^a Marinalva Vilar de Lima
Examinador Interno- PPGH/UFCG

Dr^a Elisa Mariana de Medeiro Nóbrega
Examinador externo – PPGLI/UEPB

Dr^a Regina Coelli do Nascimento
Suplente Interno – PPGH/UFCG

Dr^a Auricélia Lopes Pereira
Suplente Externo – UEPB

Dedico este trabalho a sujeitos que vêm cotidianamente transformando minha existência terrena: **Rosivaldo Ferreira**, meu amado, a quem muito sou grato por suportar as intempéries do dia a dia junto a mim; a minha querida maninha, **Marigessia**, que este trabalho seja um exemplo de que coisas boas se seguem após o trabalho árduo; aos meus irmãos, **Adjackson e Cristina** e a minha mãe, **Severina**...Dedico a cinco professoras, sem as quais não seria o Historiador que sou hoje: **Marlene, Ana Bandeira e Josilene** – ontem aluno, hoje colega de trabalho na mesma escola...e as queridas: **Gilma e Madalena**, onde tudo começou. Por fim, mas não menos importante, *in memória* de duas mulheres dignas de ser lembradas, e imitadas por aqueles que as conheceram: **Dona Josefa**, minha avó, sempre presente em minha memória e **Dona Maria**, mãe do Rosivaldo, mulher guerreira, grata pelo dom de viver sem nunca reclamar. A todos, e a cada um, dedico este trabalho.

Agradecimentos

Agradeço a Deus, por ter me dado forças para seguir e alegrias que me inspirassem.

Ao meu orientador, Celso Gestemeier, pela paciência e cuidado não só com a escrita deste trabalho, mas por todo o apoio e confiança que demonstrou ter comigo e com a própria pesquisa – apesar de todos os atropelos pelos quais passei. Nunca foi tão fácil ser orientando.

À CAPES, por ter me possibilitado o financiamento desta pesquisa, permitindo em certa medida a dedicação praticamente exclusiva aos trabalhos.

À coordenação do PPGH-UFCG, à época na figura da professora Dr^a Juciene Ricarte que, na medida do que lhe foi possível e dos trâmites burocráticos, buscou sempre nos auxiliar; e agora ao amigo e querido professor Antônio Clarindo.

Aos professores do programa, sobretudo àqueles tive a honra de presenciar suas aulas e receber um pouco mais de suas sapiências. Especialmente aos professores e professoras: Gervácio Batista Aranha, Iranilson Buriti, Eronildes Câmara e Juciene Ricarte.

Agradeço imensamente o tempo que compartilhei com o professor Dr. Antônio de Pádua, do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da UEPB, que me recebeu como aluno especial em sua disciplina – uma das mais instigantes e produtivas que já participei. Agradeço-o pelo acolhimento e pela dedicação pessoal com as leituras de meu projeto a fim de melhorá-lo.

Agradeço o apoio de amigos e familiares, sejam os mais próximos ou os mais distantes. Nomeio aqueles que não apenas torceram, mas também me incentivaram, me animaram e proporcionaram momentos de descontração. São eles: José Gonzaga, Severino e Carlão, meus tios; Rosinete, Roseni e Janeleide, respectivamente, Teta, Didi e Janny – minhas queridas cunhadas; Lúcia e Alice, queridas companheiras de trabalho na Escola do Rosário.

Agradeço de forma especial a duas mulheres amigas: Belinda Cavalcante, por todo carinho, dedicação e apoio – inclusive financeiro. Mulher

guerreira, a quem muito admiro e me alegro por ter como amiga. E, ela, minha querida amiga, vizinha, colega de trabalho e companheira de muitas noites: Ivânia Lúcia. Com seu jeito simples e até retraído me permitiu muitas alegrias e o aconchego de ter um amigo.

Minha alegria é compartilhada ainda com ela: Suzana Cristina, para mim apenas: Su! Amiga de sempre, de todas as horas, quem muito me alegra em compartilhar o contentamento de terminar este trabalho.

Por fim, agradeço a professora Dr^a Marinalva Vilar, uma vez mais quis o destino que nossos caminhos se cruzassem. Agradeço profundamente pelos ensinamentos destes já, quase, sete anos de trajetória e auxílio. Muito de minha formação é produto de suas indicações, de seus ensinamentos, de seus 'puxões de orelha', kkkkk, mas todos muito oportunos. Chegaria a dizer que muito do homem que estou hoje agradece a imagem de mulher que sempre admirei.

E a professora Sandra Raquew de Azevêdo, primeiro pelo aceite do convite realizado, segundo por acreditarmos que sua leitura e seus comentários foram de imensa valia para o ecaminhar final deste trabalho.

“Como ferramenta de uso social, a escrita pode salvar do *esquecimento* ao fixar no tempo vestígios de passados e, assim, escrever se constitui em uma forma de produção de memória e, por conseguinte, em instrumento de construção do passado”

Maria Teresa Cunha,
Territórios abertos para a História (2012: 251)

RESUMO

SILVA, Adjefferson Vieira Alves da. **Subjetividades em Rede: escrita de si homo-afetiva e a construção de novos territórios historiográficos**. Campina Grande, Paraíba, 2014. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2014.

O presente trabalho dissertativo refletiu sobre a construção de subjetividades homoafetivas narradas em um diário *online* na rede social Orkut. Para tanto, analisamos um *corpus* documental constituído por mais de quatro mil postagens, cujo suporte de escrita é o ciberespaço – *internet*. Neste sentido, lançamos mão de um instrumental teórico capaz de nos ajudar a responder a problemática à qual nos propomos. Três conceitos base dirigiram nosso trabalho – *ciberespaço*, *territorialidade* e *escrita de si*. Estes conceitos foram utilizados a fim de contribuir com as análises da comunidade objeto de nossas reflexões, a saber: *Contos Reais entre Amigos*, especificamente o fórum *Felipe^{ooo} Transando com os amigos no FdS*, também chamado de *Felipe^{ooo} Recomeço*. Nosso recorte temporal cobre o período de postagens publicadas entre os meses de novembro de 2009 e dezembro de 2011. Utilizamos como base metodológica uma análise dos discursos produzidos no interior do diário, cotejando com as problematizações da bibliografia que deu suporte à pesquisa. Este trabalho foi dividido em três atos. No primeiro ato, evidenciamos o processo fabril de nosso objeto, assim como problematizamos a própria condição do ciberespaço e os registros nele inseridos, enquanto base primária, quando não exclusiva, para a investigação em História. No segundo ato, refletimos sobre a rede social Orkut e sua emergência no Brasil, enquanto espaço de sociabilidade, além de problematizarmos a condição diarista dos escritos de Felipe Cauzino e dos membros da comunidade atuantes no fórum. No terceiro ato, passamos a refletir sobre os processos de produção de subjetividades e a dimensão homoafetiva que prevalece nos escritos da comunidade.

Palavras-Chave: História, Ciberespaço, Diário *online*, Subjetividade, Homo-afetividade.

RÉSUMÉ

SILVA, Adjefferson Vieira Alves da. Subjectivité en Réseau: Écriture de soi homo-affective et La construction de nouveaux territoires historiographiques. Campina Grande, Paraíba, 2014. Dissertation (Master en Histoire), Université fédérale de Campina Grande, Paraíba, 2014.

Le présent travail dissertative reflète sur la construction de subjectivités homo-affective racontés dans un journal personnel *online* en réseau social Orkut. Pour ce faire, nous avons analysé un *corpus* documentaire constitué de plus de 4 mille postes dont support d'écrire est le cyberspace - *internet*. Dans ce sens, nous avons utilisé une instrumental théorique capable de nous aider à répondre à la problématique qui nous proposons à couvrir. Trois concepts base ont dirigé notre travail – cyberspace, territorialité, écriture de soi. Ces concepts ont été utilisés afin de contribuer dans les analyses de communauté objet de nos réflexions - Contes Réels entre des Amis, spécifiquement le forum Felipe^{ooo} Rapports sexuels avec les amis en le FdS, aussi appelé de Felipe^{ooo}Reprise. Notre découpage temporel couvre la période de postagens publiées entre Novembre de 2009 et Décembre de 2011. Nous avons utilisé comme base méthodologique une analyse des discours produits dans l'intérieur du journal personnel confronter avec les problématisations de la bibliographie à qu'a supporté au travail. Le travail a été divisé en trois actes. Dans le premier acte, nous avons observé le processus de fabrication de l'objet, ainsi que problématisent la condition même du cyberspace, et les enregistrements insérés dans le primaire, alors que les non-exclusif, pour la recherche de l'histoire. Dans le deuxième acte, nous avons réfléchi sur le réseau social Orkut et son émergence au Brésil et son émergence comme un espace sociabilité, plus de problématiser la condition diariste des écrits de Felipe Cauzino et des membres de la communauté participants du forum. Dans troisième Acte, nous avons commencé à réfléchir sur les processus de production des subjectivités et la dimension homo-affective qui prévaut dans les écrits de la communauté.

Mots clés: histoire, le cyberspace, journal personnel *online*, la subjectivité, l'Homo-affectivité.

SUMÁRIO

PRÓLOGO	11
HISTÓRIA, HOMO-AFETIVIDADE E <i>INTERNET</i>: UM DIÁLOGO POSSÍVEL	11
<i>PRIMEIRO ATO</i>	26
‘TUDO COMEÇA COM O GESTO DE SEPARAR... DE TRANSFORMAR’:	26
CIBERESPAÇO E HISTÓRIA: A FABRICAÇÃO DE UM CAMPO DE PESQUISA	
1.1 <i>UM FIM DE SEMANA BASTANTE EXCITANTE</i>	27
1.2 <i>OS ANNALES, UMA VEZ MAIS</i>	32
1.3 ‘ <i>ESVAZIAR O SOCIAL PARA TUDO INCLUIR</i> ’...	35
1.4 <i>COMUNIDADES VIRTUAIS, REGISTROS SENSÍVEIS: O CIBERESPAÇO</i>	37
<i>ENQUANTO SUPORTE DE PESQUISA</i>	
<i>SEGUNDO ATO</i>	56
‘A BELEZA DO MORTO’: SOCIABILIDADE NA REDE... ORKUT ENQUANTO	56
DIÁRIO ÍNTIMO VIRTUAL	
2.1 <i>O ORKUT NO BRASIL: HISTORICIDADE, FERRAMENTAS E DIRETRIZES</i>	58
<i>DE FUNCIONAMENTO</i>	
2.2 “ <i>CARACAS UM PUTA DIÁRIO HEIN</i> ”: <i>DIÁRIO ÍNTIMO NA INTERNET, UM</i>	70
<i>OLHAR SOBRE AS ESCRITAS DO EU</i>	
<i>TERCEIRO ATO</i>	80
“TIRANIAS DA VISIBILIDADE”: A TESSITURA DA SUBJETIVIDADE ENTRE	80
HOMOAFETIVOS, TRAMAS DE UMA ESCRITA PARTICULAR	
3.1 <i>RASGANDO O VERBO: ESCRITA DE SI E PRODUÇÃO DE</i>	82
<i>SUBJETIVIDADES</i>	
3.2 “ <i>A VIDA COMO RELATO</i> ”: <i>INTIMIDADE E CRIAÇÃO DE NOVOS MODOS</i>	88
<i>DE CONDUZIR A VIDA-NARRADA</i>	
EPÍLOGO	100
“A INVENÇÃO DO POSSÍVEL”: AS REDES SOCIAIS E UMA HISTÓRIA DO	100
TEMPO PRESENTE	
REFERÊNCIAS	105
ANEXOS	110

PRÓLOGO

HISTÓRIA, HOMO-AFETIVIDADE E *INTERNET*: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

*A escrita de gênero talvez seja esta escrita apaixonada por ser uma escrita movida não pelo amor a alguém, mas pela paixão por algo, a paixão pelo devir, pela história, pela possibilidade de mudança, paixão por um ser que ainda está por vir, ainda está por criar*¹

A paixão por este trabalho iniciou antes mesmo que nós o fabricássemos, enquanto tal. Aquilo que hoje apresentamos como um feixe de discursos; como produto de análises sob a ótica da História; e enquanto objeto de uma pesquisa com rigores e interdições; foi antes de tudo uma experiência do gozo da leitura. Uma prática de ver e sentir desejos e segredos de outros. Nada foi (e é) mais ofegante do que passear por entre as narrativas que deram forma ao fórum da comunidade: *Contos reais entre amigos*. Contudo, ao leitor ávido por consumir a dimensão historiográfica desta pesquisa, cabe a nós apresentá-lo ao percurso e entendimento que tomamos no decorrer de toda a investigação.

Esta pesquisa se insere entre as novas problematizações que emergem no campo de atuação do historiador nestes tempos de transdisciplinaridade. Pensar a(s) escrita(s) de si, a partir do ciberespaço e, por conseguinte, o lugar ocupado por este na construção de outras formas de subjetivação, traz consigo um diálogo, hoje, bastante frutífero à produção historiográfica, haja vista que compele ao profissional de História estreitar seus vínculos com campos do saber, o que já vinha sendo realizado desde o início do século passado.

Campos do saber como a Literatura, a Geografia, a Sociologia e mesmo a Filosofia² são cada vez mais necessários. Contudo, nessa nova era, novas áreas do saber, como as Tecnologias da Informação, passam a integrar esse rol de diálogo ao qual o historiador deve manter-se aberto. Neste sentido, a escrita que lançamos mão para análise advém de uma comunidade do *Programa de Rede Social Orkut* que tem por nome *Contos Reais entre Amigos*,

¹ Texto retirado da página pessoal de Durval Muniz de Albuquerque Júnior em agosto de 2011. Não há na página, qualquer referência ao ano de publicação do texto. Ver referência na Bibliografia


² Apesar de toda resistência que muitos historiadores persistem em manter quanto a esta última.

cuja classificação aponta para o público *Gay*.

A inserção desta problemática na seara do historiador estabelece certa relevância pela ampla necessidade que o leva a refletir sobre as profundas transformações que foram evidenciadas nas últimas décadas do século XX e nas primeiras décadas deste novo século. Configurações que se fizeram perceber, nos mais variados campos de ação do homem, desde as instâncias culturais e sociais, até as econômicas e políticas.

Certamente que estas metamorfoses não passariam despercebidas do olhar clínico das Ciências Humanas e Sociais. Para alguns intelectuais, como a pedagoga Patrícia Justo Moreira, “tais mudanças ocasionaram também uma *reconfiguração nos modelos tradicionais de família, trabalho, vestuário, alimentação, lazer, relacionamentos, dentre outros*” (MOREIRA, s/d, grifo nosso).

Esta mesma questão é posta por Stuart Hall (2004), em termos de Modernidade tardia, algo que no argumento do autor consiste em “um tipo diferente de mudança estrutura” (HALL, 2004: 9) e que está transformando as sociedades modernas; para ele estas transformações estão “fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade [...] que, no passado, nos tinha fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (Id, *Ibid*: 9).

É partindo desse lugar de fala que, de forma mais detida, nos debruçamos sobre o fórum “ Felipe^{ooo} Transando com os amigos no FdS”. Este fórum é um dos muitos grupos de discussão que existem no interior da comunidade *Contos reais entre amigos*, criado em 20 de Novembro de 2009, mas que foi excluído da página do Orkut e recriado em 04 de Julho 2010, como se pode visualizar no texto de abertura da Comunidade e mesmo a referência à data na primeira postagem da comunidade recriada:

Recriada, pois a antiga foi excluída, antigos membros estão convidados a voltar. Aqui você pode relatar o q vc fez d + excitante com seus amigos. Ninguém precisa d rótulos para se divertir e gostar d outras pessoas. Nossos contos servem d inspiração. Aki não vai faltar modos diferentes de curti com akeles seus amigos uma boa gozada! Podem entrar, vc's são bem vindos... Mas entrem devagar pra ã machucar³.

Logo de início, o texto de apresentação nos permite criar uma primeira

³ Arquivo Pessoa. Grupo Avulso.

imagem de seus membros, ou melhor, nos permite antever as múltiplas imagens que serão desfiladas pelas linhas postadas, pois como afirmam os moderadores da comunidade: “Ninguém precisa de rótulo”. Não queremos deixar passar, também, a transfiguração que a língua portuguesa assume nesse espaço. Apesar de não ser ponto de debate deste trabalho, se faz necessário chamar a atenção para a ação criativa com que os membros da comunidade resignifica ou dá nova grafia à língua padrão. Todavia, o ponto central para o uso deste fórum se dá por este possuir um tipo de escrita que assume o caráter do que Michel Foucault (2009) problematizou como uma *etopoiética*.

A função *etopoiética* consiste numa expressão que Foucault (2009) busca nos escritos de Plutarco. Algo que, segundo o filósofo francês, consiste em “um operador da transformação da verdade em *ethos*” (Foucault, 2009: 134), em uma ação que implica as relações do indivíduo consigo mesmo, com os outros e com a verdade – implicando em uma progressiva autoconsideração e autodomínio.

Em nosso estudo essa função *etopoiética* com a qual Foucault se depara nos documentos analisados dos séculos II e III, assume uma nova roupagem, que não apenas aquela das correspondências (tradicionais) e das cadernetas de anotações. A escrita nos fóruns *online* do ciberespaço⁴ nos permite problematizar sobre a dupla função desempenhada por essas trocas de *posts* (correspondência virtual): ao mesmo tempo em que age sobre aquele que escreve, pelo ato de ler o que escreveu, ela também age sobre seu(s) destinatário(s) por meio da leitura e releitura.

Acompanhando a leitura de Paula Sibília (2003), podemos então pensar os “computadores e as redes digitais” como a emergência de um novo cenário para a “colocação em prática da antiga ‘técnica da confissão’”. Esse dispositivo de controle que se apresenta sob a forma de “modalidade de construção da verdade sobre os sujeitos que há séculos vigora no Ocidente”, e como bem lembra a autora, a “genealogia [desse dispositivo] fora traçada por Michel Foucault” em *A vontade de saber* (1988) (SIBILIA, 2003: 6).

A reflexão sobre esse objeto de estudo nos permite pensar sobre como

⁴ Mais adiante discutiremos a noção de ‘ciberespaço’ com a qual esta pesquisa estabelece seus alicerces.

as relações sociais, nas sociedades contemporâneas, estão sendo deslocadas de seus antigos contextos territoriais e sofrendo uma espécie reterritorialização. Ou seja, são reestruturadas por meio do que Antony Giddens chama de “extensões indefinidas de tempo-espço” (GIDDENS, 1991: 58).

Nos termos de Giddens, a separação tempo-espço cria as condições para a construção de *mecanismos de desencaixe*. Para o autor, estes mecanismos consistem em deslocamentos das relações sociais situadas em contextos específicos de interação; e sua reestruturação [reterritorialização] por meio de “extensões indefinidas de tempo-espço” (Id, *Ibid*: 58). Ainda segundo Giddens (1991, : 58), “este [desencaixe] retira a atividade social dos contextos localizados, reorganizando as relações sociais através de grandes distâncias tempo-espaciais”. Expresso em outros termos, podemos afirmar que esta atividade social de contextos localizados – estas sociabilidades – são reorganizadas hoje, também, no ciberespço.

Assim, a comunidade virtual⁵ a qual lançamos mão será pensada em sua condição de extensão tempo-espacial de relações que se desenrolam no face a face; trilhando um percurso que pensará a relação entre o virtual e o *real* – entendido como a sociabilidade “face a face” – como zonas fronteiriças esfumaçadas.

Desta forma, três questões direcionam, em um primeiro momento, nosso trabalho: quais as condições de possibilidades engendradas no/pelo ciberespço para construção e compartilhamento de novas afetividades? Quais as marcas discursivas que permitem visualizar uma ‘multiplicidade’ de posicionamentos das identidades em cena nesse espço? Como esse novo mecanismo de sociabilidade instaura territórios de subjetivação até então desconhecidos pela sociedade ocidental?

Essas questões são mobilizadas pelo gesto que busca evidenciar a diferenciação existente entre as formas de sociabilidade, até então postas em cena pela modernidade e que o mundo pós-50 do século passado viu ser transformadas de forma um tanto radicais. Jonatas Dornelles (2008) traz para nosso trabalho considerações bastante relevantes, no que diz respeito a essa

⁵ As comunidades virtuais são percebidas enquanto espços de identificações entre os indivíduos que participam da mesma. Contudo, algo que cabe ser ressaltado diz respeito a sua heterogeneidade, que segundo alguns pesquisadores consiste na ‘pedra de toque’ para construção de uma tal comunidade, pois estas identificações “se expressam justamente na diversidade das identidades expostas” (MOREIRA, s/d: 3)

nova sociabilidade posta em ação no Orkut. As relações que ocorrem no Orkut são de um tipo novo e, ao mesmo passo, possui consequências inédita’.

Neste sentido, Dornelles (2008) aponta como se deu o processo histórico de construção das novas sociabilidades⁶. Segundo o autor, a “primeira forma de sociabilidade” foi/é aquela caracterizada pelo “face a face”, onde tempo e espaço estavam/estão conectados. Para que sejamos melhor compreendidos, podemos dizer que a primeira forma de sociabilidade, a qual relata Dornelles, consiste em nossas relações sócio-afetivas do cotidiano – caracterizadas pelo toque, pelo abraço, pelos sons e cheiros. Relações que produzem sensações e reações de alcance imediato.

A “segunda forma de sociabilidade” refletida pelo autor é aquela mediada pela tecnologia. Principalmente mediante os inventos de comunicação do século XX, que obteve seu auge na criação da *internet*. No dizer de Dornelles, neste tipo de sociabilidade os indivíduos compartilham o mesmo *espaço* visual, auditivo ou audiovisual, *mas estão separados fisicamente*. Tem-se uma dilatação do espaço, mas (ainda) não do tempo.

Diante disso, o que diferencia a sociabilidade registrada no Orkut das duas dimensões anteriores diz respeito à “anulação” das ligações de *tempo e espaço*, para que as relações entre os sujeitos se efetivem. Ora, essa “anulação” não desautoriza o historiador a tomar os registros realizados nesta plataforma enquanto *fonte documental primária* para construção de um objeto legítimo a ser historiado. Como mostraremos mais adiante⁷, é na condição de registro pretérito e marca capaz de ser *armazenada* que tomaremos a escrita do fórum da comunidade Contos reais entre amigo.

A escolha do fórum \Downarrow *Felipe^{ooo} Transando com os amigos no FdS⁸*, como base para as análises que desenvolvemos abaixo, justifica-se à medida que este cumpre princípios que regem as trocas de correspondências (virtuais), a saber, o treino cotidiano de si mesmo e a busca pela ajuda dos outros, seja por parte de Felipe Cauzino, proponente do fórum, seja por parte de seus

⁶ Compartilhamos aqui da noção de sociabilidade apresentada no trabalho de Jonattas Dornelles, onde esta é entendida como associação, *conexão de indivíduos na qual ocorrem trocas simbólicas* (2005) Grifo nosso.

⁷ Esta questão será amplamente explorada no decorrer do Primeiro Ato.

⁸ Atualmente a chamada do fórum está grafada da seguinte maneira: \Downarrow *Felipe^{ooo} >Retorno*. Contudo, buscaremos manter o título inicial do fórum, mesmo que seja possível a utilização das duas chamadas.

participantes mais ativos – veteranos⁹ - pois, apesar da comunidade articulada através dos fóruns possuir centenas de membros, geralmente, a comunicação se restringe apenas a uma dezena de participantes mais ativos.

Da mesma forma, a troca de pôsteres no fórum configura uma maneira singular de se manifestar para o outro e para si mesmo. Na esteira do que diz Foucault (2006), essa troca de mensagens (correspondências) cria uma presentidade do escritor para aquele que o lê – Uma presença quase que imediata e quase física – e nisso acreditamos que a correspondência eletrônica cumpra de forma bastante efetiva essas características. Para tanto, basta pensarmos nas diversas vezes em que o leitor/destinatário responde a seus correspondentes com um “ao vivo” – essa expressão é utilizada nos fóruns quando o remetente está lançando um *post* mais extenso e há outros membros *online* no instante de sua postagem, e, imediatamente, se auto-anuncia. Como argumenta Lévy, o mundo virtual “[dá] ao explorador [...] a sensação subjetiva [...] de estar em *interação pessoal e imediata*” (LÉVY, 1999: 72) [grifo nosso].

Parece-nos claro que a construção do espaço social pensado como eixo de relações entre os indivíduos, hoje, está menos conectado ao espaço das redes materiais – do “face a face” – do que aos espaços imateriais das redes comunicacionais. No dizer de alguns pesquisadores, como Tarcyane Cajueiro Santos, isto tem possibilitado a emergência de uma “sociabilidade *online* com um novo modo de sentir e de se relacionar com o outro” (SANTOS, 2005). No Orkut, a inserção na plataforma independe de “condições sincrônicas de tempo e espaço” (Id, *Ibid*). A construção das trocas simbólicas – da socialidade – se dá mediante a participação nas conversas e discussões levantadas em cada fórum.

Esta reflexão nos permite chamar a atenção a respeito da singularidade do fórum instaurado por Cauzino. A cotidianidade dos relatos no fórum que tomamos como base de análise foi por nós acompanhado desde sua inauguração nos idos anos de 2009. Nesse período éramos apenas participantes e leitores assíduos do fórum, produto de um feliz acaso que nos levou a encontrar a comunidade enquanto vagávamos nas teias do

⁹ Falar em termos de *veteranos* não implica dizer que quando um novo membro se apresenta ou passa a interferir nos diálogos postos em cena, ele seja marginalizado. Habitualmente ele é bem recebido pelos veteranos que sustentam a comunicação no grupo e estimulam os demais a participar das discussões. No decorrer do trabalho, apresentaremos situações que subsidiarão nossos argumentos quanto a esta recepção dos novos membros.

ciberespaço.

Contudo, com a proximidade do fim do curso de graduação, visualizamos nos relatos de Felipe Cauzino e dos membros que acompanhavam a comunidade, inclusive nossos próprios relatos, a possibilidade de construção de um objeto historiográfico. Algo que investigaria a relação das narrativas engendradas no ciberespaço. O ciberespaço enquanto lugar de construção de novas territorialidades afetivas ou, em outras palavras, como o ciberespaço nos possibilitaria uma investigação que refletisse sobre as múltiplas identificações, as rupturas internas aos relatos de si e de suas “identidades”, em resumo *novas cartografias identitárias*.

Ao fim e ao cabo, o que percebemos, até aqui, em meio às postagens cotidianas – e esperamos que este trabalho possa, ao término, responder algumas das inquietações que levantamos – foi uma multiplicidade de vozes e de posicionamentos de um mesmo indivíduo, que se desloca à medida que se identifica com situações e/ou problemáticas diversificadas. Neste sentido, uma de nossas preocupações no decorrer do trabalho, e que justifica sua historicidade, é refletir como a escrita de si – experiência de si – no ciberespaço é mais fragmentada. Uma escrita que faz emergir múltiplos si, como aponta Stuart Hall, “múltiplas identidades ligadas aos diferentes mundos sociais”, seja o off-line ou *online*, em que os sujeitos se posicionam (HALL apud Mettelart & Neveu, 2004: 104).

Todavia, não perderemos de vista algumas ressalvas que devem ser levadas em conta, no tocante às escritas presentes no fórum, pois fora do “face a face”, pois parece ser mais espontâneo falar, testemunhar, dizer de si. Um dizer que pode estar impregnado de invenções, de lentes de aumento ou de redução dos sentimentos narrados, vivenciados, projetados pelos/sobre os membros da comunidade.

Outra questão fundamental deste trabalho, e que justificou sua realização, diz respeito ao que estamos chamando desde o início de *construção de novos territórios afetivos, esses novos círculos que são construídos por meio de interesses, interações e desejos comuns*. Os indivíduos que buscam no ciberespaço a construção de novos territórios afetivos “são imersos em um mundo virtual’ cujos membros tecem relações intelectuais, afetivas, sociais sólidas, a longo prazo” (LÉVY, 1999: 75) ou, como

afirma Gisele Marchior Nussbaumer (2004), as novas tecnologias de comunicação digital e a formação de comunidades virtuais tem possibilitado a contemporaneidade um outro território de fala, de escrita de si, o que nos instiga a querer refletir sobre esses novos territórios afetivos e mesmo sobre o lugar onde são subjetivadas essas territorialidades, a saber, o ciberespaço¹⁰.

Para muitos, o posicionamento acima apontaria a dimensão sociológica de nossa análise. Contudo, essa dimensão dá passagem à condição histórica da mesma, na medida em que ela é situada e problematizada num tempo pretérito o qual damos visibilidade a partir da instauração de um recorte temporal – cujo começo instituímos em novembro de 2009 (retomado em julho de 2010¹¹) e que se estende até dezembro de 2011. Em certa medida, também tratamos de um recorte espacial, haja vista que estaremos discutindo os feixes do problema no contexto brasileiro. Desta forma, a dimensão historiográfica, assim afirmada, de nosso objeto se efetiva na tensa relação que se estabelece entre *nós* – situados no presente e assentados no lugar *de sujeitos do saber* – e *eles* – situados no passado, mesmo que recente, e posicionados como *sujeitos da história*.

Antes de avançar para a apresentação dos resultados de nossa pesquisa, cabe fazer algumas anotações no tocante aos usos que faremos da teoria. Queremos, de antemão, alertar o leitor para o *modus operandi* que colocamos em ação neste trabalho. Isso porque o modo como encaramos a teoria e sua importância em um trabalho como este, que pretende se colocar sob o olhar crítico dos pares – e quem sabe de um leitor curioso pela temática – deve romper com os usos dramáticos por tantas vezes percebidos nos trabalhos acadêmicos.

Sendo assim, se a teoria é uma *caixa de ferramenta* aberta diante do historiador, certamente uma questão, aparentemente óbvia, deve ficar clara para o usuário desta caixa: existem usos adequados para cada instrumento, algo como um guia de uso das técnicas formais. No entanto, deve também ficar claro – e isso não podemos negligenciar – que há os usos improvisados, há muito da espontaneidade nos usos, nas artes de fazer com ... Nestas artes, um

¹⁰ Argumento muito semelhante ao de Nussbaumer pode ser percebido na dissertação de mestrado de Marcela Lima, 2010. Ver texto nas referências.

¹¹ Esta questão do ato inaugural e de sua retomada será explanada com maior sutileza e detalhes mais adiante.

instrumento de corte pode muito bem ser usado para girar uma peça ou mesmo apertá-la de modo a fazê-la ajustar-se ao conjunto. Da mesma maneira, um objeto projetado para puxar/apertar/segurar – penso aqui no exemplo do alicate – poderá ser usado (e é) para bater e/ou entortar.

Assim, nossa caixa de ferramenta se manteve aberta durante toda a fabricação e tessitura deste trabalho. Algumas peças nos agradam bastante, elas foram constantemente utilizadas; outras nem tanto – quer por escolha, quer por falta de afinidade em seu manejo – porém, o leitor deve ficar atento, pois acionaremos a teoria sempre que esta se faça necessária, não dedicando um lugar específico a ela neste trabalho.

Ademais, cabe ainda ressaltar que os usos que lançamos mão da teoria em nosso trabalho poderão fugir as convenções presentes em trabalhos fortemente marcados por algumas tradições historiográficas. A própria natureza de nosso objeto nos levou a traçar vários rumos em sua constituição. É, pois, neste sentido, que a "nossa" teoria acabou por se desvencilhar dos feixes clássicos das correntes historiográficas, convocando-as sempre que a problemática as requisitava. Para tanto, três conceitos nortearam de forma mais evidente nossas atividades nos primeiros momentos.

A primeira ferramenta da qual nos apropriamos, para o desenvolvimento deste trabalho, foi o conceito de *ciberespaço*, que é multifacetado. Contudo, fizemos uso da definição construída por Pierre Lévy – um dos mais conhecidos estudiosos do Ciberespaço¹². Em suas reflexões, Lévy apresenta o ciberespaço como “um espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores” (LÉVY, 1999: 92). Nesta ideia de Lévy está inserida a “infraestrutura material da comunicação digital, o universo de informações que ele abriga e os indivíduos” que o alimentam e por ele navegam (NUSSBAUMER, 2004).

Na leitura empreendida por Lévy do ciberespaço, este constitui um dispositivo original nas comunicações por estabelecer uma relação de todos para todos, possibilitando a construção de comunidades. O desenvolvimento efetuado por Lévy ganha força em nossa problematização ao permitir-nos

¹² Cabe chamar a atenção do leitor para uma questão de escolha. Durante o processo de fabricação deste trabalho, nos deparamos com outros escritos que refletiam sobre o conceito de ciberespaço, todavia, fizemos a escolha de trabalharmos com esta ferramenta nos moldes de como ela foi definida por Pierre Lévy, especificamente.

pensar o ciberespaço em sua condição encorajadora de novos estilos de relacionamentos quase independente dos lugares geográficos – para não dizer desterritorializados de sua dimensão física e reterritorializados em um espaço virtual. Ao mesmo passo que, no ciberespaço, as coincidências temporais para o relacionamento são quase que anuladas, haja vista a comunicação assumir caráter *assíncrono*¹³.

Outra relevância das considerações sobre o ciberespaço, em que pese sua dimensão histórica, consiste no papel desempenhado por este novo espaço de reflexão que se abre ao historiador. Relevância que, em nosso entendimento, consiste na pedra de toque deste trabalho.

Uma segunda ferramenta que nos permitiu as condições necessárias para a análise de nossas fontes, esteve assentada na noção de *território* que fomos buscar nos escritos de Félix Guattari e Suely Rolnik (2004). Para estes autores, o território assume uma dupla face: uma semiotizada e outra material. Estas se estabelecem como relações sistêmicas das sociedades que se estruturam juntamente com as relações vividas e pessoais. Segundo os escritos dos autores, essa territorialidade pode ser relativa, quer aos espaços vividos, quer aos sistemas de percepção no seio dos quais um sujeito se sente “em casa”. Segundo Guattari & Rolnik (2004: 323): “O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma”.

A ideia de territorialidade, de desterritorialização (de um espaço físico) e de reterritorialização (no espaço virtual), desenvolvidos por Guattari e Rolnik (2004), possibilitou um novo passo no arco que buscamos dar sentido na pesquisa. A visão do ciberespaço enquanto um mundo paralelo e, ao mesmo tempo, extensivo ao mundo “real”, cujo acesso alcançamos por meio de várias escritas de si e alinhamos a idéia de novos territórios que, ao tornarem-se territórios singularizados, inventam outros mundos, novas afetividades, instauram novos processos de subjetivação.

¹³ Operação que se desenrola de forma independente de qualquer mecanismo de sincronização em tempo; ou comunicação que se processa em modelos de transferência de dados distintos para o *upload* e *download*, como o ADSL. Para uma maior compreensão dos termos, o leitor pode acessar o Dicionário da *Internet*. Outra possibilidade de visualizar esta questão do desencaixe de tempo e espaço nas sociabilidades estabelecidas no Orkut sob a ótica das Ciências Sociais, ver o texto de Jonattas Dornelles citado mais acima. Dornelles, 2005.

E, por fim, foi sobre o processo de subjetivação que nos debruçamos para fechar nosso instrumental teórico de partida. Para tanto, tomamos a questão da *escrita de si*, tal como é desenvolvida por Michel Foucault, para podermos levar adiante esta pesquisa. Sendo assim, para que pudéssemos fazer/ver esse processo de subjetivação – essa reinvenção do ciberespaço – agora como lugar de construção de territórios existenciais, partimos da análise das escritas de si, dos relatos de si e dos outros, a partir de como os sujeitos se inventam, se posicionam e passam a ser socialmente inventados. Em nosso caso, num duplo movimento, pois como dissemos anteriormente: aquele que escreve produz sobre si mesmo um efeito de subjetivação, enquanto aquele que lê, ao responder seu remetente, logo reinventa a si e o seu outro (re)instaurando o processo de subjetivação.

Essa reinvenção de si por meio dos relatos será evidenciada em sua face tática e astuciosa, pois, como nos deixou evidenciar a pesquisa, aquele que posta sabe que seu texto será lido, assim como, ele mesmo o lê para novamente postar. Nesse sentido, estivemos atentos ao caráter silencioso da produção da leitura. A escrita de si presente no fórum emerge como “invenção’ de memória [...] um mundo diferente (o do leitor) [dos leitores] se introduz no lugar do autor [autores]”, deixando subentendido nessa escrita a arte, nada passiva, da própria leitura. (DE CERTEAU, 1994: 49-50).

As vontades expressas e “secretas” dessas pessoas, suas memórias narradas, seus problemas, suas experiências tristes e afortunadas, seus sonhos e suas avaliações de vida: todos esses fatores contribuem para a reinvenção de si nesse processo de subjetivação.

Desta feita, deve ficar claro para o leitor que estes conceitos, e outros tantos que se fizeram necessários no decorrer da investigação, foram acionados de modo a nos possibilitar uma melhor reflexão sobre os dados coletados a partir de nossas fontes. Fontes estas, gestadas a partir de um ato inaugural que as tomaram como passíveis de questionamentos por parte do historiador.

Na construção de nosso trajeto, nos propusemos à realização de uma reflexão a respeito da produção do conhecimento historiográfico, em que a operação levada a cabo evidenciasse a relevância da narratividade nos estudos históricos. Lançando mão, pois, de alguns procedimentos

metodológicos necessários para o alcance de nossos objetivos ao fim da pesquisa.

Como já dito alhures, tomamos como ponto de partida os relacionamentos estabelecidos entre os membros que participam de uma comunidade do programa de relacionamentos: o Orkut (www.orkut.com). Esta comunidade é composta, em sua maioria, por homens; e a constatação dos relacionamentos estabelecidos se deu por meio da observação e análise das trocas de mensagens estabelecidas entre os participantes.

Nossas análises se debruçaram de forma sistemática sobre o fórum “Felipe^{ooo} Transando com os amigos no FdS”, no período que seguia de novembro de 2009 ao último mês de 2011¹⁴, o que soma um total de pouco mais de 4 mil *posts*¹⁵, alguns bastante breves, não contendo mais que uma frase, e outros bem extensos, ocupando páginas inteiras. Um material que, por um gesto historiador, se constitui em um *corpus* documental frutífero à reflexão.

Estas postagens foram salvaguardadas em formato de imagem (.JPG) totalizando um *corpus* documental com pouco mais de 1700 imagens, arquivadas em 17 grupos de 100 imagens cada e um grupo nomeado de “avulso”. Tal designação se deu pelo fato de que algumas postagens, fora do nosso recorte, se mostraram de grande valia para este estudo e/ou estudos posteriores¹⁶.

Sabendo desde já que nosso objeto, bem como nosso *corpus* documental, são construções levadas a cabo por nós enquanto historiadores interessados em responder (ou não) a certas problematizações – colocadas pelo nosso tempo presente – adiantamos não esperar que as fontes, quaisquer que sejam, possam nos dizer ou nos desvelar o que, de fato, acontece como se um acontecimento estivesse adormecido nos documentos esperando que nós o retiremos do sono.

Buscamos efetuar uma desmontagem dos discursos proferidos, para podermos refletir a multiformidade com que eles inventam e reinventam os

¹⁴ Certamente um passado recente, mas ainda assim passado.

¹⁵ O termo aqui é sinônimo de postagem, para o leitor menos familiarizado com os termos das redes sociais. *Post* ou *scrap* são os recados deixados nas páginas dos amigos ou nos fóruns de discussão no interior das comunidades.

¹⁶ A problematização da salvaguarda e organização do banco de dados será melhor problematizada no Primeiro Ato.

territórios de seus “escritores”, muitas vezes em estreita relação com suas vidas *off-line*, ou seja, suas vidas no cotidiano do “face a face”. A sistematização do material pesquisado nos possibilitou acompanhar os processos de continuidades e descontinuidades postos em prática pelos enunciados dos membros mais ativos, em especial do moderador do fórum, em sua relação consigo e com os outros, num constante processo de territorialização e reterritorialização.

Reafirmamos, assim, o objetivo central de nossa pesquisa, a saber: o de efetuar uma reflexão sobre a construção de novos territórios afetivos, novas formas de sentir e pensar a si mesmo e o outro no ciberespaço. De forma mais ousada, podemos afirmar que nossa investigação perseguiu a possibilidade de construção de novos territórios historiográficos, tomando como objeto paralelo e imbricado a escrita(s) de si homoafetiva no ciberespaço.

Deste modo, podemos afirmar que a operacionalização dos procedimentos se deu por meio de uma investigação participativa na comunidade, haja vista, que este procedimento possibilita um maior grau de confiabilidade nos dados recolhidos e analisados. Pudemos nos inserir em outros contextos de vivência dos membros da comunidade, para além do ambiente de sociabilidade instaurada no fórum¹⁷.

Cabe ressaltar que, levando em consideração a natureza de nossas fontes, a pesquisa qualitativa se mostrou a mais adequada e coerente para a investigação na *Internet*. Esta, no dizer de Pinho (2009), tem como característica maior o fato de o pesquisador estar voltado para o contexto – o ambiente macro da pesquisa – preocupando-se, assim, com o processo como um todo e não apenas com o resultado da investigação.

Tal postura foi o que levou a guiar-nos por meio de dois universos que se mostraram convergentes: a *Escrita de Si*, no universo homossexual do contexto brasileiro atual; e as chamadas *novas tecnologias*, em especial o programa de rede social *Orkut*. A este objetivo norteador desdobraram-se

¹⁷ Esse procedimento foi posto em prática por um longo período de tempo. Isto nos possibilitou uma aproximação relativamente confortável quanto ao cotidiano dos membros da comunidade que terão seus relatos analisados criticamente neste trabalho. Esse contato se deu pelo menos sob duas formas, todos via internet: 1. O primeiro contato se deu mediante a inserção na rede de amigos, do Orkut pessoal dos membros da comunidade; 2. A segunda forma de contato se deu por meio da troca de MSN – mensagens instantâneas – o que possibilita um tipo de sociabilidade que Dornelles (2008) classifica como sendo a “segunda forma”, pois temos aí uma interação em tempo sincrônico, apesar da dilatação do espaço de contato.

alguns níveis específicos para o alcance do objetivo central. Tais desdobramentos constituíram a estrutura do trabalho. Seguindo a estruturação de uma peça teatral, herança que trazemos de nosso trabalho de graduação e da nossa aproximação com o teatro grego, organizamos a pesquisa em atos – precedidos por este prólogo e, logo após os atos, um epílogo.

No primeiro Ato, refletimos sobre a fabricação de nosso objeto de investigação. Mas não apenas o processo fabril de nosso objeto estará em cena. Problematizamos a própria condição do ciberespaço e os registros nele inseridos enquanto base primária, quando não exclusiva, para a investigação em História. Voltamos aos escritos dos Annales, a fim de retomar o já velho debate sobre a ampliação das fontes documentais no fazer historiográfico. Ao mesmo passo, reavivamos os escritos de Marc Bloch (2001), de modo que possamos deixar claro para o leitor nossa filiação a certa noção de *História Cultural da Sociedade*. Em certa medida, esta necessidade se faz presente a fim de não deixar transparecer uma análise dos discursos presentes em nossas fontes, como se estes estivessem descolados das raízes sociais e culturais que os formularam. Sendo assim, buscamos, neste primeiro ato, problematizar, a partir de um estudo analítico, um referencial teórico prático quanto aos usos, por parte do Historiador, da *internet* enquanto fonte primária para a pesquisa histórica; pondo em xeque os aperfeiçoamentos, os encaixos que persistem e as limitações que ainda vigoram.

No segundo ato, levamos adiante uma reflexão sobre a rede social Orkut e sua emergência no Brasil, enquanto espaço de sociabilidade, até então inexistente em uma dimensão nacional como o foi. A problematização se dará mostrando o passo a passo da fabricação de um arquivo pessoal, formado por mais de 1.700 imagens, a partir dos registros do fórum ‘Cauzino Recomeço’, existente na comunidade analisada. Trazendo, sempre que possível, dados estatísticos a respeito do avanço do uso da *internet* e da participação dos jovens nas redes sociais, especificamente o Orkut. Será ainda objetivo deste segundo ato, pensar a condição diarista dos escritos de Felipe Cauzino e dos membros da comunidade participantes do fórum. Na medida do possível, traçar as linhas que faz o velho parecer novo, ou, quem sabe, um novo com raízes antigas.

No terceiro ato, passamos à reflexão sobre a escrita de si e a dimensão homoafetiva que prevalece nos escritos da comunidade. As análises foram desenvolvidas de modo a nos fazer compreender as formas de elaboração de si, que se dão no fórum pesquisado, bem como a construção das afetividades que, paulatinamente, se desenvolve nesse território, constantemente reinventado. Ao mesmo passo, buscamos problematizar os relatos de si e a produção de múltiplas experiências de si a partir do estudo de caso, partindo do pressuposto de que o sujeito moderno é uma construção narrativa incessantemente em elaboração.

Por fim, cabe ainda nestas linhas reafirmar um posicionamento expresso, não gratuitamente, com a epígrafe deste trabalho. Acreditamos que no condizente à pesquisa que levamos a cabo no decorrer destes dois anos, e os inúmeros caminhos que trilhamos até este momento é dever deste texto fazer-se crível – num sentido historiográfico. O leitor terá a sensação, sobretudo no primeiro ato, de estar vendo os argumentos se metamorfosearem a todo instante, criando um efeito de repetição que faz afirmar um campo possível de pesquisa. É, pois, neste sentido que fazemos coro às linhas de Machado de Assis: “Há conceitos [ideias] que se devem incutir na alma do leitor, à força da repetição”. Portanto, vale o alerta para o efeito de verdade que se pretende alcançar.

PRIMEIRO ATO

“TUDO COMEÇA COM O GESTO DE SEPARAR... DE TRANSFORMAR”: CIBERESPAÇO E HISTÓRIA, A FABRICAÇÃO DE UM CAMPO DE PESQUISA.

Há conceitos que se devem incutir na alma do leitor, à força de repetição.

Dom Casmurro, Machado de Assis.

Todo começo traz consigo a marca de uma apreensão, uma dada angústia quanto ao que dizer ao leitor que mergulha em um texto. No tocante ao nosso começo, ele arrasta outros temores, afinal palavras/conceitos não habituais do dicionário historiográfico vão emergindo desde as primeiras linhas. *Ciberespaço, Fontes Digitais, Orkut, Diário Online*. Estas são apenas algumas dentre outras tantas que se desenham no horizonte deste trabalho.

Contudo, nosso gesto começa bem antes, ele se inicia quando tudo não passava de um *hobby* – com toda a força que o termo carrega, ou seja, algo que se gosta muito de fazer nas horas vagas, algo para *passar o tempo*. Mas, ao que parece tudo começa com um gesto, um gesto de pôr de lado, um ato de separação.

Michel de Certeau (1982) nos presenteou na década de 1970 com uma obra que refletia sobre as condições de produção do discurso historiográfico, sobre aquilo que era (e ainda é) a prática do historiador. Uma reflexão que trazia na proa a dimensão fabril que marca o discurso da história. É Certeau quem nos possibilita afirmar – e firmar – nosso primeiro passo, pois como escreve ele:

O estabelecimento das fontes solicita, também, hoje, um gesto fundador, representado, como ontem, pela combinação de um lugar, de um aparelho e de técnicas [...] Não se trata apenas de fazer falar estes "imensos setores adormecidos da documentação" e dar voz a um silêncio, ou efetividade a um possível. Significa transformar alguma coisa, que tinha sua posição e seu papel, em alguma outra coisa que funciona diferentemente (CERTEAU, 1982, : 82-83).

Eis o gesto inaugural que norteia este trabalho. Nosso material de pesquisa advém de fora das fronteiras do uso comum, ele procede de um reemprego de um não habitual e constitui outra cartografia. O leitor poderá, a

partir deste momento, acompanhar nas linhas abaixo os passos que levam à construção de nosso *corpus documental*, bem como a fabricação de objeto *incomum* à seara do historiador.

Neste primeiro ato, apresentaremos ao leitor o produto de uma via longa, a via que nos permite discutir as condições de uso da *Internet* enquanto fonte primária ao trabalho do historiador. Queremos, nesta seção, radicalizar a noção de documento. Radicalização que se gesta na medida em que, acompanhando alguns teóricos clássicos da historiografia, passamos a tomar como fonte para a pesquisa histórica toda e qualquer marca, registro, rastro produzido pelo homem.

Partimos do pressuposto de que as fontes fabricadas pelo historiador para o desenvolvimento de seu *métier* devam tomar como ponto de partida todas e quaisquer manifestações/registros da expressão humana. Todo e qualquer testemunho que informe sobre o homem, como nos alerta Bloch (2001: 81): “a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. *Tudo que o homem diz ou escreve*, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele”.

Nesse sentido, iremos discutir as condições de possibilidades para o Historiador, sobretudo aqueles vinculados a uma História do tempo presente, que vislumbram nos escritos da cibercultura – este novo suporte de registro do pensamento humano – uma das várias vias possíveis de investigar o passado por meio dos vestígios de homens e mulheres no tempo, mesmo que tais vestígios tragam consigo a marca do efêmero e fugaz – tal como vislumbramos os registros do ciberespaço¹⁸.

Desta forma, é objetivo deste primeiro ato construir, a partir de um estudo analítico, um referencial teórico prático quanto aos usos – por parte do Historiador – da *internet* enquanto fonte primária exclusiva para pesquisa histórica; pondo em xeque os aperfeiçoamentos, as barreiras que persistem e as limitações que ainda vigoram. Fica patente nos diálogos que travamos com a bibliografia, no decorrer da pesquisa, que muitos dos debates advêm de áreas vizinhas à História, haja vista ainda serem escassas as pesquisas historiográficas que tomam o ciberespaço enquanto base exclusiva de suas

¹⁸ Mais adiante iremos refletir a respeito de nossa compreensão da dimensão efêmera dos registros presentes na cibercultura e como estes podem ser utilizados e salvaguardados pelo historiador.

análises.

1.1 Um fim de semana bastante excitante

Caro leitor, vamos recuar no tempo para que possamos entender as linhas abaixo... Novembro de 2009, um jovem da classe média brasileira vive experiências até então desconhecidas para ele e, possivelmente, para muitos dos leitores, assim como o foi para mim. É “21 de novembro de 2009”, Felipe Cauzino¹⁹ narra sua experiência sexual com outros cinco amigos. Seis jovens que, segundo os relatos do próprio Cauzino, se conhecem desde a infância. São pessoas próximas, com hábitos, costumes, educação e outros elementos socioculturais bastante semelhantes. Esses jovens decidiram passar um fim de semana juntos.

Os jovens saem de São Paulo, cidade metropolitana, coração pulsante da economia brasileira, rumo ao interior do estado. Local escolhido: São Lourenço, em um sítio pertencente ao tio de um jovem chamado Lucas, um dos personagens da narrativa. Eles deixam São Paulo à noite, sexta-feira dia 19. A viagem só ocorre neste horário, por Thiago, outro integrante de nossa história, ter prova marcada na faculdade para aquele dia à noite. Cauzino e Lucas, acompanhados de Matheus, Jean e Felipe – Fê, durante a narrativa – vão buscar Thiago depois da prova e de lá seguem em direção ao sítio.

Eles partem em dois carros e a viagem não dura mais que uma hora. O percurso é “curtido” em som alto. Chegam durante a madrugada e encontram o sítio todo organizado – tudo arrumadinho, piscina coberta. A madrugada estava quente. No caminho eles haviam comprado cervejas e ao chegarem ao sítio guardam suas bolsas e começam a beber. Uma verdadeira comemoração próxima à piscina.

O calor da noite começa a levar um a um para dentro da piscina, apenas Cauzino fica de fora por um tempo – tempo suficiente para reparar nas transformações dos corpos de seus amigos. Corpos narrados aos detalhes,

¹⁹ Para efeito ético desta pesquisa vale destacar que o narrador deste fórum foi informado dos usos que faríamos de seus relatos, inclusive nos incentivando no desenvolvimento deste projeto. No entanto, cabe mencionar para o leitor não familiarizado com a Rede Social Orkut que os adeptos desta ferramenta “assinam” um termo de autorização permitindo a rede tornar pública todo e qualquer registro efetuado pelo proprietário/usuário da rede social, sendo assim, penso que independente das permissões formais o uso dos registros cibernéticos são em si validados pelos usuários com a aceitação do ‘termo de uso’. Mais adiante pretendemos apresentar os argumentos da rede social quanto a este tema.

corpos marcados das mais variadas formas, sobretudo em sua dimensão sexualizada. Os meninos são assim descritos:

Jean tem cabelo castanho claros, bem branco, boca carnuda, uns 1,80, literalmente gostoso. Reparei bem nele. Thiago é moreno, baixinho, 1,65, gostosinho também, bundinha... avantajada²⁰, pernas grossas devido ao futebol que ele joga. Lucas alto magro, 1.97, cabelos compridos tipo EMO, gatinho também. Eu sou o que você vê na foto²¹
 Não sei se mencionei como é o Fê. Gatinho, moreno, do cabelo lisinho, brincos nas orelhas, piercing na língua, cabelo estilo moicano com algumas luzes. Alto, corpo normal, nada demais²².

Mas algo mais estava para acontecer nesta mesma noite. A lua parecia conspirar e tudo parecia caminhar para uma noite digna de ser narrada. O que seis jovens, héteros, em vias da embriaguez, em um sítio no interior do estado de São Paulo poderiam fazer de tão especial? Penso que nada demais, até porque era “tipo programa de homens apenas, nada de namoradas. [Tudo para] curtir um churrasco, cerveja, piscina e falar bobagens de homens”²³.

No entanto, uma simples e inusitada situação fez tudo mudar: Jean foi sair da piscina e, ao tentar subir, a força da água em sentido contrário fez sua sunga vir abaixo, seguida de uma “doce e despropositada” tapa em sua bunda desferida por Lucas. A brincadeira comum entre homens levou a uma reação, ao que me parece, também comum aos jovens deste século. Só não se esperava que em meio à brincadeira um dos jovens, Jean, estivesse excitado. A constatação foi feita pelos próprios amigos. Isso ocorreu porque depois da tapa “Jean pegou a cabeça do Lucas e afundou na água esfregando a cara de Lucas no pau dele”, os outros jovens foram separar a, então, *brincadeira* e viram que “Jean estava de pau duro, de tão grande saia pela cueca”²⁴.

Segundo nosso narrador, Jean estava em uma situação que, no primeiro momento, pode parecer constrangedora – pelo menos para os padrões de uma

²⁰ Cabe ressaltar para o leitor que as transcrições seguirão fielmente as palavras presentes em cada postagem, sendo assim, não levaremos a cabo qualquer tipo de correção ou intervenção na redação, inclusive no que diz respeito à erotização das falas, ponto alto das narrativas.

²¹ Arquivo Pessoal, Grupo 1, imagem 01. Cabe mencionar, uma vez mais, que todas as postagens foram extraídas da Comunidade na Rede Social Orkut, especificamente do fórum “Cauzino Recomeço”.

²² Arquivo Pessoal, Grupo 1, imagem 06.

²³ Arquivo Pessoal, Grupo 1, imagem 01.

²⁴ Arquivo Pessoal, Grupo 1, imagem 01.

sociedade heteronormativa²⁵ e falocêntrica. Mas essa não foi a reação do Cauzino nem de seus amigos, diria que até contrária, pois diz ele:

- Ae Jean de pau duro tá excitado é?
 - E ae Lucas fazendo o serviço?
 Nisso Jean puxou Lucas pro lado dele e deu um beijo de língua que ficamos perplexos. Só se via os dois molhados se esfregando no [maior] tesão, de cueca e o volume crescendo cada vez mais. Eu, Thiago e o Matheus ficamos parados olhando²⁶.

A situação é a mais inesperada para aquele momento. Os jovens pareciam não compreender que se tratava de amigos de infância que se beijavam e “se esfregavam”, tudo como se fosse um ato corriqueiro, cotidiano, mas a cena se prolongou:

Ate que o Jean parou com seu pau duro na nossa frente e falou:
 - Caras íamos contar, mas estamos nos pegando a um tempo já. Espero que não mude nada. Confesso que eles foram bem discretos, pois ninguém havia percebido nada. E o Lucas completou
 -Desde a época que batíamos punheta juntos rolava um clima, ficamos com medo, e não contamos. Thiago interrompeu o silêncio
 - Pára vocês tão bêbados. Tão de zuera. EU fiquei feliz e vi que havia alguma coisa diferente no ar.²⁷

Nesse trecho nos é permitido ao menos três estados sensíveis diferenciados. Num primeiro momento, nos deparamos com a estabilidade do relacionamento que parece arrambar as portas do armário que estava trancafiado. Em um segundo momento, a reação do Thiago, que busca transformar o ato sexualizado em um efeito (consequência) da bebida. E por fim, a felicidade com que Cauzino visualiza, vivencia e depois narra toda cena.

É possível sentir o grau de envolvimento da narrativa que se faz

²⁵ O sociólogo paulista, Richard Miskolci afirma que “a ordem social contemporânea não difere de uma ordem sexual. Sua estrutura está no dualismo hetero/homo, mas de forma a priorizar a heterossexualidade por meio de um dispositivo que a naturaliza, e ao mesmo tempo, a torna compulsória. Em resumo, a ordem social do presente tem como fundamento... A heteronormatividade” (MISKOLCI, s/d). Ainda segundo Miskolci essa heteronormatividade no dispositivo da sexualidade foi descrito de forma magistral na obra de Michel Foucault, História da Sexualidade vol. I, e que mais tarde ganhou novos direcionamentos no tocante a questão da subjetivação em seu terceiro volume da mesma obra. Ver: Michel Foucault, História da Sexualidade I (1988) e III (1985).

²⁶ Arquivo Pessoal, Grupo 1, imagem 01.

²⁷ Arquivo Pessoal, Grupo 1, imagem 02.

presente não apenas no primeiro *post*, mas em todos os outros que se seguem semana após semana. Entretanto, como dissemos no prólogo, há de se atentar para toda essa espontaneidade que vislumbramos nos escritos do Cauzino, pois fora do “face a face” parece ser mais fácil falar e/ou testemunhar algo. Neste sentido, cabe a nós atentarmos para as lentes, quer de aumento, quer de redução, dos sentimentos e reações que podem ser utilizadas.

A narrativa do Cauzino prossegue de forma minuciosa. As cenas se alternam entre a estranheza e o espanto; entre os detalhes de êxtase e a euforia. Tudo era novo, mas carregava certo gosto de tempo perdido, pois ele diz ter ficado “impressionado, tanto tempo perdido, queríamos uns aos outros e nada rolava”²⁸. No dia seguinte ninguém tocou no assunto, mas foi por pouco tempo, pois “ainda nesse dia rolou muita coisa, banho juntos, nadar pelado, andar em casa o sábado inteiro sem cueca sem nada, dormir juntos”²⁹. Contudo, no domingo, o sonho foi interrompido, pois as “namoradas foram pra lá Ai já eras, não podia rolar nada”.

Certamente, você leitor deve estar a questionar sobre vários pontos desta narrativa. Será verdade o que foi narrado por este rapaz?³⁰ Não será pura invencionice estas cenas? Tendo acontecido de fato, quais as transformações que permitiram a construção de uma intimidade como esta? Quais as transformações sociais, e culturais, que criaram as condições de possibilidade para a emergência de uma narrativa neste formato? Que elementos permitem aos jovens de hoje, especificamente em contexto brasileiro, publicizar suas intimidades?

Este feixe de problemas coloca em primeiro plano um questionamento importante para que se possa levar adiante o trabalho: Como o historiador pode construir uma pesquisa sobre um objeto cujas fontes se encontram invisibilizadas em seu ofício? Como elevar ao estatuto de fonte histórica uma narrativa cujo suporte traz em si a marca do efêmero?

Em certa medida, a narrativa de Cauzino poderia ter passado despercebida e caído no desconhecimento. Estamos certos de que fatias enormes do passado jamais serão tomadas como objeto de reflexão histórica. Isto porque muitas dessas fatias não foram registradas, ou porque as ações do

²⁸ Arquivo Pessoa, Grupo 1, imagem 03.

²⁹ Arquivo Pessoa, Grupo 1, imagem 03.

³⁰ Durante o terceiro ato esta questão será retomada.

tempo e dos homens destruíram os registros que por ventura tenham sido realizados.

A narrativa levada a efeito por Felipe Cauzino, em uma comunidade do Orkut a respeito de suas relações afetivas, eróticas e sexuais com os amigos constitui em si um acontecimento. A narrativa de Cauzino nos permite acompanhar as transformações das *masculinidades*³¹ dos sujeitos narrados, e mesmo dos vários sujeitos leitores do fórum. Ao participarem – lendo e comentando – eles deixam as marcas de si, de suas sensibilidades, seus desejos, seus anseios, suas angústias e outros elementos que, analisados criticamente, nos permitem visualizar uma série de fatores que constituem os modos de sentir e pensar de *uma geração de jovens brasileiros usuários do ciberespaço nas primeiras décadas do século XXI*.

Todavia, a concepção que acabo de expressar acima parece não ser compartilhada, ainda, pelos Historiadores. No tocante ao contexto brasileiro e as influências que este recebe, persiste uma resistência, ou mesmo um total desconhecimento, quanto à possibilidade de se levar a cabo um trabalho historiográfico que tenha como base de análise as *fontes digitais exclusivas*³².

Assim, questiona-se então, o que são fontes históricas? Por que muitas fontes ainda precisam passar por um processo de *legitimação* quanto aos seus usos na pesquisa historiográfica? Será que os ensinamentos da (já velha) Nouvelle Histoire não foram devidamente assimilados? O que é que estamos entendendo com ampliação do conceito de fontes/documentos passados quase um século?

1.2 Os Annales, uma vez mais

Os documentos históricos e o sentido de *prova* que carrega a palavra advêm de sua longa apropriação por parte das ciências jurídicas. Apropriação esta que o Historiador também lançou mão. Contudo, um grupo de entusiastas reunidos em torno de dois homens, dois historiadores, dois sujeitos de temperamento e estilos diferentes produziram uma série de embates/combates contra uma determinada forma de pensar e escrever a História. De tal modo

³¹ Mencionamos apenas de passagem o conceito de *masculinidade*, pois ele será mais bem desenvolvido no segundo ato.

³² Mais adiante iremos discutir nosso entendimento sobre as *fontes digitais exclusivas* e suas diferenciações quanto às fontes digitalizadas.

que possibilitaram – o que passou a figurar na literatura do período – uma ampliação do conceito de documento/fontes. Os herdeiros desta tradição, se é que podemos chamar assim, continuaram a amplificar tais renovações.

Entretanto, é uma fala de Lucien Febvre (1992) que queremos tomar como ponto de partida para a discussão que almejamos travar. O Historiador francês afirma:

L'histoire se fait avec des documents écrits, sans doute. Quand il y en a. Mais elle peut se faire, elle doit se faire, sans documents écrits s'il n'en existe point. Avec tout ce que l'ingéniosité de l'historien peut lui permettre d'utiliser pour fabriquer son miel, à défaut des fleurs usuelles³³ [...] (FEBVRE, 1992: 487).

A História carrega ainda hoje a marca de uma Ciência que se constrói a partir dos documentos escritos. Apesar de todo o avanço que as técnicas de pesquisas têm possibilitado ao historiador, o jardim da História continua repleto de suas *fleurs usuelles*. No entanto, isso não significa dizer que o canto dos lírios, a dança das orquídeas, a encenação das margaridas e os relatos dos jasmíns não tenham colorido o roseiral de papel.

Porém, a lição não está completa. O trabalho das abelhas prossegue e o mel deve ser produzido. Para tanto, essas operárias devem voar longe em busca dos elementos que possibilitem a produção de seu mel. Novos campos devem ser buscados, novos meios devem ser encontrados e novas formas de aproximação devem ser utilizadas; pois, nos interrogava Febvre, nos idos de 1950 (1992:487-488):

D'un mot, avec tout ce qui, étant à l'homme, dépend de l'homme, sert à l'homme, exprime l'homme, signifie la présence, l'activité, les goûts et les façons d'être de l'homme. Toute une part, et la plus passionnante sans doute de notre travail d'historien, ne consiste-t-elle pas dans un effort constant pour faire parler les choses muettes, leur faire dire ce qu'elles ne disent pas d'elles-mêmes sur les hommes, sur les sociétés qui les ont produites — et constituer finalement entre elles ce vaste réseau de solidarités et d'entraide qui supplée à

³³ A tradução brasileira do mesmo texto traz o seguinte: “A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar seu mel, na falta das flores habituais” (Febvre, 1989: 249).

l'absence du document écrit ? (FEBVRE, 1989: 249-250)³⁴

Certamente não estamos desprovidos de documentos escritos – até porque eles são a base deste trabalho. No entanto, fica claro o quanto a narrativa gestada por Cauzino e pelos leitores/participantes da comunidade em destaque, nos permite levar adiante uma análise crítica destes escritos. A partir disso, é possível evidenciar “a presença, a atividade, os gostos e maneiras de ser” (FEBVRE, 1989) de cada um dos membros da comunidade *Contos Reais entre Amigos*.

Não estaremos tratando de coisas muettes – coisas mudas. Todavia, a análise empreendida consiste na parte mais apaixonante de nosso trabalho: “faire dire ce qu’elles ne disent pas d’elles-mêmes sur les hommes” – fazê-las dizer o que por elas mesmas não dizem sobre os homens³⁵. Desde sua primeira geração, os *Annales* produziram um tipo de análise na qual ficou patente a dimensão artesanal do fazer historiográfico. Sabemos desde então, e só temos aprofundando nossa consciência histórica deste ato, que nosso objeto – bem como nosso *corpus* documental – são construções levadas a cabo por nós enquanto historiadores interessados em responder (ou não) a certas problematizações colocadas pelo nosso tempo presente.

A renovação em História produzida durante as décadas de 1970 e 1980 convocou os historiadores a refletirem sobre o estatuto de seu ofício e de sua própria escrita. O texto de 1974 em que Michel de Certeau se interroga – e interroga aos pares – sobre “o que *fabrica* o historiador quando faz história?”, permitiu clarificar aos pesquisadores que as fontes, sejam quais forem, só respondem aquilo a que são interrogadas. Da mesma forma, não nos permite esperar que as fontes, quaisquer que sejam, possam nos dizer ou nos desvelar “o que de fato aconteceu”, como se um acontecimento estivesse adormecido nos documentos à espera que nós o retiremos do sono (DE CERTEAU, 1994).

A “escrita da história nunca é idêntica à fonte que lhe dá testemunho”,

³⁴ “Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve ao homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. Não consistirá toda uma parte, e sem dúvida a mais apaixonante do nosso trabalho de historiador, num esforço constante para fazer falar as coisas mudas, fazer com que digam o que por si próprias não podem dizer sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram – e, finalmente, constituir entre elas essa vasta rede de solidariedade e de entreatura que supre a ausência do documento escrito?” (FEBVRE, 1989: 249-250)

³⁵ Tradução Nossa.

porque quaisquer que sejam as fontes só o são “em decorrência do inquérito do historiador” (ARANHA, 2013: 33). Interrogá-las, criticá-las, retorcê-las, fazê-las falar. É necessário que tomemos uma posição de cautela, para duvidarmos das fontes e criarmos uma estranheza com relação a elas – apesar de sua proximidade com o nosso tempo. Devemos buscar, para além do que podem dizer, aquilo que silenciam.

Todavia, não devemos nos iludir e ingenuamente acreditar que tudo poderá ser dito, pois como bem lembra o historiador alemão Reinhart Koselleck: “uma fonte não pode nos dizer nada daquilo que cabe a nós dizer. No entanto, ela nos impede de fazer afirmações que não poderíamos fazer”. O autor traz aqui sua reflexão sobre o “poder de veto” das fontes – algo que compartilhamos neste trabalho. Elas nos dão as condições de acesso ao outro no tempo, ao mesmo tempo em que “nos proíbem de arriscar ou de admitir interpretações as quais, sob a perspectiva da investigação de fontes, podem ser consideradas simplesmente falsas ou inadmissíveis” (KOSELLECK, 2006: 188).

Esta mesma noção do “poder de veto do passado” é encontrada num texto mais antigo, escrito por Marc Bloch (2001)³⁶. Nele, o historiador francês nos lembra que não somos “cientistas livres”, pois temos no passado nosso “tirano”. Nas palavras do próprio Bloch: “os exploradores do passado não são homens completamente livres. O passado é seu tirano. Proíbe-lhe conhecer de si qualquer coisa a não ser o que ele mesmo lhes oferecer [conscientemente ou não]” (BLOCH, 2001: 75).

O que estamos querendo mostrar ao convocar os fundadores (e herdeiros) dos *Annales* é como, ao ampliar a noção de *fontes*, a História encaminhou-se para uma abertura de novos campos de investigação. A seara ampliava-se, grande era a colheita, mas ao que parece os trabalhadores foram/são poucos. Ou será que são suficientes, porém estão se concentrando em apenas alguns poucos espaços desta grande lavoura? Em meio a uma crise – que se arrasta ainda hoje? – a História ganhava um renovo.

1.3 “Esvaziar o social para tudo incluir”...

Em 1978, Jacques Le Goff organizava, junto com outros herdeiros do

³⁶ Utilizo neste trabalho a edição de 2001 de texto escrito na década de 1940.

espírito dos Annales, uma coleção que pretendia apresentar um panorama da produção historiográfica e a renovação que tomava ‘le métier d'historien’. Dez trabalhos de proa e outros 114 ensaios constituíam a obra: *A História Nova*.

Um dos pontos centrais desta obra era mostrar à comunidade internacional “a realidade pioneira da pesquisa histórica” naquele momento. Eram os tempos de “Beauvaisis, Montailou, a morte, o medo, a alfabetização dos franceses”. Uma série de embates que davam corpo a uma “história-problema”. Embates que almejavam, segundo Le Goff, forçar a história a romper os muros, sair de sua velha cidadela, tomar os campos próximos e os distantes (LE GOFF, 1988).

A ciência que se fazia em marcha e ainda na infância, ao que parece, avançou rumo à maturidade, mas alguns pontos que já se faziam presentes não avançaram muito. Chamo, aqui, a atenção para a *História do Tempo Presente*, chamada pela ocasião de *História Imediata*. Entretanto, o que nos importa, neste instante, é pensar a dimensão *social* da empreitada historiográfica. É, ainda, o mesmo Le Goff (1988) que nos possibilita um debate instigante a respeito deste ponto.

A dimensão social da história. Se voltando ao próprio título da revista dos Annales – *Annales d'histoire économique et sociale* – o medievalista faz um balanço das heranças e dos avanços proporcionados pelos primeiros annales, e como a História Nova se insere nessa discussão. Lançando mão dos escritos de Marc Bloch, Le Goff nos dirá que o termo *social* deve assumir um lugar de esvaziamento de seus sentidos, de forma que possa abarcar tudo que diz respeito aos homens e suas relações. Pois, diz Bloch:

Sabemos muito bem que ‘social’, em particular, é um desses adjetivos a que se fizeram dizer muitas coisas no decorrer do tempo, a tal ponto que por fim já não quer dizer quase nada [...]. Concordávamos em pensar que, precisamente, uma palavra tão vaga quanto ‘social’ parecia ter sido criada e posta no mundo por um decreto nominativo da Providência histórica para servir de emblema a uma revista que pretendia não se rodear de muralhas... Não há história econômica e social [e porque não acrescentar, agora, cultural]. Há a história pura e simples em sua unidade. *A história que é toda social, por definição* (BLOCH apud LE GOFF, 1990: 28).

Não há como pensar a história fora das relações sociais. Mesmo que apresentemos, em primeiro plano um ou outro elemento da sociedade, e

desejemos ansiosos em refletir sobre sua dimensão econômica, cultural, sensível. Estaremos a todo instante refletindo sobre porções do social, ou mesmo o social, em toda a sua complexidade, em escala microscópica.

No prólogo já anunciávamos o que nos parece ser um consenso: sobretudo para os cientistas sociais, o processo de construção das sociabilidades tem assumido – no tempo presente – uma conexão muito menor no espaço das redes materiais, do que nos espaços imateriais das redes comunicacionais. Esta é uma reflexão que compartilhamos de Santos (2005). Segundo ela – repetindo mais uma vez suas palavras – a construção destas sociabilidades tem criado as condições de possibilidade para emergência de uma sociabilidade *online* com um novo modo de sentir e de se relacionar com o outro.

Vejamos, pois, o exemplo da rede social Orkut. Nela, a inserção dos homens e mulheres na plataforma se dá independente de condições sincrônicas de tempo e espaço. As relações sociais, as experiências sensíveis fabricadas neste espaço e a construção das trocas simbólicas (da sociabilidade); se dão mediante a participação nas conversas e discussões levantadas em cada fórum – quer em relações de todos para todos, quer em relações endereçadas especificamente para um sujeito da rede social.

É nesse sentido que iremos refletir a respeito do processo singular instaurado pelo fórum de discussões criado por Cauzino. A cotidianidade dos relatos possibilita que o investigador acompanhe a construção dos afetos e o estabelecimento de relações. Perceba, enfim, instâncias do social que afloram, diariamente, em cada postagem e em cada (re)envio de mensagem.

Essa nova sociabilidade que se constrói sob o signo do híbrido – orgânico/artificial, humano/máquina, natureza/cultura – permite, com sua fluidez e velocidade, a produção de novas subjetividades. Acompanhando a leitura de Margareth Wertheim (2001), nós temos no ciberespaço a fabricação de um novo mundo: potencializador de novas experiências “com a riqueza de textura gerada pelo trabalho de muitas imaginações” (2001: 173). Na reflexão da autora, não é a materialidade que torna algo real, pois o ciberespaço é sim um lugar real, mesmo que destituído de fisicalidade – materialidade. Afinal, “eu estou lá – seja qual for o significado desta afirmação” (2001: 168-169).

1.4 Comunidades virtuais, registros sensíveis: o Ciberespaço enquanto suporte de pesquisa.

Nas próximas linhas, retomarei alguns temas já tratados até aqui. Contudo, a perspectiva que os move possui outra direção. Nesta seção, pretendemos verticalizar a discussão que sustenta a exequibilidade desta pesquisa.

Pode parecer muita ousadia ou soar pretensioso para um trabalho dissertativo, mas nosso anseio é estabelecer, com esta seção – e por consequência, com esta pesquisa – as condições para que outros trabalhos possam ser realizados neste campo. Ou seja, que outras pesquisas possam tomar o ciberespaço, e os registros nele inseridos, como fonte digital exclusiva para o desenvolvimento de uma pesquisa historiográfica.

Nesta direção, queremos apresentar ao leitor, especializado em História, como os escritos – registros – do ciberespaço podem ser tomados como ponto de partida para a reflexão de problemáticas de caráter historiográfico. Apesar dos esforços em dar leveza ao escrito, a linha mestra deste primeiro ato impele aos argumentos de face mais teóricos.

Então, pois, o que vem a ser o ciberespaço? O que seria este lugar – este espaço de atuação – de homens e mulheres onde a territorialidade assume uma dimensão subjetiva?

Começemos definindo em que consiste a *Internet*. Segundo as definições mais clássicas, a *internet* consiste na “rede mundial de computadores que interconecta milhões de equipamentos no globo”. Em sua primeira fase, estas ferramentas eram basicamente computadores de mesa, “estações de trabalho baseadas em UNIX e servidores armazenavam e transmitiam informações como sites e mensagens de e-mail” (KUROSE; ROSS apud ALMEIDA, 2011: 27).

Contudo, cabe lembrar que, hoje, estes equipamentos não se limitam às “estações de trabalho”. Temos no mercado, à disposição dos consumidores, uma imensidão de equipamentos capazes de nos conectar à *internet*, tais como: *notebooks*, celulares, televisores, automóveis, câmeras de vídeo, *tablets*, entre outros. A ampliação dos meios de acesso à rede faz com que o termo “rede de computadores”, em certa medida, se torne defasado. Porém,

não é objetivo deste trabalho problematizar esta nomenclatura.

Ao que diz respeito a este trabalho, chamo a atenção para a importância da *internet*, sobretudo, para os historiadores que se dedicam a compreender a história recente – também chamada de “História do Tempo Presente”. Compartilhamos a afirmação de Fábio Chang de Almeida, que nos diz que para estes profissionais:

negligenciar as fontes digitais e a *internet* significa fechar os olhos para todo um novo conjunto de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos e de valores que vêm se desenvolvendo juntamente com o crescimento e popularização da rede mundial de computadores (ALMEIDA, 2011: 12)

Foi exatamente o crescimento e a popularização da rede mundial de computadores, que permitiu a emergência de um novo espaço de sociabilidade: o ciberespaço. Afirmamos alhures que a noção de ciberespaço possui uma multiplicidade de direções. Todavia, tomamos para este trabalho o modo como este conceito foi operacionalizado na obra *Cibercultura* (1999), do pesquisador francês Pierre Lévy – um dos mais conhecidos estudiosos do Ciberespaço³⁷.

No livro *Cibercultura*, tradução brasileira de 1999, Lévy apresenta o ciberespaço como um espaço de diálogo e de comunicação que se dá por meio de computadores. Nesta ideia está inserida a infraestrutura material da comunicação digital; o universo de informações que ele abriga; e os indivíduos que o fazem funcionar e que por ele navegam (NUSSBAUMER, 2004). Para que fique claro o entendimento do autor, ele afirma que:

o ciberespaço [...] é um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam este universo (LÉVY, 1999: 92)

Fica evidente que na reflexão levada a cabo por Lévy, o ciberespaço é pensando em sua condição de um dispositivo original nas comunicações por estabelecer uma relação de “todos para todos”, possibilitando a construção de *comunidades*. A noção de ciberespaço trazida pelo francês, ganha força em

³⁷ Muito do que entendemos por *ciberespaço* já foi apresentado no prólogo. Porém, pretendemos retomar parte das ideias lá desenvolvidas a fim de verticalizá-las nesta seção.

nossa problematização ao nos permitir pensar o ciberespaço enquanto encorajador de novos estilos de relacionamentos, quase independente dos lugares geográficos— para não dizer desterritorializados.

Segundo os escritos de Lèvy (1999), no instante em que uma informação é registrada no ciberespaço, ela passa a ser virtual e, imediatamente, predisposta ao acesso de qualquer pessoa que possa acessá-la. E o mais encantador da ferramenta: esta informação passa a estar à nossa disposição “independentemente das coordenadas espaciais de seu suporte físico” (LÈVY, 1999: 96).

Neste sentido, afirma Lèvy, “torna-se possível que comunidades dispersas possam *comunicar-se por meio do compartilhamento de uma telememória* na qual cada membro lê e escreve, qualquer que seja sua posição geográfica” (Id, Ibid: 96. Grifo nosso).

Para exemplificar a fala de Lèvy, vamos apresentar uma imagem retirada do Orkut. Nela poderemos mostrar como os membros estão espalhados por várias regiões do país:

The screenshot shows a web browser window with the URL www.orkut.com.br/Main#CommMembers?cmm=1037675148&tab=1. The page displays a list of community members with the following details:

- Ad, um novo homem! (179)**: campina grande, Brasil. Membro desde...
- Felipe CauZinO LotAdOoO Perfil | ∞ (82)**: São Paulo, Brasil.
- ! cúu - ée - cáa . (220)**: BSB a lenda, Estados Unidos.
- ™ Edu Saba (0)**: Brasil.
- ☪ Felipe CauzinoO © (5)**: Brasil. **Moderador**.
- tato ... (0)**: BH, Brasil.
- barty simpson (104)**: Brasil **, Brasil. **Moderador**.
- Felipe Ferreira (34)**: São Paulo, Brasil.

The left sidebar contains navigation options: Contos reais entre amigos (3.493 membros), comunidade, fórum, enquetes, membros, and Ações (Deixar comunidade, Seguir comunidade, Criar tópico, Criar enquete, Denunciar abuso). A YouTube logo is also visible in the sidebar.

Imagem 1 - Página de membros da Comunidade Contos reais entre amigos³⁸

Esta página pertence à comunidade que estamos tomando como base de nossas análises. É possível perceber como os membros estão em várias localidades do país: Paraíba, São Paulo, Distrito Federal, Minas Gerais e outros. Para além de outros elementos que poderiam estar sendo tomados como feixe de análise, o intuito de apresentar a imagem é tão somente o de confirmar o argumento, acima explorado, de Pierre Lèvy, segundo o qual os membros de uma comunidade – virtual – “lê e escreve, qualquer que seja sua posição geográfica” (LEVY, 1999: passim).

O ciberespaço, tal como o estamos compartilhando neste trabalho, cria novas formas de se relacionar. As comunidades e os fóruns gestados neste espaço dão contornos novos aos modos de construção dos mesmos. Ainda segundo Lèvy, “o ciberespaço torna-se uma forma de contatar pessoas não mais em função de seu nome ou de sua posição geográfica, mas a partir de seus centros de interesses” (LÈVY, 1999:103).

Cabe lembrar que não é apenas a dimensão geográfica que se encontra delatada no ciberespaço. O tempo é outra dimensão importante para uma reflexão levada a cabo sobre este fenômeno social. Podemos afirmar, a partir das leituras que realizamos até a presente data, que no ciberespaço as coincidências temporais para o relacionamento são quase que anuladas, haja vista a comunicação assumir caráter *assíncrono*³⁹.

Esta comunicação assíncrona está assentada na escrita. É, pois, neste sentido que a dimensão escriturística destas relações nos chama a atenção com maior força. Afirmamos isto, pois acreditamos que a construção das relações sociais e afetivas, no ciberespaço, se dá de forma muito clara por meio da escrita e da relação de postagem e repostagem.

A escrita nos fóruns *online* do ciberespaço, por exemplo, nos permite problematizar sobre a dupla função desempenhada por essas trocas de *posts* (correspondência virtual). Ao mesmo tempo em que age sobre aquele que

³⁸ Imagem retirada da página dos membros da comunidade *Contos reais entre amigos*. Endereço eletrônico da página: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMembers?cmm=103767514&tab=1>, acessado em 03 de Setembro de 2013.

³⁹ Operação que se desenrola de forma independente de qualquer mecanismo de sincronização em tempo ou comunicação que se processa em modelos de transferência de dados distintos para o upload e download, como o ADSL. Para uma maior compreensão dos termos o leitor pode acessar o Dicionário da Internet. (<http://www.suapesquisa.com/dicionario/>)

escreve, pelo ato de ler o que escreve; ela também age sobre seu(s) destinatário(s), por meio da leitura e releitura⁴⁰.

Pierre Lèvy já chamava a atenção para essa característica da escrita no ciberespaço. É comum, diz Lèvy, o remetente de uma mensagem retomar em seu texto a mensagem de outro, ao qual ele pretende responder. De modo que uma mensagem se assemelha, muitas vezes, ao comentário de uma anterior. Segundo o autor, “podemos, assim, ter diversas ‘camadas’ de um texto (às vezes quatro ou cinco, ou mais diríamos) no interior de uma mensagem, cada ‘dobra’ tornando-se, de certa forma, o ‘envelope’ da anterior” (LÈVY, 1999: 99).

Para que possamos visualizar melhor o processo de formação destas “dobras”, mencionadas por Lèvy, apresentamos abaixo a sequência narrativa que se desenrolou em fins de março e início de abril de 2011; e que foram levadas ao conhecimento da comunidade no tópico criado por Cauzino. Decidimos postar desde o *evento* inicial, passando pela constituição de suas dobras:

Felipe Cauzino ©- 01/04/2011

Gastrite, viagem, aniversário do Chris.

Matheus sua bixa, fica aí declarando minhas particularidades cocozais pra todos é?! Deixa você. Ontem estava mal, fortes dores no estomago, hoje de manhã fui ao medico, o Jean e o Theus levaram o Chris na escola e eu fui direto. Cheguei la entrei com emergência, não querendo me gabar, mas nada como você ter um pouco mais de dinheiro para que seja atendido bem e rápido. Sempre tem que fazer aquelas fichas gigantes, que ate hoje não sei pra que, se seria mais fácil fazer um cadastro e pronto, quando você fosse no hospital simplesmente falava seu nome e pronto. Mas quando falei o cargo que ocupo, o atendimento foi rápido demais, parecia que eu era o presidente do Brasil. Acho que ate me passaram na frente de alguém. Entrei na sala, expliquei o que tava rolando, o medico, olhou pra mim,

- 24 anos? Aparentemente você esta saudável, mas por fora não quer dizer nada, vamos fazer um endoscopia pra ver como esta por dentro. Acho que a anestesia não fez efeito por que senti tudo e vi também. O medico doutor Rafael, olha o nome ne.

- Senhor Felipe, você faz uso de bebidas alcoólicas em excesso?

- Desde o carnaval que não bebo.

⁴⁰ Acompanhando a leitura de Paula Sibilia, podemos então pensar nos “computadores e as redes digitais” como a emergência de um novo cenário para a “colocação em prática da antiga ‘técnica da confissão’”, esse dispositivo de controle que se apresenta sob a forma de “modalidade de construção da verdade sobre os sujeitos que há séculos vigora no Ocidente”, e como bem lembra a autora, a “genealogia [desse dispositivo] fora traçada por Michel Foucault” em *A vontade de saber* (1988). (SIBILIA, 2003:6)

- E antes?
- Sim bebi.
- Pelo jeito muito, Quais tipos de bebidas?
- Ah, não me faça pergunta difícil, bebo de tudo.
- É o seu fígado esta um pouco prejudicado, diríamos desidratado. Terá que fazer uma dieta e não ingerir álcool por um tempo.
- Quanto?
- Três meses talvez quatro Evitar congelados, gorduras, comidas acidas, cigarro, refrigerantes, drogas. Evite também passar por stress em excesso.
- Gostou?
- Não fumo e não uso drogas. Agora stress acho meio difícil.
- Melhor ainda. Vamos fazer uma consulta daqui a 15 dias, cuide-se você é novo demais para estar assim
- Ta pode deixar. Sai de la com uma receita com remédios, passei na farmácia e já comprei. É osso. Mas vai passar Ouviram recomendações medicas não é, não bebam em excesso tudo um dia volta. Chegando na empresa, o Gilson me esperava, joguei minhas coisas na mesa ele sentado na minha poltrona,
- Felipe, te trago ótimas noticias.
- Imagino.
- Calma filho boas mesmo
- Solta ai então.
- Marquei uma viagem pra você em maio pro Chile. São somente 10 dias
- Em maio? Não vai dar.
- Como assim não vai dar?
- Maio é o aniversario do Chris.
- Mas eu nem falei qual dia será.
- Hã!
- Na semana do dia 10.
- Agora que não vou mesmo, ele faz aniversario dia 14, um ano, não vou ficar longe dele.
- Felipe, é o peso do cargo, na formatura da faculdade da minha filha eu estava na Argentina, também não fui, ela ficou chateada mas fazer o que pra garantir a faculdade dela tinha que trabalhar
- Gilson desculpa, desmarca. Chama outro, manda a Suellen, na minha ausência ela não assume? Pronto
- Desmarcar? Você acha que eu posso cancelar uma palestra por causa do aniversario do seu filho
- Sinto muito. Eu não vou. Sempre disse que meu filho em primeiro lugar.
- Felipe, eu que sinto muito, sei o que significa pra você, mas não posso adiar, você terá que ir, será uma palestra formativa para gerentes.
- Não me interessa o que é, eu não vou.
- Pense bem, é um avanço na sua carreira, você esta apenas começando Vai pensando ai.
- Já esta pensado Gilson. Não vou.
- Agora eu estou te dando uma ordem, já não é a primeira vez que você me peita assim Felipe, a escolha é sua, lembre-se que tudo gera uma conseqüência.

- É eu sei, vai gerar uma mesmo. Meu filho me culpando a vida toda por que não estava no aniversário de um ano dele.
- Ele vai entender.
- Tá. Ele saiu, arranquei a gravata, joguei o terno em cima da poltrona e fui pra trás da mesa Mandei email pro Jean. “Sobe aqui por favor”. Passou uns 10 minutos o Felipe
- Cauzino o Jean esta ai falou que você mandou...
- Manda entrar Jean entrou rápido.
- Que foi? Que cê tem?
- Gastrite. Mas não é isso. Você acredita que o Gilson marcou uma viagem pra mim em maio bem na semana do aniversário do Chris?
- Pra onde?
- Chile.
- Caralho pro Chile? E só você pode ir?
- Segundo ele só eu.
- E o que você vai fazer?
- Eu não vou Jean. Não vou perder o aniversário do meu filho. Ele só vai fazer um ano uma vez.
- Ixi Cauzino e agora?
- Não sei. Vou tentar passar pra alguém. Eu não vou.
- E vai falar o que pra ele.
- Já falei, não vou.
- Mas Nego, é importante.
- Não tem nada mais importante que o Chris.
- Não sei o que te falar. Por que são duas coisas importantes. Você não pode levar ele?
- Não, quem vai cuidar dele la?
- Chama a Josy pra ir com você.
- Jean ela tem família, cuida dos sobrinhos dela.
- Tenta Nego, de repente ela gostaria de ir
- É vamos ver. Valeu Nego. Uma luz pra mim. Almoço aonde hoje.
- Um lugar com comida de verdade, tava querendo ir no Mc mas você não pode, então vamos comer no restaurante mesmo.
- Eu falo pro Matheus e pro Filipe.
- Ta vou ver o que vai pegar aqui e mando email avisando a hora. Te amo.
- Também, se preocupa não, vai dar certo.
- É foda, peso de cargo nessa altura do campeonato. Caralhoouooo

Cauzino (*sic*)⁴¹

Observando os dados do evento narrado, é possível mapear as condições de possibilidade para uma análise historiográfica. O leitor atento aos detalhes e às conexões, detalhes estes cedidos quer pelo autor/narrador/personagem⁴², quer pela lógica de funcionamento da própria

⁴¹ Arquivo Pessoal, Grupo 17, Imagem 37- 40.

⁴² Este feixe será mais bem debatido quando de nossas reflexões sobre a constituição dos diários íntimos na internet.

rede social. Ora, o marcador inicial da narrativa é a temporalidade do calendário – 01/04/2011. Este marcador diz respeito a uma das ferramentas utilizadas pelo historiador para constituir aquilo que Paul Ricoeur (1997) chamou de “Tempo Histórico”. Ou seja, “a capacidade criadora de refiguração do tempo”, desenvolvida pela história no exato instante que inventa e usa certos instrumentos de pensamento para equilibrar em sua narrativa duas outras dimensões do tempo: o vivido e o universal (cosmológico) ⁴³.

No entanto, para além deste marcador, a narrativa vai constituindo outros elementos que nos permitem acesso não apenas ao cotidiano do sujeito que narra, mas também a uma estrutura maior de sociedade. São marcadores que fazem o leitor, conhecedor das condições e diferenças sociais do país, sentir os nexos de verossimilhança que amarram a narrativa. Cauzino afirma: “não querendo me gabar, mas nada como você ter um pouco mais de dinheiro para que seja atendido bem e rápido”, e mais a frente diz: “quando falei o cargo que ocupo, o atendimento foi rápido demais, parecia que eu era o presidente do Brasil. Acho que até me passaram na frente de alguém”. O leitor que conhece as condições de atendimento dos hospitais públicos no Brasil, certamente entenderá as motivações de tais comentários.

Contudo, não são apenas estes elementos que dão este sentido de continuidade que enreda a narrativa. Sua capacidade de nos fazer acompanhá-la, assim como os dias e as datas; tecem a linearidade do evento narrado. A constituição do subjetivo e de certa afetividade fica patente em termos que fazem o corte sobre os gestos, sobre o corpo. “Mas nego é importante”... “Nada é mais importante que o Chris”... “Ela tem família”... “É foda, peso de cargo a essa altura do campeonato. Caralhoouoo”⁴⁴ (sic).

Logo em seguida, a publicação do dia narrado passa pelo processo de recepção e reconfiguração das ações, pelos membros da comunidade. As respostas ao *post* tomam duas direções: a primeira, diz respeito à constatação da doença gastrointestinal e os cuidados que a mesma requer; a segunda questão que se impõe ao grupo, e leva alguns dos membros a interferirem no assunto, está relacionada à “ida ou não ao Chile” – afinal, há um choque de interesses em campos distintos, ou seja, uma viagem que opõe as relações de

⁴³ Paul Ricoeur. Tempo e Narrativa, Tomo III, página 179 et seq.

⁴⁴ Arquivo Pessoal, Grupo 17. Passim.

trabalho às relações afetivas/familiares. Segundo o relato, o problema da ida ao Chile é que a mesma ocorreria no dia 10 de maio, daquele ano, na mesma semana em que o filho do Cauzino faria seu primeiro aniversário.

Na passagem que se segue, é possível observar que o companheiro de Cauzino posta uma mensagem de apoio, algo que independe do relato. Em seguida, observamos como um membro da comunidade comenta a questão da realização da viagem:

Jean F. – 01/04/2011

“Nego, sintá-se feliz, pois no mundo tem alguém que diz... Que muito te ama, que muito te ama que tanto te ama...”

Jean

Rich – 01/04/2011

Aaai, Cauzino, você leva as coisas muito a ferro e fogo. O Chris é um bebê, não tem AMIGOS, se fosse o caso de ter uma festa, não seria pra ele, mas pra você apresentá-lo à sociedade, esse é o rito.

Se você tem de estar no Chile no aniversário dele e tem condições financeiras de levar alguém junto, faça isso. Concilie. Que não seja a Josy, se ela não puder ou não quiser, mas com certeza você vai achar alguém que tope cuidar do Chris e ainda por cima conhecer o Chile de graça.

Beijo

Ao avançar na leitura, vamos constatando a constituição das dobras. Cada mensagem parece compor um envelope para a mensagem anterior, formando um todo que abarca um evento em quase toda a sua totalidade. Olhares e leituras que perpassam desde sujeitos que estão distantes, até sujeitos que vivenciam o cotidiano juntamente com Cauzino – como é possível visualizar na postagem de um dos amigos que mora com ele, *Matheus R.*

É nesta passagem que constatamos, de forma mais clara, o jogo de remissões e dobras, pois, ao mesmo tempo em que comenta a postagem de Cauzino, *Matheus R.* retoma o comentário realizado por *Rich*. A mesma ideia está presente na postagem que traz um comentário do próprio Cauzino afirmando que o problema relatado anteriormente, a questão da ida ao Chile, encontrava-se resolvido; e continua sua postagem só que retomando aquilo que havia sido objeto de comentário de *Matheus R.*:

Matheus R. - 02/04/2011

Olha Cacá paga pra mim que eu vou com você pro Chile... Ou você prefere o Lucão???

Rick ele gosta de ferro e fogo?? Sabia desse fetiche dele não.. Hum vou avisar o Jean e colocar arame no forno.... Cacá você me surpreende... (sic)

Felipe Cauzino 02/04/2011

Problema resolvido, já achei uma babá pra ir comigo, a KArina e o André eles vão comigo, ai quando voltarmos faremos a festa para o Chris...

Theus quanto a chamar o Lucão, acho melhor não... Vai saber o que pode acontecer lá ne ...

Bom final de semana homarada curtam ai se beber não diriga...

Pelo jeito vou dirigir muito ...

CauzinO (sic)

Para nós, parece estar claro como estes relatos criam a sobreposição de leituras. Muitas mensagens acabam sendo respostas a algo dito anteriormente, que muitas vezes acaba por ser também uma resposta. Na direção deste argumento, compartilhamos da afirmação de Lèvy ao dizer que com estas trocas de mensagens, podemos “reconstituir linhas de conversas relativamente independentes” (LÈVY, 1999).

Escrever é se mostrar, se expor e se colocar sob olhar do outro – dessa miríade de destinatários – mas também aparecer para si mesmo. À medida que isto acontece é que a escrita nos fóruns *online* nos permite visualizar a construção desses territórios afetivos que, paulatinamente, vão ganhando forma. Essa escrita, que se constrói no ciberespaço, se liga às relações com os outros possibilitando a transformação da intimidade e a emergência de novos processos de subjetivação. Tais processos não se limitam mais a lugares fixos, sendo agora percebidos em sua dimensão fluida, descontínua, fragmentada e, mesmo, deslocados (HALL, 2003).

Contudo, esta escrita coloca ao pesquisador um problema que assume, nos dias atuais, a condição de “calcanhar de Aquiles” para as pesquisas que tomam os registros digitais exclusivos como base de investigação. Como dissemos acima, o efêmero é a marca destes registros. A exemplo desta discussão, basta mencionar que o *fórum* criado por Cauzino foi deletado, ou seja, excluído da rede social. Com isso, todos os registros também foram retirados saíram do ar.

O que utilizamos hoje são os escritos reinsertados por Cauzino na comunidade, assim como as postagens dos leitores entre julho de 2010 e dezembro de 2011.

Cabe mencionar, ainda, que todas as postagens de Cauzino, inclusive as supostamente deletadas do Orkut; foram enviadas pelo mesmo para nós por *email*. Para efeito de constatação de nosso argumento, anexamos ao fim deste trabalho a imagem do *email*, recebido em 26 de janeiro de 2011, de Felipe Cauzino – quando ele nos envia seus escritos diaristas que já haviam sido postados na comunidade. Uma questão que tangencia este e-mail recebido, para além do que estamos discutindo nesta seção, diz respeito à dimensão do envolvimento sentimental que se construiu ao longo dos anos entre nós, agora como pesquisadores, e muitos dos membros da comunidade.

Contudo, apesar de salvaguardadas as postagens de Cauzino, é importante frisar que as postagens com os comentários dos leitores, antes de julho, foram efetivamente perdidas. Isto nos permite refletir um pouco sobre um dos principais problemas quanto ao uso da *Internet* enquanto fonte primária exclusiva: a exclusão, voluntária ou não, dos registros.

Este apagamento das evidências emerge como o ponto central da desconfiança para realização de pesquisas com fontes digitais. Entretanto, este mesmo problema suscita no Historiador o compromisso ético quanto à responsabilidade pela preservação dessa memória (passado).

O problema da volatilidade das fontes nos leva a encarar a questão de forma cautelosa. Almeida (2011) sustenta que “o caráter efêmero da *Internet* torna ainda mais importante a tomada de consciência dos historiadores perante esta nova categoria de fontes”. Segundo ele, “muitos sites são retirados do ar sem aviso prévio e seu conteúdo pode ser perdido, visto à sua inexistência em outro suporte” (ALMEIDA, 2011: 16).

Esta questão da exclusão dos registros nos conduz a problematizar a dimensão metodológica, quanto aos usos da *internet*, e seus registros, enquanto fonte exclusiva para a pesquisa historiográfica. Como discutimos acima, o acesso do historiador ao outro – no tempo passado – só acontece por meio das fontes, sejam elas quais forem.

No período em que a comunidade foi deletada, em meados de 2010, e na sua recriação; muitos comentários surgiram com a (re)postagem dos relatos antigos de Cauzino. Dentre estes comentários, chamo a atenção para o comentário escrito por mim, enquanto leitor da comunidade na época. Por aqueles tempos, como já foi dito, éramos apenas leitores assíduos da

comunidade. Porém, o fim do curso de graduação em História já deixava suas marcas na nossa escrita enquanto leitores. Marcas de uma consciência histórica e da dimensão memorialista que conduz parte de nosso trabalho.

O meu comentário é iniciado com um título que em si diz muito para o campo da História: *História e Memória*. Nele, é dito o seguinte:

Cauzino, tomei o maior susto hj. terminou o são joão por aqui em cg e quando entro no orkut pra lê seus textos: “comu excluída”. cara parece engraçado mais eu me senti super vazio, pensei que iamos ficar sem seus contos e sem acompanhar essa sua história de vida (sua vida).

infelizmente para hoje nos resta a memória, somos inúmeros leitores que hj apenas dispomos de um arsenal memorialístico do que aconteceu, do que foi dito e escrito por todos os que te acompanham.

Hoje, a história (enquanto escrita) foi privada de todas aquelas páginas que todos que são seus fãs, bem como vc mesmo, produziu. uma história para ser lida, relida, e quem sabe um dia té reescrita como contos literários. confesso que cheguei a pensar nessa possibilidade, pedi autorização pra copiar todos os scraps da comu e organizar em capítulos, e um dia que[m] sabe lançar o livro – um lançamento aqui e outro ai em são paulo – nos dois vc teria que estar presente.

Hj são só lembranças, lembranças maravilhosas de um cara hiper maravilhoso, recordar é viver, mas é reescrever de uma forma diferente, kkkkkkkkkkkkkkk [risos] infelizmente detalhes ficam pelo meio do caminho quando temos a sensação de estar diante d eum dèjá vu.

Abração. e é isso aqui. é ‘nois’ aqui de novo⁴⁵ (sic)

Para o historiador da leitura, antes de tudo, ficam patentes os marcadores de tempo e espaço, pois a indicação cultural dos festejos juninos realizados na cidade de Campina Grande, no estado da Paraíba, permite-nos localizar no calendário a postagem em fins do mês de junho e início de julho. Certamente que, para o leitor não familiarizado com as tradições culturais que regem o calendário nacional, especificamente na região Nordeste do país, a possibilidade de realizar esta conexão fica um tanto comprometida.

No texto ainda é possível identificar um lugar de fala para o remetente da postagem, pois o domínio de determinados termos leva o leitor a associar o comentário feito a um historiador ou estudante da ciência histórica. O jargão que pesa sobre a ciência histórica fica patente: distinções entre a História vivida e a História escrita; além disso, a ideia de memória e a leitura do tempo

⁴⁵ Arquivo Pessoal, Grupo 1, Imagens 19 e 20.

são ainda marcadoras de uma cultura histórica. Assim, temos diante de nós marcadores específicos de um lugar social.

Todavia, outro elemento importante deve ser trazido ao nosso debate: o leitor-participante. Vamos chamá-lo assim, haja vista o informante, além de leitor da comunidade, também é um de seus comentadores, logo, um de seus construtores. Ele, o leitor, é surpreendido com a informação de que a “comu⁴⁶ foi excluída”, e com ela veio a sensação de “vazio”, desabafa. O texto nos permite observar a sensibilidade dos leitores que participam da comunidade. A partir da percepção de tal sensibilidade, nos são permitidas enxergar/sentir o porquê de, além de leitores, muitos são escritores/narradores de si.

Os laços afetivos também são explicitados no comentário citado anteriormente. Isto fica evidente com os elogios que são remetidos a Cauzino por parte do leitor-participante. Outros comentários semelhantes foram realizados. Muitos falando sobre o susto do apagamento da comunidade; outros felizes por terem visto que a comunidade havia sido recriada, e que algumas partes das antigas postagens estavam sendo reinseridas.

A questão do apagamento dos registros vai além da sensação de perda experimentada pelos membros da comunidade. No tocante à realização das pesquisas que tomam o ciberespaço, e os registros nele contidos, como base de reflexão, outros questionamentos se impõem.

No decorrer de nossa pesquisa, e mesmo das atividades acadêmicas em sala de aula, ficou claro o desconhecimento de muitos de nossos colegas quanto à possibilidade de uma pesquisa ser realizada tomando como suporte de análise os escritos advindos de uma rede social. Para além dessa experiência, podemos apontar ainda a grande resistência entre os historiadores com relação ao uso das fontes digitais no desenvolvimento da pesquisa histórica.

Em texto recente, Almeida (2011) aponta duas questões iniciais para esta resistência: a primeira delas, segundo o autor, consiste na “herança metodológica positivista que privilegiava os ‘papéis’ oficiais”. Uma segunda explicação para esta resistência, diz ele, talvez seja a “ausência de uma ampla discussão teórico-metodológica acerca do assunto” (Almeida, 2011: 11).

Todavia, compartilhamos do pensamento de Almeida ao afirmar que “a

⁴⁶ Leia-se ‘Comunidade’.

falta de parâmetros metodológicos não significa que os estudos que lançarem mão destas fontes devam negligenciar a reflexão metodológica de sustento do trabalho”. Para Almeida, questões como: “como [foi] analisado o material? e/ou de que forma foi preservado o conteúdo analisado?” (ALMEIDA, 2011:11) são pontos que não podem passar ao largo de uma pesquisa desta natureza.

Podemos afirmar que chegamos a este ponto do texto em estado de *combate*. De uma verdadeira defesa pela legitimação de uma fonte e de um objeto de pesquisa. Ao que nos parece, o historiador ainda cria resistência – muros em torno de si. O novo, demasiado novo, ainda o assusta. Certamente isso seria justificado pela ausência de técnicas específicas para o manuseio e trato destas fontes. Mas, não seria a primeira vez, e creio, nem a última, que a História e seu artesão lançariam mão – sua longa mão – por sobre os muros de suas irmãs, das ciências irmãs e vizinhas.

Para nós fica patente a quantidade de trabalhos antropológicos, sociológicos e/ou psicológicos; que tomam o ciberespaço como campo de observação. Ora, lá estão homens e mulheres que agem e sofrem ações, que deixam suas marcas e se marcam. Agora, por que tanta dificuldade em fazer emergir os trabalhos historiográficos?

Para responder a este questionamento, retornamos ao debate iniciado nas linhas acima. Retomemos a reflexão realizada sobre a noção de fonte/documento na/para a produção do conhecimento historiográfico, além de sua estreita relação com os escritos dos primeiros annales e alguns de seus herdeiros.

Chamávamos a atenção para a ampliação da noção de fonte que a historiografia dos últimos 50 anos tem manifestado. Entretanto, ao que parece, nos redutos mais tradicionais da reflexão histórica, digo: alguns centros de produção do conhecimento historiográfico, baluartes últimos da produção do conhecimento e muitos de nossos antropófagos – historiadores localizados nas margens destes centros, porém importadores destas ideias e profundamente influenciados – estas ampliações da noção de fonte não alcançam ou não devem tocar em toda e qualquer produção/manifestação do pensamento humano.

Nesse sentido, parece impossível não ter que pensar a produção deste trabalho em outros termos a não ser o de tornar os registros no ciberespaço em

marca, rastro, documento, em última instância, fonte histórica. Dito em outros termos, a tarefa aqui realizada consiste na elevação ao status de fonte passível de uso para a produção do conhecimento histórico dos registros realizados no ciberespaço.

Para que não fique dúvidas quanto à certeza que temos sobre a condição historiográfica dos registros realizados na Rede Social Orkut, ou seja, dos registros no ciberespaço, apresentaremos o percurso de nossas leituras que atravessam desde o campo da Arquivologia⁴⁷, passam pela filosofia e aportam na ciência história.

Tudo começa com o ato de *registrar um testemunho*. Pois, como afirmou o filósofo francês Paul Ricoeur, o testemunho é na melhor das hipóteses o que temos de mais seguro para se pensar o passado. Segundo Ricoeur,

Será preciso, contudo, não esquecer que tudo tem início não nos arquivos, mas com o testemunho, e que, apesar da carência principal de confiabilidade do testemunho, não temos nada melhor que o testemunho, em última análise, para assegurar-nos de que algo aconteceu, a que alguém atesta ter assistido pessoalmente, e que o principal, se não às vezes o único recurso, além de outros tipos de documentação, continua a ser o confronto de testemunhos (2007:156) .

Esta postura, muito lúcida, de Ricoeur em certa medida é o que tomamos como fundamento deste trabalho. A ideia de que estamos diante de inúmeros testemunhos, com os quais podemos confrontá-los, testemunhos que nos dão a seguridade necessária para pensar nosso objeto de trabalho em sua dimensão histórica. Cabe, ainda, afirmar que a observação cotidiana da publicação destes testemunhos – quer os testemunhos de Cauzino e seus amigos próximos, quer os leitores e seus comentários – nos possibilita a reflexão “exclusiva” sobre este *corpus* documental.

É necessário não perdemos de vista o fato de que nós, historiadores, somos “tradutores da experiência passada no presente” e que, enquanto tais, devemos tomar “consciência da distância cultural entre o [nosso] próprio tempo e o tempo do outro” (ARANHA, 2013: 30). Certamente, nesta metáfora não

⁴⁷ Disciplina que estuda as funções do arquivo e os princípios e técnicas a serem observados na produção, organização, guarda, preservação e preservação utilização dos arquivos. Também chamada arquivística. IN: Dicionário brasileiro de Arquivística, Rio de Janeiro, 2005.

estamos cogitando a tradução perfeita, aquela que seria capaz de verter a cultura do outro para a cultura do próprio. A distância do tempo acaba por ser insuperável, em certos aspectos, contudo, a reflexão sobre os testemunhos é para a historiografia sua pedra de toque. Manuscritos, datadas de séculos passados, são tomados como fontes de análise para pensar a cultura do outro, são aceitos enquanto base empírica do conhecimento historiográfico. Testemunhos muitas vezes proferidos anos depois da experiência vivida, mas ainda sim testemunhos⁴⁸.

Sendo assim, não vemos barreiras em pensar a condição historiográfica para os registros realizados no ciberespaço. Estamos diante de testemunhos tão frágeis quanto os de outros formatos de história; o grau de confiabilidade destes testemunhos é semelhante ao caderno de campo de um antropólogo, que se lança na cultura do outro para recolher informações, ou o historiador social que se vê cercado por processos-crime e busca uma chave de interpretação e acesso a cultura do outro por meio de uma leitura a contrapelo, uma leitura que se lança por sob as franjas do instituído.

O testemunho registrado no ciberespaço difere, em essência, do testemunho do diarista⁴⁹ tradicional – ou seja, o diarista que registra seu cotidiano no papel – exatamente pelo *suporte do registro*. O caráter efêmero dos registros na *internet* é o que faz tremer muitos dos historiadores. No entanto, é justamente essa condição frágil – não que o papel não seja – que “torna ainda mais importante a tomada de consciência dos historiadores perante esta nova categoria de fontes” (ALMEIDA, 2011: 16).

O historiador que se debruça sobre temporalidades mais recentes pode vislumbrar, neste formato de fonte, uma ‘janela de acesso’ às expressões do humano que não fosse a sua intervenção, não só para a análise, mas também para a preservação das informações, o documento poderia ser perdido em caráter definitivo. Situação que ocorre cotidianamente, haja vista que muitos sites são retirados do ar sem prévio aviso levando ao apagamento de centenas de registros.

Outra questão fundamental entre os documentos digitais exclusivos, e os

⁴⁸ Tenho em mente aqui o texto *O grande massacre de gatos* (1986), do historiador estadunidense Robert Darnton. Nesse texto, as reflexões do historiador se dão a partir de escritos produzidos pelo narrador do evento anos depois da experiência.

⁴⁹ Diarista é um termo utilizado nos estudos do gênero diário e refere-se ao autor/escritor de diário. O tema será melhor debatido da segunda seção do segundo ato.

registros documentais tradicionais na pesquisa histórica, diz respeito ao suporte físico. É importante frisar que os registros documentais em formato digital possuem como característica central a dissociação entre o suporte físico e o seu conteúdo informacional⁵⁰. Esta dissociação nos leva a questionar a própria noção de documento que a historiografia pretende colocar em ação. Despreendendo-nos da ciência histórica e indo até a Arquivística será possível nos depararmos com uma noção de *documento* bastante frutífera aos nossos objetivos. No texto *Arquivo: teoria e prática*, de Paes (2004), documento é definido como: “o registro de uma informação, independente da natureza do suporte que a contém” (PAES, 2004). Como bem lembra Almeida, esta noção é fundamental para as pesquisas realizadas com registros do ciberespaço, isso porque “quebra qualquer hipotética relação de dependência entre o documento e o suporte em papel” (ALMEIDA, 2011: 17).

A importância deste debate consiste na ênfase que passa a ser dada ao “registro da informação”, ou seja, a marca, o vestígio de que algo aconteceu em detrimento do suporte que contém a informação afastando, desta forma, “o ‘problema’ da natureza digital das fontes eletrônicas” (Id, Ibid: 17).

Fica-se, assim, claro que o documento é “o registro da expressão da experiência humana, em suas mais variadas manifestações, independente de seu suporte material” (Id, Ibid:17). Algo que já chamávamos a atenção quando do debate instaurado a partir dos escritos de Lucien Febvre e Marc Bloch, nas linhas acima.

Desta forma, chegamos ao fechamento deste primeiro ato acreditamos que o alicerce foi criado para que possamos assumir o conceito de “documento digital”, segundo a segura reflexão Almeida (2011), para quem o

⁵⁰ Cabe ressaltar que estamos fazendo o confronto das ideias que sustentam a noção de fontes digitais exclusivas com a noção de fontes já tradicionais: Processos-crime, registros paroquiais, testamentos, manuscritos antigos, códices, além das recentes, porém já debatidas: fotografia, filmografia e a história oral e memória. Nesse sentido, não entra no debate a questão das fontes digitalizadas, ou seja, aquelas fontes que passaram a dispor de um registro em formato digital – CD-ROM, DVD, PEN DRIVE, HD e mesmo sites. Para efeito de exemplo citamos o “Projeto Resgate de Documentação Histórica Barão do Rio Branco” (Projeto Resgate) uma iniciativa bilateral entre os governos brasileiro e lusitano a fim “disponibilizar documentos históricos relativos à História do Brasil existentes em arquivos de outros países, sobretudo Portugal e demais países europeus com os quais tivemos uma história colonial imbricada”. Desde 2003 o projeto é disponibilizado por meio de “Kits em CD-ROM”, assim como em uma página da internet. Para maiores informações sobre o projeto e acesso ao acervo *digitalizado* ver o site do projeto: http://www.cmd.unb.br/resgate_index.php. Acesso em Setembro de 2013.

documento digital é aquele documento – de conteúdo tão variável quanto os registros da atividade humana possam permitir [Fleurs habituels ou non] – codificado em sistema de dígitos binários implicando na necessidade de uma máquina para intermediar o acesso às informações. Tal máquina é, na maioria das vezes, um computador (ALMEIDA, 2011: 17).

Será, pois, nessa direção que o segundo ato ganhará seus contornos. Pretendemos fazer com que o leitor conheça a emergência no Brasil da rede social Orkut, seu funcionamento e como foi possível salvaguardar os registros da comunidade *Contos reais entre amigos*, a fim de refletirmos sobre sua condição diarista e a sociabilidade, um novo modelo de sociabilidade, é verdade, que se instaura na rede. Cabe ressaltar, por fim, que algumas das questões levantadas e não respondidas neste primeiro ato, em um feixe de problematizações, serão encaradas no ato que se segue.

SEGUNDO ATO

“A BELEZA DO MORTO”: SOCIABILIDADE NA REDE... ORKUT ENQUANTO DIÁRIO ÍNTIMO VIRTUAL

E vós podereis dizer: Eu aí estava!
Goethe

Durante o primeiro ato, perseguimos uma reflexão sobre o conceito de documento e fonte para a pesquisa historiográfica. Certamente que, naquele momento, o objetivo claro e aparentemente simples era produzir para o leitor um panorama dos entraves que persistem para uma investigação, que tome como fonte documental os registros levados a cabo por homens e mulheres no ciberespaço.

O próprio conceito de ciberespaço, nesse sentido, ganha sua efetividade ao ser pensado enquanto fluxo de informações inseridas nele por seres humanos, não deixando de lado que a ideia de ciberespaço só se completa ao pensarmos os elementos mediadores entre os espaços de informação e os produtores da informação, a saber, a rede mundial de computadores interconectados.

Finalizamos o primeiro ato assumindo para este trabalho a noção de documento digital, tal como problematizado nos escritos do historiador Fábio Chang de Almeida. Atravessamos, na medida de um possível, os debates travados pela já velha *nouvelle histoire* francesa e a recepção que fizemos dela em nosso país, no tocante à ampliação do conceito de fonte documental a fim de clarificar, para o leitor menos familiarizado com a produção do conhecimento histórico, que nem de longe *é o suporte da informação o elemento preponderante da investigação historiográfica, antes o próprio registro informacional* efetuado por homens e mulheres no tempo.

Desta forma, o documento digital emerge em sua condição de possibilidade de uma pesquisa historiográfica em termos de tempo presente, haja vista o documento digital ser ele mesmo uma produção deste tempo recente, este quase agora que nos cerca, mas nem por isso menos passado.

Tínhamos em mente, e ainda o temos, de que ‘o documento’ “é tudo o que pode informar um pesquisador cuja investigação é orientada por uma escolha razoável de questões, mas tais questões só poderão ser produzidas

em face de um *rastro deixado, um vestígio, a marca de uma passagem*” (RICOEUR, 1997: 200. grifo nosso). O rastro é a condição primeira para a efetivação da pesquisa histórica, sem ele não há como o presente refletir sobre o passado.

Nesse sentido é que visualizamos a relevância deste trabalho, pois como bem lembra Ricoeur (1997: 201), “o rastro pode ser perdido, pode ele próprio perder-se, levar a lugar nenhum; *pode também apagar-se: pois o rastro é frágil e exige ser conservado intacto*, senão, a passagem realmente ocorreu, mas simplesmente ficou no passado”

A reflexão de Ricoeur (1997) nos possibilita enfatizar a dimensão frágil do registro que sustenta a construção do saber historiográfico, seja este conhecimento apoiado em fontes tradicionais – jornais, processos-crime, códices, manuscritos avulsos – ou não. Além disso, é o mesmo Ricoeur que nos lembrará, em sua trilogia, *Tempo e Narrativa*, que “o rastro indica *aqui*, portanto espaço, e *agora*, portanto no presente [tempo], a passagem dos vivos” (Idem, 201)... é, pois, o rastro quem nos orienta à caça, como ogros que sente o cheiro da carne, metáfora emblemática dos escritos de Bloch (2001). Diz Ricoeur: “ora, tudo isso é História. Dizer que ela é um conhecimento por rastros é apelar, em último recurso, para a *significância*⁵¹ de um passado findo que, no entanto, permanece preservado em seus vestígios” (RICOEUR, 1997: 201).

De onde vem, pois, o nosso rastro? Que rede social é esta que nos registrou a passagem de homens e algumas mulheres? Quais os mecanismos que foram adotados para o arquivamento destes vestígios? Em que medida é possível acompanhar os relatos quase que cotidianos e em que direção nos debruçaremos sobre eles?

Neste segundo ato, pretendemos levar adiante a reflexão sobre o Orkut, pensar a sua historicidade, nossos primeiros contatos com a rede, a construção dela enquanto espaço de sociabilidade, de um novo modelo de sociabilidade certamente. Apresentaremos o caminho trilhado para arquivar e produzir uma forma própria de nomear os registros salvaguardados. Por fim, problematizar a

⁵¹ Segundo o autor, a “significância consiste no próprio ato de o vestígio remeter à passagem, o que requer síntese entre marca deixada aqui e agora e o acontecimento passado (révolu)” e prossegue: “o rastro, a significância do rastro, é o que garante *entrada e visita*ção sem revelação (...) porque o rastro significa sem fazer aparecer. Ele estabelece uma obrigação, mas não desvela”. (RICOEUR, 1997)

condição diarista, a dimensão de uma escrita de si, uma escrita íntima, porém publicizada.

2.1 O Orkut no Brasil: historicidade, ferramentas e diretrizes de funcionamento

O *Orkut* é uma rede social criada em janeiro de 2004. Seu criador, o turco Orkut Büyükkökten, era na época engenheiro da empresa multinacional *Google*. Criada para atender o mercado estadunidense, a rede social ganhou visibilidade no Brasil e na Índia. Estes países assumiram, respectivamente, o primeiro e o segundo lugar no número de usuários com contas ativas na rede social.

Nos idos anos de 2004 era possível perceber como o Orkut tornava-se uma *epidemia social*⁵² no Brasil, mesmo a plataforma contendo todas as informações explicativas de uso, os links de acesso e as páginas criadas em língua inglesa, ainda sim seu uso entre os brasileiros se fazia sentir no cotidiano dos jovens, anglófonos ou não.

Quando de sua criação, a participação na rede social dependia de um convite realizado por um membro já pertencente a rede social do Orkut. Esta era a época da condição *sine quo non* para adentrar a comunidade on-line. Contudo, a partir de 2006 a Google realizou mudanças nos mecanismos de integração a comunidade virtual. Desde outubro de 2006, o Orkut permite que os novos usuários criem contas sem a prévia necessidade de um convite.

Em seus primeiros anos de existência, o Orkut vivenciou, sobretudo no Brasil, um vertiginoso crescimento nos números de adeptos da rede social. Em 2008 o país apresentava a cifra de mais de 40 milhões de usuários da rede social Orkut. Neste mesmo ano, a empresa detentora dos direitos sobre a rede social anunciava que estava transferindo a sede de controle, originalmente sediada na Califórnia, Estados Unidos. A nova sede de controle do Orkut passava para o Brasil, em virtude do número de membros/adeptos da rede social no país. Outro dado importante diz respeito à criação da página em

⁵² Não pretendemos desenvolver neste trabalho o tema sociológico da 'epidemia social', no entanto, para uma explanação bastante consistente sobre o desenvolvimento das epidemias sociais, tal como pesquisada e debatida por Malcolm Gladwell, ver a seção "A estrutura das epidemias sociais", página 71, na tese de doutoramento em Antropologia de Jonata Dornelles intitulada: "Vida na Rede: uma análise antropológica da virtualidade", 2008.

português para atender ao mercado nacional⁵³.

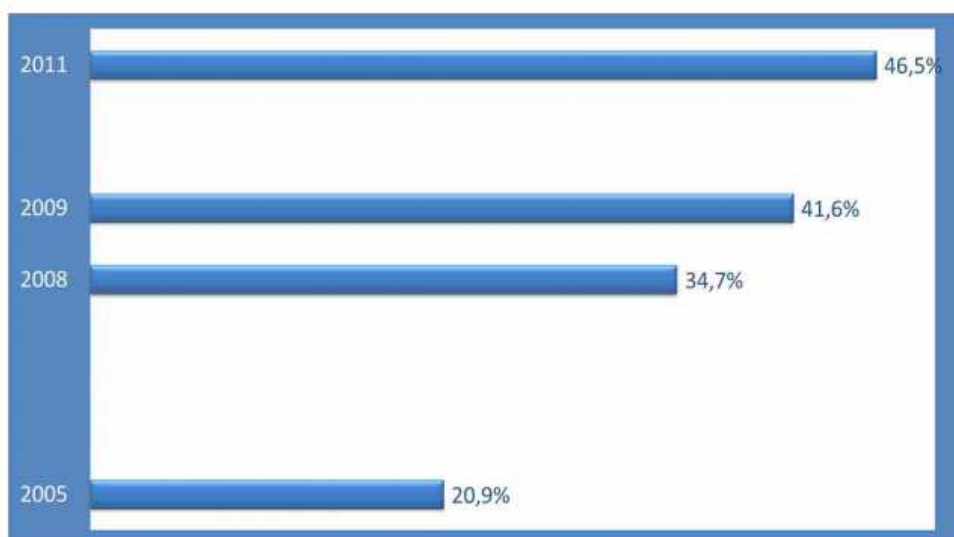
A necessidade em atender este mercado em expansão é confirmada pelos dados apresentados por pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, no tocante ao número de usuários da *internet* no país. Cabe mencionar para o leitor que a pesquisa que tomamos como base de reflexão foi realizada no ano de 2011, sendo visitados 146 mil domicílios brasileiros em todas as regiões e unidades federativas. A pesquisa ouviu um total de 359 mil pessoas. Lembramos ainda que na época da pesquisa, o país contava com uma população residente em um total de 195,2 milhões de pessoas, sendo 48,5% constituída por homens e 51,5 de mulheres. Em termos etários a população estava dividida da seguinte forma, ainda segundo os dados desta pesquisa: 0-14 anos representavam 23,3 por cento; 15-24 anos marcava 16,9 por cento; 25-59 constituía 47,8 por cento, enquanto 12,1 por cento da população possuíam 60 anos ou mais.

Analisando o relatório apresentado pelo Instituto, pudemos constatar que no Brasil apenas 20,9% da população, ou seja, 31,9 milhões de pessoas com 10 anos ou mais já haviam acessado a *internet*. Em 2011, esta cifra chegou a casa de 46,5% da população nacional, um percentual que representava naquela ocasião 77,7 milhões. O gráfico a seguir traz os resultados apresentados nos últimos PNAD – pesquisa nacional por amostragem de domicílios referente ao percentual de pessoas com 10 anos ou mais que acessam a *internet* no Brasil⁵⁴:

⁵³ Dados retirados do portal “IDGNOW!”, <http://idgnow.uol.com.br/mercado/2008/08/07/brasil-passa-a-controlar-orkut-e-presidente-do-google-brasil-assume-al/>, Acessado em agosto de 2013.

⁵⁴ Fonte: IBGE/PNAD 2011.

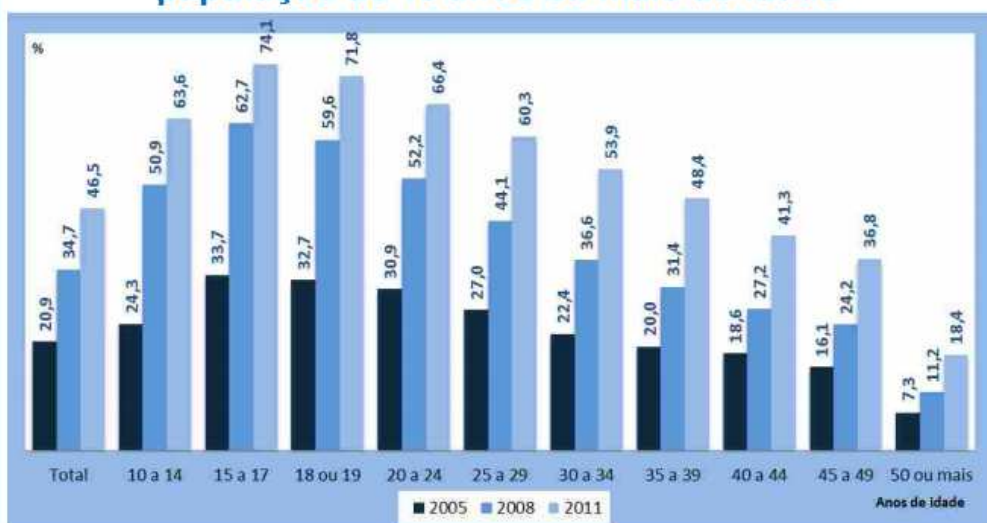
Percentual de pessoas que acessaram a Internet na população de 10 anos ou mais de idade



Para este trabalho interessa perceber o avanço, no tocante ao uso da *internet* entre os anos de 2005 e 2011, observando que entre 2005 – quando o Orkut possuía apenas um ano de existência – e 2008 – ano em que a sede de gerenciamento da rede social passa a ser no Brasil - o crescimento do acesso a rede mundial de computadores é bastante significativa, sobretudo quando comparamos aos dados de crescimento em outros países e continentes. Contudo, fazendo-se a ressalva que, em continentes como o europeu, o processo de acesso à *internet* já se encontrava bastante avançado, pesquisas mostravam que “em 2004 46% da população europeia acessava a *internet* e em 2005 o percentual chegou a 49%” (DORNELLES, 2008: 161).

Outra leitura que realizamos destes dados diz respeito ao recorte temporal que estabelecemos para este trabalho. Quando pensamos os anos de 2009 e 2011, em relação ao primeiro ano de existência do Orkut (2005) é possível visualizar um salto ainda maior, afinal tem-se aí um crescimento superior aos 100%. Ao observamos os dados de uso da *internet* no Brasil, no tocante as faixas etárias, conseguimos vislumbrar o índice de jovens que acessam a rede, jovens estes que também formam o conjunto de membros da Comunidade *Contos reais entre amigos*, aqui em debate:

Percentual de pessoas que acessaram a Internet na população de 10 anos ou mais de idade



Entre os jovens, o percentual de internautas era maior

O crescimento no percentual de jovens que acessam a *internet*⁵⁵ seja em casa, na escola ou na casa de amigos, em certa medida pode ser lido como uma vontade crescente em manter-se conectado. Os sujeitos passam a ser percebidos em suas relações concomitantes no mundo real e no mundo virtual. O Orkut, enquanto plataforma de interação social virtual, permite que os sujeitos possam ser acessados a “qualquer momento do dia, de qualquer parte do planeta e em *tempos históricos diferentes*” (DORNELLES, 2011: 12. Grifo nosso). As relações sociais e afetivas, especialmente entre os jovens, passam a ser vivenciadas para além dos espaços e tempos fixos.

A própria página do Orkut, em sua apresentação, traduz o espírito que move a integração na rede social. Segundo os gerenciadores da rede:

O orkut é uma comunidade on-line criada para tornar a sua vida social e a de seus amigos mais ativa e estimulante. A rede social do orkut pode ajudá-lo a manter contato com seus amigos atuais por meio de fotos e mensagens, e a conhecer mais pessoas⁵⁶.

A ideia de ter uma vida social ativa e estimulante acaba por ser um dos

⁵⁵ Fonte: IBGE/PNAD 2011

⁵⁶ Texto na página inicial da Rede Social Orkut, disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#About.aspx>, 2013.

pontos centrais da página, não apenas com os amigos atuais, mas a possibilidade de se construir novas relações de afetos, novas amizades, etc. Para muitos será a oportunidade de deslocar-se de seu mundo em direção de novos horizontes, a efetivação do processo de sociabilidade virtual.

Podemos dizer que a constituição atual da sociedade tem evidenciado as múltiplas transformações pelas quais o sujeito, até ontem moderno, tem passado. Sujeitos descentrados, polifônicos, capazes de se reinventarem a cada nova situação. Uma pluralidade de imagens de si são projetadas, uma ou várias imagens para cada territorialidade. Janelas e links são abertos para novos mundos e novas experiências.

Avanços tecnológicos, reinvenções da moda e transformação de antigos hábitos: verdadeiras bricolagens das tradições marcam o acelerado mundo contemporâneo. Um mundo experienciado por um novo tipo de Homem: o *Homo Tecno – lógico*⁵⁷, um indivíduo que responde de forma mais eficiente ao mundo do capitalismo informacional. Temos diante de nós, hoje, homens e mulheres cujo cotidiano está marcado pela relação com a máquina. Máquinas capazes de produzir efeitos de esvaziamento das distâncias, aceleração do tempo e do acesso à informação.

Todavia, retomando o debate sobre a inserção do Orkut no Brasil e o acesso à *internet* por parte da população é importante dizer, como bem lembra Dornelles (2008) em sua pesquisa, que o Orkut ganha visibilidade e expansão no Brasil quando o país vivenciava, e ainda vivência, o crescimento da utilização do par Computador-*Internet*, segundo a autora, “Entrar em salas de bate-papo, fazer novos amigos, rever antigos e namorar se tornava comportamentos comuns para adultos e jovens” (DORNELLES, 2008: 164) A chegada do Orkut no Brasil, diz Dornelles, é dada em um momento em que a “naturalização” da sociabilidade virtual já é uma realidade.

Esta sociabilidade virtual consiste no desejo de estar junto, de se fazer presente, apesar da distância física. Em certa medida, o Orkut acaba por englobar muito dessa ideia, afinal “é fácil conhecer pessoas que tenham os mesmos hobbies e interesses que você”, mas não somente hobbies, indivíduos que “estejam procurando um relacionamento afetivo”⁵⁸.

⁵⁷ Este expressão foi apropriada dos escritos de Paula Sibilia, especificamente sua Obra: O Show do eu: a intimidade como espetáculo, Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2008.

⁵⁸ Texto na página inicial da Rede Social Orkut, disponível em:

O desejo de estar junto, do reencontro, a construção de relacionamentos afetivos, norteia a entrada dos sujeitos na comunidade on-line. Ainda é possível visualizar, na página de abertura da rede social, a ideia de que assim como no “face a face” da vida cotidiana, a sociabilidade virtual permite ao sujeito o controle de/com quem ele pretende se relacionar, conhecer este Outro de seu interesse ou que se interessa por ele.

Ao adentrar a página da rede social, você pode visualizar como está constituída a rede de amigos, os laços de amizade. Elementos que podem ser indicativo de sua conduta na vida off-line, afinal “você decide com quem quer interagir. Antes de conhecer uma pessoa no Orkut, você pode ler seu perfil e ver como ela está conectada a você através da rede de amigos”⁵⁹. A pretensão da rede é a de permitir ao usuário a criação de “uma rede de amigos mais íntimos e chegados”⁶⁰, tudo isso com o anseio de que os membros possam estar “curtindo mais a sua vida social”⁶¹.

Seguindo esta direção, os brasileiros se tornaram um dos maiores adeptos da dimensão virtual desta sociabilidade, via plataformas de relacionamentos. A página do Orkut apresenta, ainda nos dias atuais, sua estatística, no que diz respeito à divisão geográfica das contas registradas nesta rede social. Nela, é possível visualizar a grande adesão de brasileiros, mesmo que muitas destas contas hoje em dia existam, mas não sejam movimentadas, sobretudo, por causa da nova epidemia: Facebook. Para que possamos ter uma ideia da presença dos brasileiros na página do Orkut, apresentamos a seguir o gráfico produzido pela própria empresa que gerencia a rede social⁶²:

<http://www.orkut.com.br/Main#About.aspx>, acesso em Setembro de 2013.

⁵⁹ Idem, ibidem.

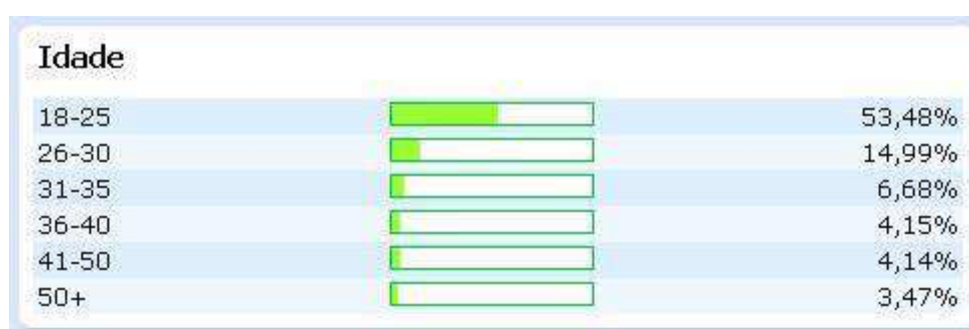
⁶⁰ Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#MembersAll>, acesso em Setembro de 2013

⁶¹ Id, Ibid. Acesso em Setembro de 2013

⁶² Id, Ibid. Acesso em Setembro de 2013



Mas, não apenas a imensa participação de brasileiros pode ser visualizada na página, podemos também confirmar os dados das pesquisas realizadas pelo IBGE por meio da PNAD, onde vislumbramos a presença marcante de jovens como os maiores adeptos da *internet*. Na página do Orkut, é possível encontrar um dado semelhante no tocante a faixa etária predominante na rede social:



A rede é acessada em sua maioria por jovens entre 18 e 30 anos de idade, algo que gira em torno dos 68,47 % do total de frequentadores da Rede. No entanto, tomando os dados trazidos pela pesquisa realizada pelo IBGE-PNAD, que apresenta como sendo a maior parcela de usuários da *internet* no Brasil a faixa etária entre 15 e 29 anos, é possível inferir que os adolescentes

entre 15 e 17, no caso brasileiro, marque suas idades na rede na faixa etária dos 18 anos, o que seria a maioria no contexto nacional.

Outra característica do Orkut, que chamamos a atenção, é a dimensão assíncrona que a comunicação assume no ciberespaço, especialmente nas redes sociais. Como adiantamos alhures, é possível que o sujeito participe de debates em comunidades mesmo que essas discussões tenham ocorrido no passado. Como bem mostrou Dornelles,

o tempo sofre uma nítida distensão que seduz o usuário. Ser um usuário do Orkut é estar on-line o tempo todo, já que a página no sistema transfere a personalidade do sujeito para o ciberespaço, podendo ser ‘encontrado’ ou ‘acessado’ de qualquer parte do mundo, a qualquer momento (DORNELLES, 2008: 167)

O Orkut possibilita a seu usuário uma nova forma de se relacionar consigo e com os outros. A plataforma possibilita um tipo novo de sociabilidade, algo um tanto diferente do que até então era condição central das interações sociais: o “face a face”. O Orkut, diz Dornelles, “pode ser considerado como o marco inicial de um tipo de sociabilidade desvinculada das dimensões de tempo e espaço para o encontro social”, e prossegue “o resultado é a geração de uma diversidade ampla de subjetividades colocadas em contato. O que significa a possibilidade de contato entre indivíduos de diferentes segmentos sociais”, segmentações da sociedade brasileira – por exemplo – que coloca no mesmo espaço parcelas etárias, de renda, etnia, e regiões “com diferentes referenciais simbólicos e possuindo estilos de vida diversos” (DORNELLES, 2008: 168-169).

No próprio site do Orkut é possível visualizar estas características apresentadas – como intenções – por parte dos organizadores, como já mencionamos. Entretanto, retomamos aqui três afirmações apresentadas pelos organizadores da página, e que merecem destaque:

1. Quando de sua criação o texto de abertura da página do Orkut iniciava da seguinte maneira: “O Orkut⁶³ é único porque é uma rede

⁶³ www.orkut.com.br, atualmente este texto já não se encontra mais na página, só nos foi possível entrar em contato com esta versão do texto por meio da referência feita na tese de Jonata Dornelles, p:175, 2008.

de amigos confiáveis”. A ideia que atravessa a afirmação dos organizadores é a inexistência do anonimato, marca central de muitos diálogos realizados via *internet*. Foi, pois, nesse sentido, que a rede, em seus primeiros desenvolvimentos, exigia a realização de um convite feito por alguém que o conhecesse, para que só assim fosse possível a entrada de um novo membro na comunidade on-line. Esta condição seria o meio necessário de “inviabilizar” a construção de uma rede de desconhecidos e anônimos. Outra questão que perpassa este tema é a noção de confiança, afinal, o diálogo mediado pela tela do computador permite em determinados casos a multiplicidade de vozes, de identificações, nem sempre o Outro do lado de lá da tela é quem de fato diz ser.

2. “o principal objetivo é tornar sua vida social e a de seus amigos mais ativa e estimulante”. O Orkut traz para o usuário a promessa de movimentação de sua vida social, a construção de laços de afetos e de novos encontros. O texto possibilita ao sujeito participante ‘um diagnóstico indireto’ de que sua vida e de seus amigos “anda em um marasmo”, sem muitos atrativos, sem descobertas. A promessa de uma vida estimulante, agitada é – como afirma Dornelles (2008: 176) – “um valor almejado em nossa contemporaneidade”. Como lembra o autor, a *internet* enquanto meio de comunicação torna-se para o sujeito “uma ferramenta propiciadora de interação social e afastamento do sentimento de solidão dos indivíduos” (DORNELLES, 2008: 166).
3. A terceira afirmação que destacamos traz uma aparente contradição com a primeira afirmação, pois afirmam: “Com o orkut é fácil conhecer pessoas que tenham os mesmos hobbies e interesses que você, que estejam procurando um relacionamento afetivo” (DORNELLES, 2008: 166).. Se pensarmos que a primeira afirmação trazia como condição de existência ser uma rede de “amigos íntimos e confiáveis”, esta não parece ser a ideia que perpassa esta terceira afirmação, pois, ao dizer que será fácil “conhecer pessoas que tenham os mesmos hobbies e interesse”, pressupõe que serão pessoas novas, pessoas estranhas, pessoas nem sempre perto... O

objetivo é produzir a interação e romper com o sentimento de solidão que possa estar atingindo o sujeito, antes de sua entrada na rede. Entretanto, efetuando uma leitura que vai além do estranhamento inicial, porque ao dizer que são pessoas que “compartilham os mesmos hobbies e interesses” já temos aí um elemento de identificação entre os sujeitos que irão interagir, eles já compartilham elementos simbólicos com significações, se não idênticas certamente semelhantes. Os fios que dão o nó nesta rede estão posto no exato momento em que você adentra a uma comunidade por afinidade, ao mesmo passo em que se encontram aberta a construção de novos relacionamentos afetivos.

A efetivação destas premissas, apresentadas pelos organizadores da rede social, e este encontro do múltiplo por meio da plataforma, é possibilitado pelo funcionamento de uma série de ferramentas/espços no interior da página. Compartilhando da leitura de Dornelles, acreditamos que três espaços são fundamentais na página pessoal de cada usuário: Perfil, Amigos e Comunidades.

Este primeiro espaço, o *Perfil*, traz uma série de informações a respeito do usuário do Orkut. É possível encontrar, quando devidamente e verdadeiramente preenchido: fotos do usuário, informações sobre idade, preferências musicais, fílmicas, literárias, além de orientação sexual, hobbies, religião, região onde reside, assim como pequenos e médios textos a respeito de si mesmo, ou de seu estado de espírito, em determinadas ocasiões.

No segundo espaço, encontramos a rede de *amigos* do usuário. Nesta seção é possível se deparar com as fotos dos amigos que estão diretamente relacionados com o proprietário da página. As imagens funcionam como ícones, links que permitem a navegação no Orkut. Ao clicar sobre a foto presente no quadro de amigos, o internauta é direcionado/levado à página pessoal daquele que foi marcado podendo neste instante visualizar a rede de amigos deste. Desta forma, é possível, sair de página em página, acessando as múltiplas opções de contato e novos relacionamentos – desde que seja convidado ou seu convite seja aceito.

A terceira seção que destacamos acima, diz respeito às comunidades do usuário. É permitido aos navegantes do Orkut criar sua própria comunidade e

inserir amigos, ou se agregar as comunidades já existentes. São nestas comunidades que vislumbramos os principais contatos entre os membros do Orkut. São nas comunidades que a sociabilidade virtual é levada às suas últimas conseqüências. A leitura mais comum, da lista de comunidades presentes em uma página pessoal do Orkut, consiste na construção de feixes de identificação entre as páginas e o sujeito membro das comunidades. São pertenças fragmentárias, pertenças nem sempre participativas. Apesar de que comumente, “participar de uma comunidade significa poder participar de conversas e discussões (tópicos) que envolvem seus membros” (DORNELLES, 2008: 179).

No interior das comunidades são os tópicos de discussões, e os fóruns, que dão o tom da freqüência dos membros e intensidade do debate no interior da comunidade. O tópico é encarado como um tema de debate, que pode gerar ou não a manifestação dos membros. No caso da comunidade *Contos reais entre amigos*, é possível identificar que o fórum de debate, ou seja, o tópico é alimentado cotidianamente por Cauzino e os membros eram o eixo central da comunidade.

Realizando uma pequena incursão pela comunidade era possível ver tópicos de discussões com vinte, quarenta até cinquenta postagens, ou seja, cinquenta comentários realizados sobre determinado assunto levantado. No entanto, ao entrar no tópico *Cauzino Recomeço*, a última página que temos registrado sobre o tópico, marca a cifra de 7.713 comentários, evidentemente que não temos como mensurar, mas temos em seis meses, a intensa produção de comentários realizados pelos membros da comunidade, para além de Cauzino e os que foram perdidos, quando do primeiro apagamento da página.

Para este trabalho, estas reflexões permitem apresentar como se dá o processo técnico de sociabilidade efetuado na rede social Orkut, assim como pudemos esmiuçar a proposta de funcionamento apresentado pelos organizadores e como nós, internautas, encaramos estas ferramentas.

No que diz respeito ao espaço das comunidades no Orkut, elas devem ser encaradas como chaves de interpretação das construções identitárias, ou melhor, dos mecanismos de identificação que cada sujeito leva adiante em sua participação e integração na rede. Como salienta Kuper (apud DORNELLES, 2008: 181), “a identidade não é apenas um assunto pessoal. Ela precisa ser

vivida no mundo, num diálogo com os outros”.

Ser membro de uma comunidade, a exemplo de *Contos reais entre amigos*, implica em pelo menos duas leituras possíveis: uma posta em termos objetivos significa poder ser participante dos debates propostos pelos membros da comunidade. O ato de participar demonstra o interesse pelos assuntos discutidos, sendo o assunto muitas vezes o sustentáculo da sociabilidade existente no fórum da comunidade. Nesse sentido, novamente chamamos a atenção para o exemplo do fórum *Cauzino Recomeço*, em que a escrita de si de Felipe Cauzino e suas “aventuras eróticas” e, posteriormente, seu cotidiano amoroso, familiar e de trabalho são o ponto de sustentação da presença e participação na comunidade.

Uma segunda via de leitura consiste no pólo subjetivo de estar presente em uma comunidade como esta, segundo a reflexão de Dornelles:

participar de uma comunidade no Orkut pode significar a construção de uma identificação pessoal. É quando o usuário nem participa das discussões de sua comunidade, mas tem esse ícone estampado em sua página. Isso mostra que ele faz parte de ‘tal comunidade’. Essa escolha não é gratuita [nunca é]. Escolher uma comunidade e criar uma identidade pode ser feito a partir da cultura a qual se está inserido (DORNELLES, 2008:183)

Para este trabalho, é essa segunda dimensão que nos detemos com maiores cuidados, pois foi no pólo da produção das subjetividades que balizamos toda a reflexão que atravessa a pesquisa. Pensar que a escolha – não gratuita – de uma comunidade e o envio do convite de solicitação para participar, bem como a presença frequente nos fóruns e debates, nos permite inferir sobre os laços afetivos que possivelmente constituirão os sujeitos membros. A inferência, que pode ser constatada à medida que entramos e acompanhamos as postagens e os comentários que vão sendo desencadeados a cada nova postagem, a cada nova experiência sexual, a cada acontecimento que de tão particularizado se torna objeto de discussão grupal.

Em resumo, o Orkut pode ser definido – acompanhando a leitura de Moreira (s/d) – como um mediador entre indivíduos que interagem por meio da *internet*, indivíduos que estão dispostos em localidades diferentes e que trocam informações, fazem transações comerciais, “constroem saberes em torno de temas específicos, partilham vivências e experiências e assim constroem para

além da rede *Internet*, para além do mundo virtual significados e significações” para suas vidas, em suma estes sujeitos costumam para si redes de significações simbólicas, identificações, solidariedade e construção partilhada de saberes e fazeres diversos (MOREIRA, s/d).

2.2 “Caracas um puta diário hein”: diário íntimo na *internet*, um olhar sobre as escritas do eu

Diários íntimos, autobiografias, relatos pessoais, confissões, tornam-se produto de consumo corrente, marcados pela crença no indivíduo, pela atitude confessional e pelo objetivo de preservar um capital de vivências e recordações de fatos históricos. Por que se lê um diário íntimo ou uma autobiografia? Quais as razões que movem o leitor? A curiosidade? A identificação de problemas com o autor? A procura de uma consolação? A admiração por um herói, por um artista, por uma pessoa qualquer? A literatura confessional é aquela que mais se aproxima do leitor, porque fala de um eu, de uma pessoa que se encontra e que diante do leitor desnuda sua vida, estabelecendo-se, então, uma perfeita união entre o autor e o leitor (REMÉDIOS, 1996:02)

Esta seção pretende fechar um arco que se desenha desde as primeiras linhas deste trabalho. O trecho acima, retirado das reflexões de Maria Luiza Ritzel Remédios acerca do diário de Getúlio Vargas, possibilita iniciar nosso percurso por entre a história do diário íntimo. Apresentamos, mais acima, o expressivo número de pessoas que fazem uso da *internet* no Brasil. Evidentemente, não compartilhamos de uma falsa ideia propalada pelo país, de que vivenciamos um processo de universalização do acesso aos meios tecnológicos – uma democracia tecnológica – afinal, temos ainda um Estado Nacional que precisa superar barreiras do analfabetismo comum – a capacidade de ler e escrever – e também o enfrentamento do analfabetismo funcional.

Todavia, quero retomar o tema do diário íntimo e sua atual versão: o diário íntimo na *internet*. Estamos adentrando em uma seara que dialoga com campos cada vez mais fronteiriços com a História: a Literatura e a Comunicação Social. Ao mencionar a Literatura, estamos querendo aqui afirmar o lugar dos diários íntimos enquanto um gênero literário. Por mais que o tema do diário íntimo tenha sido estudado e reestudado no seio da Crítica Literária, ao que parece, este nunca obteve um consenso quanto ao seu status

de Gênero Literário. Entretanto, me parece ser lugar comum, hoje, tomar este tipo de narrativa como pertencendo ao círculo das Escritas do Eu, onde também estão alocadas a autobiografia e a memória, dentre outras.

Segundo os escritos de Carmen Pimentel (2011), foram os diários do inglês Samuel Pepys (1633-1703) o marco da escrita diarista na tradição ocidental. Ele teria escrito por 10 anos suas memórias tendo, porém, sua publicação ocorrida apenas em 1825, depois de encontrados e decifrados, haja vista terem sido escritos de forma taquigrafada⁶⁴. Em sua escrita, diz Pimentel, ele relata seu cotidiano, sua vida enquanto homem de importância na corte inglesa, assim como tece considerações a respeito da Sociedade que o cerca e sobre si mesmo.

Escritos contemporâneos, a exemplo do texto de Blanchot (2005), afirmam que “o diário está ligado à estranha convicção de que podemos nos observar e que devemos nos conhecer” (BLANCHOT, 2005: 275) Esta característica do diarismo justificaria a pouca preocupação com a linguagem, uma escrita marcada pela informalidade. Tal assertiva é ratificada por Carletto (2012: 19), pois muitas vezes estes diários “são apenas registros da materialização da oralidade”, mas não apenas isso, “o diário apresenta ainda a possibilidade de se resgatar em registros antigos as marcas e sensações de acontecimentos passados” (Idem, ibidem).

Para nós, historiadores, esta possibilidade de aproximação com as sensações, com as impressões, com as sensibilidades de um outro no tempo pretérito, marca a condição passadista destes escritos, logo sua condição de fonte histórica. Uma segunda característica dos diários íntimos levantada por Carletto diz respeito “a liberdade que o autor tem na sua produção e na expressão de seus sentimentos, emoções e pensamentos”, segundo as reflexões deste autor a informalidade que marca a escrita permite ao sujeito “reproduzir experiências vividas e situadas em um tempo e lugar determinados” (CARLETTO, 2012: 9)

É possível observar que o diário nasce, em sua essência, enquanto

⁶⁴ Taquigrafia ou estenografia, do grego “taqui”= “rápido ” + “grafia” = “escrita ”, é um termo geral que define todo método abreviado ou simbólico de escrita, com o objetivo de melhorar a velocidade da escrita. A diferença entre taquigrafia e estenotipia é que a taquigrafia é feita à mão, enquanto que a estenotipia usa máquinas próprias para a escrita dos taquigramas. Dicionário inFormal da Língua Portuguesa. Acessado em Junho de 2014.

lugar de guarda das experiências pessoais. O diário emerge enquanto lugar de registro das memórias passadas, lugar em que a subjetivação do sujeito que escreve fica patente, pois em suas anotações ele inclui interpretações, expressa sua opinião sobre acontecimentos marcantes, para sociedade ou apenas para si. Sentimentos e pensamentos são cicatrizados sobre o suporte de guarda, uma escrita que traz a marca da espontaneidade, da interlocução consigo mesmo – diários tradicionais – ou com os outros – diários publicizados.

Esta filiação literária com as escritas confessionais, mais precisamente com as *escritas do eu* ganha uma nova roupagem quando de sua publicização por meio da *internet*. À medida que as antigas agendas vão perdendo espaço com a chegada dos computadores, o diarismo vai ganhando força na rede. Na leitura empreendida sobre o texto de Pimentel (2011), encontramos o ano de 1994 como sendo o marco da inserção do diário íntimo no espaço virtual. Segundo Oliveira (Apud PIMENTEL, 2011: 08) os estadunidenses Justin Allyn Hall e Carolyn Burke teriam sido os primeiros a criarem e alimentarem um diário no ciberespaço.

Para alguns intelectuais, não temos na *internet* a emergência de *novos* gêneros, temos antes uma “transmutação dos gêneros, já que a produção escrita na *internet* não deixa de ser uma transposição de gêneros escritos em papel para um novo suporte, como novas características para se adaptarem a tecnologia” (Op. Cit: 09) Todavia, não podemos negligenciar o fato de Blogs e Redes Sociais – como Orkut e Facebook – serem gêneros digitais, sobretudo por trazerem a marca da hipertextualidade. Ou seja, trazem em suas linhas e dobras as características intrínsecas aos diários tradicionais de papel, no entanto, passam a agregar em si outras características pertinentes ao suporte que os sustenta. Fatores como “navegabilidade, a inclusão em uma esfera de comunicação digital, os aspectos semióticos” (PIMENTEL, 2011: 09).

Mas, esta dimensão lingüístico-literária, que assume o primeiro plano da discussão, ganha novos rumos, isso por que:

o fato de ser um diário íntimo escrito dentro de um meio de comunicação (*internet*) e voltado para um público transformou uma questão que, a princípio, seria literária numa questão relativa, também, à disciplina da comunicação. O escrito íntimo vai ser veiculado através da rede por um autor e terá um grupo de leitores que contribui ou opina diretamente no texto (SCHITTINE, 2004: 13).

Ao que parecem, os escritos gestados por Felipe Cauzino em uma comunidade da Rede Social Orkut estão sintonizados, em sua quase plenitude, com este debate que trouxemos acima. Em certo episódio que marcou o grupo que acompanhava os escritos de Cauzino é possível observar a imagem que o próprio narrador-autor possui de seus escritos.

Na ocasião, um membro da comunidade põe em suspeição as narrativas, um rapaz que aparece com o nome de *Ricardo* afirma não existir em São Paulo nenhuma pessoa identificada por Felipe Cauzino, segundo este membro da comunidade, não haveria registros na *internet* que evidenciassem a existência do narrador-autor-personagem Cauzino. Ainda, segundo o mesmo, uma pessoa que ocupa o cargo que diz ocupar o Felipe Cauzino, não tem como escapar de menções. A varredura efetuada pelo leitor, Ricardo, cria uma tensão interna ao tópico *Felipe >> Recomeço*.

A postagem de Ricardo ganha fôlego, em um primeiro momento, até ser respondida pelo próprio Cauzino:

Ricardo, nunca te vi aqui, nem sei quem é e nem me interessa saber. Agora você foi fodão hein? (sic), deve Ter tempo de sobra pra investigar as coisas que acontecem na *internet*, quantos anos você tem? 12? 15? Acho que ate menos, realmente você é fodastico (sic). Quando crescer quero ser igual a você. Será que você não é um daqueles que vivia me mandando depoimentos pelo orkut? Será que você não foi um dos que falou com o Diego pelo msn? Ou talvez você foi mais um que tentou me add e não conseguiu. Desculpa, não tenho que me explicar em nada, *a comunidade é livre, cada um põe e acredita no que quiser, não estou pedindo, implorando que leia e muito menos que acredite. A vida é minha, pro meu consumo, quer ser investigador cara, pensa direito antes de postar qualquer coisa aqui, tenho as pessoas que confiam em mim, isso basta, vai da cabeça de cada uma acreditar no que bem entender. Nem vou perder meu tempo excluindo seu mísero post. Deixa ai pra todos verem e cada um tirar suas próprias conclusões. Não posto foto, por que como já disse, não quero expor minha família e muito menos meus amigos, aqueles que tem acesso as poucas fotos que tenho, são pessoas que fizeram por onde. Confiança meu caro não se compra se conquista beleza?*⁶⁵ (Grifo nosso)

A resposta de Cauzino traz elementos que corroboram a leitura que levamos a cabo da bibliografia sobre o tema. Apesar de mostrar-se

⁶⁵ Arquivo Pessoal. Grupo VIII, Imagem 11.

desinteressado pela leitura que Ricardo possa fazer, as evidências mostram que ele quer mesmo é ser lido. Mas, em outro ponto, ele é categórico: “a vida é minha, pro meu consumo [...] tenho as pessoas que confiam em mim, isso basta”. Ora, este pacto de confiança é constituído na duração, no vai-e-vem das narrativas. Algo que, como ele bem afirma, “não se compra se conquista”. Mas esta confiança advém da leitura, a mesma que ele estaria descartando inicialmente, tanto que ele mesmo prossegue “deixa ai pra todos verem – lerem – e cada um tirar suas próprias conclusões”. Schittine (2008) nos lembra sobre este tema da confiança que “o autor... vai se familiarizar com um novo tipo de escrito íntimo, um escrito que supõe um público e uma relação com ele, uma relação que escapa das exigências do “face a face”, mas que exige também confiança” (SCHITTINE, 2008: 18).

Fica patente outra questão nesse episódio desencadeado pelo Ricardo: nos escritos do ciberespaço é possível que seja desenvolvida afetividade sem a necessidade do contato “face a face”. Como nos lembra Denise Schittine (2008:14):

A *internet* abre, para o diarista, a possibilidade de ser lido sem que, no entanto, ele precise desenvolver relações “face a face” com seus leitores [como Ricardo], um público formado por desconhecidos [como Cauzino]. Essa possibilidade é encorajadora para quem começa a escrever (SCHITTINE, 2008: 14).

Segundo a autora, esse público de desconhecidos que acaba por encorajar a escrita do diarista, responde, em certa medida, aos anseios daquele que escreve. Tem-se aí um público recheado de “eu, você, todos nós” – como bem expressou Sibilia (2008). Um público que se interessa pelos assuntos pessoais de um diarista, também ele, desconhecido. “Um público novo, interessado em consumir a intimidade alheia e, de certa forma, descobrir o quanto ela se aproxima da sua própria intimidade” (SCHITTINE, 2008: 14). Essa vontade de ser consumido, o anseio de estar a se abrir para um outro, o desconhecido, move muito da escrita do fórum, como Cauzino deixa transparecer ao responder ao *post* de um leitor:

Dan é isso ai que acontece, realmente, peguei essa comunidade como se fosse um *diário da minha vida*, apesar de não conhecer, de não responder a todos os recados enviados tenho todos como pessoas especiais, que *influíram na minha*

*vida de tal forma que quando não acontece nada fico sentindo que deixei algo por fazer*⁶⁶

Chegamos a um ponto em que o nosso narrador-autor-personagem assume a condição de seus escritos enquanto diário. Um espaço de si que influí sobre suas ações. Afinal, ele toma para si o que Michel Foucault colocava em termos de uma “Etopoiética”⁶⁷. Este sentimento de que algo ficou por fazer, mencionado por Cauzino, pode ser tomado como elemento desta nova roupagem do diário íntimo, pois este passa a se caracterizar pela constituição de um relacionamento de via dupla. De um lado, um autor movido pelo desejo de contar seus feitos, narra suas intimidades, de outro temos leitores, consumidores anônimos, dispostos a consumir estas narrativas e comentar sobre elas. (SCHITTINE, 2008). Este é um traço sempre marcante dos escritos soltos de Felipe Cauzino, ou seja, aqueles que ocorrem fora do episódio, que diz respeito exatamente sobre essa “via dupla” de que fala a autora. Em certa passagem diz Cauzino:

Galera valeu mesmo por tudo, os comentários, as ajudas, as críticas que sempre as levo como um lado positivo para que eu cresça cada vez mais. Parabéns a todos pela paciência de ler o que posto aqui. As vezes parece meio chato, mas na vida nem sempre tudo é bom. Esse fds já esta marcado um churras na casa de um amigo nosso (dos caras tbm), acho que vamos cauZar um pouco viu. Só homens, e tipo o cara é do babado como dizem. Ansioso pra chegar logo. Mesmo que não perguntem, meu filho esta cada vez mais lindo.”⁶⁸

Em um trecho tão curto como este, temos as condições de possibilidade de sentir a força dos elementos que chamávamos a atenção nas linhas acima. Temos aqui as marcas discursivas que define cada um dos pontos que refletimos. “São comentários... Paciência de ler o que posto... Vida... Caso de um amigo... O cara é do babado... Ansioso – para acontecer e narrar... Mesmo que não perguntem, meu filho esta cada vez mais lindo”.

Temos elementos do cotidiano, esta via que vai-e-volta, a vontade de ter acontecimentos em sua própria vida para narrá-los faz dos escritos algo prazeroso. No mesmo episódio com Ricardo, Cauzino desabafa, por assim

⁶⁶ Arquivo Pessoal. 2011

⁶⁷ Na introdução dos resultados de nossa pesquisa, página 10, iniciamos o debate a partir de Michel Foucault sobre a ‘etopoiética’.

⁶⁸ Arquivo Pessoal. Grupo VIII, imagem 11.

dizer, numa tentativa de deixar seus leitores, seguidores, consumidores ‘tranquilos’, pois afirma ele:

Continuarei a contar as coisas que rolam, já postei uma vez e disse que pra mim essa comunidade serve como um diário, mas não aqueles guardados a sete chaves e com capa disfarçada. *Esse diário é um livro virtual que diversas pessoas podem ler e como não nos conhecemos*, meus amigos lêem e dão seus conselhos e comentários e caras eu falo CURTO PRA PORRA ISSO. Muitas coisas mudaram, atitudes foram tomadas por conta desse diário que eu comecei. Contras e a favor, sempre vão existir, mas temos que continuar a fazer aquilo que nos dá prazer, ainda mais quando não se machuca ninguém⁶⁹

Nosso narrador cria para si a consciência de estar escrevendo um diário virtual. Um diário que está marcado pela distância e pelo desconhecimento entre autor-narrador-personagem e seus leitores. A produção das subjetividades é marcada pelo elemento do prazer nessa comunidade. “Curtir” as narrativas, querer fazer parte delas, ser mencionado acaba por mover muitos dos leitores que passam a acompanhar cotidianamente os escritos de Cauzino. Sem mencionar que muitos tomam quase que como um troféu comentar uma postagem, ainda durante a sua publicação no tópico, como mostra os muitos “ao vivo” que aparecem entre os milhares de *posts*, abaixo um exemplo deste marcador na comunidade⁷⁰:

⁶⁹ Arquivo Pessoal. Grupo VIII, Imagem 25.

⁷⁰ Arquivo Pessoal, Grupo VIII, Imagem 57.



Fábio MARCEL - 19/10/2010

ao vivaço

kkkkk

nem sei se é assim que se escreve, esta me parecendo fim do conto.....
não pare o conto nem de lá cauzinho

Gostou? ▼ [Citar](#)



Marcelo Gomes - 19/10/2010

Acompanhando Ao Vivo

Caracas Cauzino que situação, isso tudo tá parecendo capítulo de novela..

Gostou? ▼ [Citar](#)



Rich . - 19/10/2010

ao vivo!

Gostou? ▼ [Citar](#)

Esta vontade de se mostrar, de estar presente, quando da postagem de um relato, essa marca narrativa, que representa o “Ao Vivo” pode ser encarado como elementos de uma vontade de ser lembrado. Mas, não apenas o “ao vivo” dos leitores, há também as exigências da presença destes leitores feita pelo próprio Narrador-autor, ou mesmo quando ele entra no fórum apenas para deixar sua marca cotidiana, mesmo que “não haja novidades”⁷¹:

♪ Felipe CauZiNO LotAdOoO Perfil I °° - 22/10/2010

E ae Galera sem novidades passando so pra pedir uma coisa...

Domingo é aniversario do Jean, queria fazer algo especial pra ele, o que sugerem dessa vez?

BJoos otimo fds...

♪ Felipe CauZiNO ► Recomeço

Em certa medida, compartilhamos da ideia desenvolvida por Schittine (2004), a respeito dos elementos que constituem a motivação de escrever um diário. Segundo a autora, “a possibilidade de fazer uma leitura posterior, de deixar algo escrito para si, para os filhos” pode não ser o elemento central, mas que pelo menos deve ser encarado como “a razão que garante a sua permanência” (SCHITTINE, 2004: 143). “Galera não vou deixar ninguém não, não seria justo fazer isso. E outra esse diário já alcança suas 458 paginas”⁷².

⁷¹ Arquivo Pessoal, Grupo VIII, Imagem 77.

⁷² Estas palavras são de Felipe Cauzino quando do tumulto com um leitor chamado Ricardo. O

Como afirma Schittine,

em determinado momento, o diarista se pergunta o porquê daquela escrita frenética que registra atabalhoadamente seu dia-a-dia. E a resposta pode ser que talvez, algum dia, ele queira, se lembrar daquilo ou pelo menos ter aqueles textos guardados. Ou, mais do que isso vai querer que os outros também lembrem daquilo. Quer deixar sua marca, o seu legado (Idem, Ibidem).

Retomando algumas de nossas leituras, podemos dizer que esta vontade de ser lembrado, de que a memória destes e outros eventos não caiam no esquecimento constitui o motor primeiro do saber historiográfico. Não que o diarista esteja pensando que seus escritos serão tomados como fonte para o saber historiográfico. Contudo, seus escritos não estarão isentos de tal ação. “Deixar sua marca, seu legado”⁷³ para a posteridade é para nós, historiadores, a condição pela qual não haveria fontes de acesso a esse outro no tempo, ou seja, não haveria como pensar o próprio conhecimento histórico.

O arquivamento de seu cotidiano, suas proezas, suas experiências eróticas ou não, segundo Schittine (2004: 145), traduz “o medo do homem contemporâneo de não conseguir marcar a sua existência na história, de se perder no vazio do esquecimento”. Os diaristas, e entre eles está Cauzino, são movidos pelo desejo de se destacar e buscam fazer com que suas vidas sejam tomadas como “histórias únicas”, esse desejo “leva o diarista a tentar fixar-se na memória dos outros para, através dela, torna-se imortal” (Idem, ibidem: 145).

Fechamos, pois, mais uma página deste trabalho. Este segundo ato obrigou-se a traçar o percurso que leva da emergência da Rede Social Orkut, a sua condição de suporte de escrita dos novos diários íntimos. Diários marcados por elementos novos, a exemplo da audiência – um público leitor participante. Nessa direção, pretendemos no último ato deste espetáculo refletir sobre a

episódio acontece em meados de 2010, a comunidade estava prestes a completar seu primeiro ano de vida. O número de páginas mencionadas por Cauzino diz respeito aos seus escritos, salvaguardados em seus arquivos pessoais, excluindo dessa cifra os milhares de comentários de seus leitores.

⁷³ Em trabalho monográfico realizado em 2010 analisamos como a obra *Histórias do grego Heródoto* se constituía enquanto “inaugural do discurso” que hoje tomamos como historiográfico. No prólogo de sua obra Heródoto afirma: “Os *resultados das investigações* de Heródoto de Halicarnasso são apresentados aqui, para que *a memória dos acontecimentos não se apague* entre os homens com o passar do tempo, e para que feitos maravilhosos e admiráveis dos helenos e bárbaros não deixem de ser lembrados, inclusive as razões pelas quais eles se guerrearam (HERÓDOTO, 1985: 19). Grifo Nosso. Observe que a vontade de ser lembrado, o medo em cair no esquecimento marca a escrita de homens e mulheres há séculos.

construção dos modos de sentir e pensar, assim como sobre os efeitos que a publicização da intimidade produz na constituição das subjetividades, em nosso caso de análise: subjetividades homoafetivas.

TERCEIRO ATO

**“TIRANIAS DA VISIBILIDADE”: A TESSITURA DA
SUBJETIVIDADE ENTRE HOMOAFETIVOS, TRAMAS DE UMA
ESCRITA PARTICULAR**

*So I won't hesitate no more, no more
It cannot wait, I'm sure
There's no need to complicate, our time is short
This is our fate, I'm yours⁷⁴*

Jason Marz, I'm Yours

São seis da manhã de um dia comum. Quarta-feira, 04 de Agosto. Estamos no fim do inverno de 2010. O Brasil já vivencia o fervor de uma campanha eleitoral que coloca sob os holofotes da Grande imprensa a capacidade do então presidente em fazer ou não seu sucessor, na verdade sucessora. Cauzino encontra-se em São Paulo. Jean encontra-se no Nordeste brasileiro, à trabalho. O celular toca, era Jean: “Oi Cauzino te acordei? Eu sei que sim, ouve isso. Ele pôs a música Im Your’s pra eu ouvir logo cedo”⁷⁵.

Jean havia passado a noite pensando nos dois, os relatos na comunidade dão conta de que Cauzino resiste a um relacionamento sério com Jean. Para Cauzino, este tipo de relação além de prendê-lo, agora que ele começa a descobrir novos modos de uso de sua sexualidade, pode estragar, uma amizade que se construiu desde a infância.

A emoção e a sensibilidade que atravessa a conversa saltam aos olhos de quem lê. Para Jean, a distância e o tempo longe um do outro parece machucar. “Nunca fiquei tanto tempo sem te ver”, diz Jean para Cauzino. E prossegue:

Não to falando de amor sexual cara, saudades mesmo, de você de sua pessoa, de sua amizade, de você me zoar, de você estar do meu lado, me dar aquele abraço que me faz sentir segurança em cada passo que eu dou, das suas palavras, de sua comida, cara que falta você me faz⁷⁶.

São palavras de afetividade, palavras que fazem o leitor aguçar sua

⁷⁴ Tradução livre da música I'm Yours, Jason Marz: Então eu não hesitarei mais, não mais; Isso não pode esperar, tenho certeza; Não há necessidade de complicar, nosso tempo é curto; Este é nosso destino, eu sou seu

⁷⁵ Arquivo Pessoal, Grupo III, Imagem 6.

⁷⁶ Arquivo Pessoal, Grupo III, Imagem 6.

imaginação e ver cada um em um lado da linha telefônica, imaginando a voz pausada de um, o sorriso de contentamento do outro. Certamente houve aqueles que foram buscar no oceano de informações da *internet* a música de Jason Marz, *I'm Yours*. A mesma que Jean toma para si e diz pertencer a dupla. Afirmando que houve quem fizesse isso, afinal eu fui dos que fizeram esta busca. Provavelmente, muitos de nós paramos e repetimos o trecho marcado por Jean: “Então eu não hesitarei mais, não mais. Isso não pode esperar, tenho certeza. Não há necessidade de complicar, nosso tempo é curto. Este é nosso destino, eu sou seu”⁷⁷. E Cauzino completa sob uma interrogação: “Você é meu?”.

Pergunta intensa e cheia de possibilidades. Em se tratando de Jean, a resposta só poderia ser uma: Sim, sou seu. Mas ele vai além, ele inventa para si inúmeras possibilidades, cria vários lugares, posições de sujeito que ele, Jean, poderá ocupar. Diz Jean: “Sim, do jeito que você quiser: amigo, irmão, parceiro, amante, namorado. Do jeito que você quiser, sou seu”⁷⁸.

Há meses, a comunidade acompanha os relatos de Cauzino e o desenrolar de uma narrativa que mostra dois amigos de infância que expõem seus desejos, seus medos, suas emoções diante da eminência de uma relação homoafetiva, em meio a uma sociedade marcada pela heteronormatividade⁷⁹. São os mesmos que, no início deste trabalho, os foram mencionados no ‘fim de semana em São Lourenço’.

No segundo ato, mostramos a força produtora que os diários possibilitam aos historiadores, quanto às reflexões sobre o cotidiano de uma dada época, das reflexões a respeito dos modos de sentir e pensar dos sujeitos escreventes. Os diários pessoais são artefatos culturais, que permitem ao historiador do sensível “compreender as práticas culturais de uma época, ressaltar elementos para o entendimento de vidas comuns” (CUNHA, 2012:

⁷⁷ Jason Marz, *Idem*, 2012.

⁷⁸ Arquivo Pessoa, Grupo III, Imagem 6.

⁷⁹ Discutimos alhures sobre esta questão da Heteronormatividade a luz dos escritos do Sociólogo brasileiro Richard Miskolci. Segundo o autor “Vivemos em uma época em que a heterossexualidade é o meio privilegiado de socialização e apenas neste regime de verdade as pessoas são reconhecidas, aceites e inseridas nas principais instituições”. Estas palavras de Miskolci são fundamentais para avaliarmos a dimensão deste dispositivo que ‘aprisiona’ os sujeitos. Ainda segundo Miskolci, a condição da homoafetividade no Brasil parece ganhar contornos mais dramáticos, pois no Brasil, ao que nos parece, existe um “machismo que exige a homofobia, o pânico da homossexualidade”. Richard Miskolci, *Comentário*, págs. 59-60. Cardenos Pagu, 2007.

252). O diário *online* de Cauzino pode ser pensado a partir do que Cunha (2012) chama de “escritas ordinárias”. Segundo esta historiadora, as escritas ordinárias ou escritas sem qualidade são aquelas marcadas pelo lugar social e econômico de seu escrevente, são narrativas de pessoas comuns, narrativas que não visam construir uma obra (2012: 272).

Essas narrativas, por sua vez, nos possibilitam adentrar no universo do sensível. Refletindo um pouco sobre a escrita de Cauzino, e aquilo que podemos garimpar das poucas vezes que Jean escreveu na comunidade, somos levados por uma escrita marcada pela sensibilidade, sensibilidade esta que temos acesso por meio da leitura que realizamos das emoções descritas – as dores, as alegrias, a euforia – dos registros de intimidades, de erotismos, de sensualização dos corpos em narrativas de eventos corriqueiros (CUNHA, 2012: 253).

Queremos neste ato empreender algumas reflexões que ficaram em suspenso no segundo ato. A primeira questão que mobilizamos, diz respeito aos usos do diário enquanto artefato histórico-cultural, que nos permite acesso ao processo de produção de subjetividades. No segundo momento, fechando nossa reflexão, nos debruçaremos sobre os escritos de Cauzino para rastrear os elementos narrativos que nos permitem pensar seu diário enquanto um artefato etopoiético.

3.1 Rasgando o verbo: escrita de si e produção de subjetividades

Em texto bastante coerente, a pesquisadora Paula Sibilia (2008) nos brinda com uma reflexão a respeito da produção da subjetividade na sociedade ocidental contemporânea. No texto intitulado *Eu visível e o eclipse da interioridade*, a autora afirma que a construção da identidade moderna assentada em um “eu interior” tem sofrido grandes abalos nas últimas décadas. Segundo ela, estas fissuras têm possibilitado a emergência de ‘outras construções identitárias’, identidades inventadas a partir de outros “regimes de produção e tematização do eu” (SIBILIA, 2008: 90).

Segundo Sibilia, o “desmoronamento” que assolou os muros que separavam as instâncias públicas das privadas, nas sociedades industriais, tem possibilitado nada menos que a visibilidade sobre a “intimidade de cada um e

qualquer um”. Temos assistido nos últimos anos um “grande movimento de mutação subjetiva”, diz Sibilia (Idem, Ibidem). Esta mutação, da qual fala a autora, tem possibilitado o deslocamento de eixos do eu a outras zonas de atuação, “do interior para o exterior, da alma para a pele, do quarto para as telas de vidro” (Idem: 91).

A reflexão desta comunicóloga aparece nos escritos da Historiadora Maria Teresa Cunha (2012), a partir de outros aspectos. Cunha (2012), afirma que a transição entre os séculos XX e XXI tem sido marcada por transformações nos modos de sentir e pensar. Segundo ela, tem havido um “deslocamento do eixo que sustenta a *experiência de si*”, de modo que mutações têm sido percebidas nas formas de construção destas experiências (CUNHA, 2012: 258).

Segundo Cunha, escritas realizadas em *blogs, fotologs, Orkut* e outros espaços tecnológicos, instauram novas formas de sociabilidades, formas diversas nas relações intersubjetivas, estes mecanismos tem possibilitado novos modos de escritas pessoais, “[...] em vez de subjetividades tipicamente modernas, construídas pelas ‘escritas de dentro’ no silêncio e na solidão do espaço privado [...] proliferam as ‘escritas de fora’” (Idem, Ibidem).

Fica patente para o leitor, que nos acompanha até este momento do trabalho, que estamos tomando o conceito de subjetividade enquanto os vários modos de sentir e pensar dos indivíduos, seus modos de ser e estar no mundo, ações passíveis de mudanças e, como afirma Sibilia (2008: 91), “formas flexíveis e abertas, cujo horizonte de possibilidades transmuta nas diversas tradições culturais”. Sibilia (2008) afirma ainda em seus escritos, a experiência subjetiva pode ser refletida/analísada a partir de três níveis: o singular, o particular e o universal. E, assim como ela, nos interessou neste trabalho refletir a partir da experiência particular, experiência esta que é caracterizada por analisar e detectar elementos comuns a alguns indivíduos, “que partilham certa bagagem cultural em determinado momento histórico, mas não afetam a totalidade da espécie humana (nível universal) e tampouco constituem traços meramente individuais (nível singular)” (SIBILIA, 2008: 91).

Na medida em que fomos apresentando os traços da escrita de Cauzino no fórum da comunidade *online*, no decorrer de todo o trabalho, acabamos por mostrar ao leitor as fraturas que esta escrita impunha a certa “cultura da

intimidade” (SIBILIA, 2008) que deu base a sociedade industrial a partir do século XIX. Mas, não apenas isso, ao colocarmos em cena a construção subjetiva do autor-narrador-personagem Felipe Cauzino, trazendo para o centro das atenções fatos singulares, fatos cotidianos de sua vida, experiências erotizadas, um baile de corpos e facetas narradas de forma ordinária, acabamos por apresentar ao leitor – na medida de um possível – a “(des) individualização” desta narrativa, no momento em que buscamos no interior desta tirania da visibilidade experiências comuns entre os jovens brasileiros, nestas primeiras décadas do século XXI (IONTA, 2013: 19).

É bem verdade que é possível acompanhar, ainda que em número restrito, pelo menos na Rede Social Orkut, a vida de jovens homoafetivos que narram suas intimidades e projetam suas subjetividades, ao passo que as constroem. Todavia, é preciso atentar para uma dimensão de fratura destes escritos sem, contudo, perder de vista os elementos que dialogam e partilham similitudes com escritos já tradicionais, como as escritas de si dos diários tradicionais. O uso dos diários *online* deve estar precavido de uma dupla ilusão: “ou a ilusão da singularidade das pessoas frente às experiências compartilhadas ou a ilusão da coerência perfeita numa trajetória de vida” (CHARTIER apud CUNHA, 2012: 260).

O acesso a escrita de si, engendrada nos escritos de Cauzino, assim como nas intervenções dos inúmeros leitores-participantes, nos permitiram refletir sobre as múltiplas formas pelas quais se dá a constituição da subjetividade, tomando como elementos de análise desta produção os modos pelos quais o sujeito narra sua vida, os modos de sentir e pensar a si mesmo e os outros, suas relações consigo e com os outros presentes nestes escritos. Observem abaixo a declaração que Jean publica para Cauzino na comunidade:

Depoimento pro Cauzino

Como eu não tenho Orkut, não pretendo fazer, vou deixar um post aqui especialmente pra Cauzino, fica sendo como forma de depoimento.

Nunca achei que alguém que eu conheço desde pivete fosse fazer o que esta acontecendo comigo, esse cara ai, já bati muito nele, lembro de quando tínhamos 13 anos, eu era mais alto que ele (ainda sou). Numa dividida de bola ele me deu um carrinho cai de cara na terra, ele riu de mim, o Lucas riu, todo mundo riu. Fiquei fudido de raiva e fui pra cima dele, dei mo soco na cara dele, ele olhou pra mim e falou.

- Nunca mais você vai em casa. E hoje é daqui que não saiu. Todas nossas brigas ele falava isso. Ai como não adiantava por que dava meia hora a gente voltava a se falar. A gente perdeu a virgindade quase no mesmo dia, mas eu fui muito zezão e o Cauzino me passou, da terceira serie ao 1º colegial fomos da mesma sala, as professoras não agüentavam mais, a gente cauZava muito. Zuava legal, várias advertências, dias em casa suspensos, ate pra apanhar a gente esteve junto. Entramos na academia, conhecemos as minas que namoramos, ficamos malhados, passamos a chamar a atenção das pessoas por onde íamos. Traímos elas várias vezes, perdemos o busão, voltamos pra casa a pé, pulei o muro da casa dele ele veio atrás e quebrou o pé e pra explicar pra mãe dele do pé. Ele ficou o Domingo inteiro no quarto dizendo que estava estudando e o pé doendo só pra não falar pra mãe dele que estava bêbado. Vários roles no shopping, praia, parques, baladas. Hoje o Cauzino se tornou pra mim mais que um amigo, um irmão talvez, existe coisa maior que isso? Acho que não, consideração máxima, o futuro é incerto demais, não sabemos o que pode ocorrer dentro do próximo minuto de vida, mas sei o que me faz sentir bem, as vezes tem umas crises de putisses atônitas, mas mesmo assim é especial. Quero viver o hoje, o amanhã é outro dia. Cauzino amos você cara, por ser mer amigo, meu irmão, meu parceiro, meu brother, meu tudo. Não sou bom na escrita como ele, mas quero deixar declarado pra todos aqui o quanto ele é significativo pra mim (**sic**)⁸⁰

O depoimento é um elemento existente na rede social Orkut, no qual o sujeito declara um afeto especial por alguém. Os depoimentos, em sua maioria, são manifestações das emoções em datas específicas ou em relações estreitas de carinho e afeto. No depoimento realizado na comunidade, Jean utiliza de um artifício importante: usa a própria rede de Cauzino para publicar seu depoimento, segundo ele o fato dele “não ter orkut” e não pretender criar um para ele o leva a deixar ‘um post... especial pro Cauzino’ no fórum.

A escrita de Jean não segue nos moldes da escrita realizada por Cauzino, é possível observar uma escrita cortada por vários eventos em uma única postagem, mostrando que ele recorre à memória para trazer à tona os eventos de suas infâncias. Passa pelo cotidiano escolar, as práticas comuns aos dois no espaço da sala de aula, suas experiências sexuais e afetivas com mulheres, suas “travessuras adolescentes”. Mas não apenas isso. Jean usa a escrita de si e do outro para refletir sobre a incerteza do futuro, um diálogo marcado pelo cuidado de si e do outro. Ele deixa marcado na escrita, sua condição emotiva, seu modo de ver aquele instante, que para ele é “um dos

⁸⁰ Arquivo Pessoa, Grupo IV, Imagem 20.

momentos mais perfeitos” de sua vida. E afirma seu afeto em múltiplas posições de sujeito ao dizer: “Cauzino [amo] você cara, por ser meu amigo, meu irmão, meu parceiro, meu brother, meu tudo”. E encerra afirmando aquilo que constatamos mais acima: são escritas diferenciadas, com modos de organização distintos, mas para ele – Jean – o objetivo é deixar marcado, registrado, publicizado “o quanto ele [Cauzino] é significativo para mim [Jean]”⁸¹

Outra questão se impõe nesta escrita de si dos diários *online*: a audiência. Durante o segundo ato, apresentamos ao leitor a condição diarista dos escritos de Cauzino no fórum *online*. Afirmamos, naquela ocasião, que o diário *online* é marcado por uma *audiência* traço que o distingue da experiência instaurada no século XIX dos diários íntimos tradicionais. O verbo que se rasga, o sujeito que se desnuda, ou que acreditamos se desnudar diante de nossa leitura, traz consigo os ecos dos leitores. Os modos como estes receptionam, como estes interferem nesta escrita de si. Os leitores marcam seu lugar nesta escrita, ao passo que se mostram, eles subjetivam as narrativas e externam os modos como são afetados pelas narrativas engendradas no fórum.

É possível acompanhar em vários episódios narrados o retorno dos leitores. Nas mais de 4 mil postagens, temos a oportunidade de observar os modos de subjetivação fabricados pelos personagens-narradores e pelos leitores-narradores. Um exemplo destas constatações é a resposta que muitos apresentam ao “depoimento pro Cauzino” realizado por Jean. Vejamos algumas respostas:

S Pa@aDe

22/06/10

Relaxa man, vc escreve bem sim, tanto que aposto contigo: todo mundo consegue sentir o quanto vcs se amam, e agora com vc colocando alguns, ficou muito mais facil perceber isso, parabens pelo namoro, aos dois.

PeDrO

22/06/10

Eu tava muito atrasado nos posts...
Vou tentar nao atrasar tanto... to lendo a mais de [d]uas horas e nao me cansei...
Cauzino.. Boa sorte!

Fábio

22/06/10

felipe
estou agora falando com vc no msn, seja feliz meu amigo,

⁸¹ Arquivo Pessoa, Grupo IV, Imagem 20.

nao te conheço bem mais senti que é parceiro mesmo, beijão de amigo em vc e abraço no jean, e QUE

DEPOIMENTO JEAN ADOREI.. BJS PARAVC TBM

Marcelo 22/06/10

Pow Jean lógico que vc escreve bem,tah mandando muito bem .Tah sussa mesmo.

Nossa cada dia torço mais por esse relacionamento de vcs.Nossa Cauzino o que parecia um namoro incerto pra vc,está indo tudo melhor do que o esperado e que continue assim por muito tempo.

Ups,Ups,Ups pra vcs :)

Abraços⁸²

yo^^ 23/08/10

aaahh q lindo o post d hj...xD~~

tanto esse namoro no quarto ae qnt a declaracao do jean... *--* ri muito tentando imaginar o cauzino conversando com o vigilante...

ehAUI EHaiuehiuehIUEHiuehelUEH

Jean vc escreve bem tb sim.....

“Nunca mais você vai em casa. E hoje é daqui que não saiu.”

hAIUE HIUehiue HEIUhiuehiueH

ehh cauzino.., nunca diga nunca... =Pp

voces cauZam desd pivetes.... hahahah xD~~

Rich 23/08/10

aaaai que linda declaração!!!

Jean, nem sei direito o que falar...

só pra vcs continuarem cuidado pra que vocês tenham a relação que tem hoje pro resto da vida de vocês. Podem ser putões separados, e ate juntos, mas namorando, são dois fofos apaixonados. Muito lindos!

PS: Se um dia casarem, não se esqueçam de me chamar pra despedida! hahahahahaha

beeijos e uppadas

Noturno 23/08/10

Cara q declaração da hora essa hem Jean

Mt maneiro. Q isso cara vc escreve mt bem tbm. To sem palavras aki. rrsrrsr

VLw

Boa semana a todos!

Denis 23/08/10

cauzino tem sorte ...

quase choro com a declaração do jean rrsr...

o amor q ele sente por vc é muito bonito....

torço por vcs....⁸³

⁸² Arquivo Pessoal, Grupo IV, Imagem 21

⁸³ Arquivo Pessoal, Grupo IV, Imagem 24

Empreendendo a leitura dos escritos dos leitores do “depoimento” de Jean, é possível rastrear as marcas dos modos de sentir e pensar de alguns deles. Mesmo que estejamos agindo por generalizações, a partir de pequenos fragmentos de escritas. O primeiro leitor a comentar a postagem de Jean, *Pa@aDe*, ele afirma que “todo mundo consegue *sentir* o quanto vcs [Jean e Cauzino] se amam”⁸⁴, e conclui “com vc colocando alguns [posts], ficou muito mais fácil *perceber* isso”. O leitor expressa o modo como recepciona a narrativa entre os dois e como ele passa a ter mais *confiança/certeza* do afeto, do amor entre Cauzino e Jean.

Mais a frente *Marcelo*, outro leitor assíduo do fórum, exorta Jean afirmando que sua escrita está muito boa, e vai além: ele afirma que torce pelo relacionamento, lembra a Cauzino que até pouco tempo ele afirmava que não havia a possibilidade de um namoro entre ele, Cauzino, e Jean. *Yo^^*, é outro leitor cuja presença é sempre percebida por seus comentários. No episódio da declaração de afeto – o “depoimento” de Jean – ele expressa sua emoção a partir de símbolos. Em seu comentário, *yo^^ coloca: “aaahh q lindo o post de hj... xd~~”*⁸⁵. Ele inicia sua postagem com uma nova grafia para uma interjeição de carinho, afeto, um quase suspiro ‘aaahh’ e encerra a primeira linha de seu comentário com o que deveria ser um rosto de alegria: com os olhos fechados, e a língua para fora, como quem faz uma expressão de contentamento.

Em seguida aparece a postagem de *Rich*, nela também nos deparamos com uma expressão de ternura, de quem se encanta com o gesto meigo do depoimento. *Rich* afirma que nem sabe direito o que falar de tão encantado com o gesto. Muitos outros aparecem, permitindo a nós o acesso aos modos como os leitores mais presentes no fórum recepcionam cada nova postagem das personagens centrais do fórum. Elas nos permitem pelo menos mais um ponto de vista no processo de produção das subjetividades postas em cena na comunidade *Contos reais entre amigos*.

3.2 “A vida como relato”: Intimidade e Criação de novos modos de conduzir a vida-narrada

Temos observado nas passagens destacadas que, em meio à massa

⁸⁴ Idem, ibidem.

⁸⁵ Arquivo Pessoal, Grupo IV, Imagem 24

documental, a prática de externar as emoções, o estado de espírito, os anseios e angústias através das postagens, emergem como uma marca bem característica deste formato de diário *online*.

O leitor que acompanhou-nos em nosso trajeto poderá constatar que, os percursos inicialmente distantes, foram utilizados de modo a chegarmos em um mesmo ponto: a produção de subjetividades na rede mundial de computadores, tomando como base de análise o diário *online* de Felipe Cauzino.

As narrativas que lançamos mão, seja as de Cauzino, seja de seus leitores, nos permitiram chegar a este ponto, afirmando o claro abandono da produção de um 'eu' centrado na interioridade e, ao invés disso, temos nestas narrativas a marca de um eu exteriorizado. Acompanhamos, nesse sentido, a leitura de Paula Sibilia(2008) para quem os novos formatos de escrita de si “em vez de solicitar a técnica da introspecção”, a ação voluntária do indivíduo que busca olhar para seu interior, para dentro de si “a fim de decifrar o que se é”, a escrita de si nos meios eletrônicos, estas novas técnicas de si, estas “novas práticas incitam o gesto oposto: impelem a se mostrar para fora” (SIBILIA, 2008). Usando novamente do “depoimento de Jean”, podemos dizer que por mais que o sujeito acredite não controlar as técnicas de uma boa narrativa, ainda assim ele quer “deixar declarado pra todos... o quanto ele é significativo”⁸⁶, pois é preciso externar todo o sentir e pensar sobre si e sobre o outro.

Na página de Cauzino, que ainda existe no Orkut, mesmo sem novas atualizações, exhibe a música I'm Yours, do cantor Jason Mraz. Ao fim da letra da música encontramos o seguinte desfecho: “TE AMO JEAN”⁸⁷. Em postagem realizada em Agosto de 2011, é possível ler uma declaração de Cauzino falando dos dois anos de relacionamento entre eles. Nesta postagem, Cauzino externa seu sentimento de gratidão pela presença de Jean em sua vida e na vida de seu filho. Observem o texto completo a seguir⁸⁸:

Felipe CaUzino © - 18/08/2011

Jean eu simplesmente agradeço por tudo o que fez na minha vida, parece clichê mas foi você que me mudou, que me fez [ver]a vida de uma forma totalmente diferente, juntado com

⁸⁶ Arquivo Pessoa, Grupo IV, Imagem 20.

⁸⁷ Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=5049002541303646349> , acessado em Junho de 2014.

⁸⁸ Arquivo Pessoal, Grupo Avulso, Imagem 3.

minha jóia mais rara e preciosa desse mundo, Chris. Que juntamente com você, esta sendo educado, preparado e amado. Esses dois anos que nem acredito que esta acontecendo comigo estão sendo os melhores. Obrigado meu anjo, meu querido, meu amor, meu protetor, meu tudo. Dizem que pessoas perfeitas não existem, mas pra mim ainda restam grandes dúvidas.

“TE ADORO EM TUDO, TE QUERO MAIS QUE TUDO, TE AMAR SEM LIMITES VIVER UMA GRANDE HISTÓRIA”

CauzinOooo l’Yours Jean

A declaração de Cauzino foi acompanhada de uma “replica” realizada por Jean. No depoimento realizado em 2010, Jean afirmava que não tinha pretensão de criar para si uma página na Rede Social Orkut, porém tempos depois ele volta atrás de sua decisão e cria sua própria página. É por meio dela que ele torna pública sua declaração no fórum da comunidade. Ele expõe o seguinte⁸⁹:

Jean F - 18/08/2011

Não podia deixar passar

Cauzino, não sei o que você agradece, eu tenho que agradecer, o que eu sinto, passa qualquer coisa de ruim nessa vida. Me sinto lisonjeado em ter você ao meu lado. Tudo o que fiz valeu a pena, se tivesse desistido estaria arrependido ate o ultimo. Obrigado, meu amor, meu Nego, meu Fe, meu queridão, meu maior tesouro!

Jean Fernandes AMA INCONDICIONALMENTE Felipe Cauzino

Chamamos a atenção do leitor, logo de saída, no prólogo deste trabalho, para as motivações que nos levaram a escolher o fórum *Felipe* Transando com os amigos no FdS. Dissemos, naquela ocasião, que a escrita de si produzida no fórum possuía os contornos do que Michel Foucault em texto intitulado *Escrita de Si*, na obra *O que é um autor?* (2009), chamava de escrita etopoiética.

A escrita etopoiética consiste em um tipo de escrita que coloca o escrevente diante de si mesmo e diante dos outros. Uma escrita que busca a transformação das ações do sujeito, que narra a si mesmo para si e para os outros. Esta escrita etopoiética que Foucault vai encontrar nos textos dos

⁸⁹ Arquivo Pessoal, Grupo Avulso, Imagem 4.

antigos não será atualizada na contemporaneidade, nem é o objetivo deste trabalho trilhar desvios que fabriquem este efeito. Antes disso, queremos a partir de um dos elementos que rege esta escrita, a saber, a dimensão de uma escrita de si que busca a criação de um modo novo de conduzir-se na vida lançar luz sobre alguns episódios narrados no fórum.

Por ocasião do prólogo que, o leitor deve lembrar, afirmamos que a escrita diarista engendrada no ciberespaço cumpria uma dupla função: temos, com as postagens, o ato de reflexão daquele que escreve no – quase simples – fato de “ler o que escreve”, à medida que o sujeito narra exibindo a si mesmo, se colocando sobre o olhar do outro, que exige sua presença, mesmo que por meio da escrita. Ao mesmo passo, essa escrita age sobre o seu destinatário, leitor, no exato momento que este ler recepcionando e produzindo sua leitura. Além de agir sobre este mesmo destinatário, quando de sua leitura para comentar o que acabara de ler.

Irei apresentar abaixo um episódio exemplar para nossas reflexões subsequentes. A narrativa é anunciada sob um título que já causa interesse no público leitor: “*Proposta do Jean*”. Porém, antes mesmo de apresentar a proposta, Cauzino inicia a narrativa agradecendo os parabéns que havia recebido nas postagens anteriores referentes à comemoração do “Dia dos Pais”. Logo em seguida ele informa que teve uma conversa com seu advogado sobre a guarda de seu filho, guarda que ele pretendia na época disputar com a mãe da criança. E emenda ao assunto narrado a consulta médica de seu irmão e a possível cirurgia que o mesmo teria de realizar. O leitor certamente deve ficar atento para estas micro-narrativas no interior de um episódio maior, elas são para nós a base do que chamamos acima de escrita ordinária, uma escrita marcada por cenas do cotidiano, cenas corriqueiras a todos e a qualquer um. Depois de feito um quase preâmbulo, Cauzino passa então a narrar a proposta que havia sido feita em oportunidade anterior:

Felipe cauzino 09/08/10

Proposta do Jean.

Ae galera valeu pelos parabéns.

Hoje eu fui no advogado, ele me deu varias orientações sobre como proceder com o pedido de guarda do chris. Ele disse que a justiça sempre esta ao lado da mãe, ainda mais que o Chris é pequeno ainda e esta sendo amamentado, pelo menos deveria. Mas já que são muitas coisas que a mãe dele fez, fica mais

fácil para eu ganhar a guarda. Adorei. Nem fui trabalhar hoje, rodei com o Di em vários médicos, pois um deles disse que ele vai Ter que operar sim. Rinoplastia. O Di já tremeu na base, mas o medico disse que não há jeito, pois o nariz dele ficou meio inchado na parte de cima parecendo que o nariz dele esta maior do que já é. Marcamos para daqui a 3 semanas dia 30 de agosto. Ele tá se cagando de medo, ontem ele passou mal, por que tem medo de medico e quando eu disse que a consulta dele com o cirurgiao era hoje, o leke vomitou no meu quarto deu febre, passou a noite inteira gemendo de dor no estômago. me fez lembrar dos tempos que ele aprontava na escola e não queria ir no dia seguinte.

Hoje cedo o Jean me ligou.

- E ae meu querido como cê tá?

- Bem Jean e você?

- To bem, ansioso pra voltar pra você, pensou na minha proposta?

- Qual?

- Já esqueceu Cauzino?

- Não to zoando.

- Jean a gente não pode falar disso amanha?

- Pode sim, não quero te pressionar em nada.

- Parceiro tenho que ir, só liguei pra te dar um bom dia.

- Valeu bom dia.. Vêm logo Jê.

- Amanha to ai. Me espera.

- Beijos. Então galera numa das nossas ligações, o Jean me ligou a noite, eram quase meia noite já, falando que estava com saudades, que queria me ver, e tals. Nisso ele pediu pra ficar comigo, *a gente não fala namorar, mas ficar, do nosso jeito*. Eu disse pra ele que não sabia ao certo o que queria, que sentia algo por ele que não sabia explicar, mas que iria pensar no assunto. Ele disse assim.

- *Cauzino, se de repente, a gente ficar cara, vou Ter que te pedir uma coisa, sei que parece infantilidade minha mas vou pedir mesmo assim. Posso?*

- *Esta sim. E que você sabe que não concordo com o que você faz no orkut, contar sua vida, sua intimidade para um monte de gente que você nunca nem viu as caras. Ai eu quero pedir pra que se a gente ficar mesmo, que você pare de postar lá.*

-Se estiver ao meu alcance

- Não Jean.

- Como assim?

- Não vou parar.

- Por que?

- *Eu me sinto bem, ate hoje não me prejudicou em nada, não tenho o por que de fazer isso.*

-Ainda não prejudicou.

- E nem vai.

- Como não? Você da o seu nome, sua vida, suas características, quer mais o o que?

-Jean, não.

- Cauzino assim não da, eu não vou querer ficar com você assim, postando o que acontece ou deixa de acontecer com a gente.

- Quer que eu não fale mais de você tudo bem, mas não

deixarei de postar.

- Então já vi que nada feito, só estou te pedindo isso. Afinal você diz gostar de mim também.

- Gosto sim, mas não tem por quer fazer isso. - Tá bom então Cauzino. Deixa quieto como tá. *Depois dessa conversa, fiquei pensando, mas não quero abrir mão nem de um nem de outro, A gente não tocou mais no assunto. Ontem conversando com o Barty e o Noturno, me fez querer postar sempre mesmo, aqui eu me sinto bem, me ajuda, por mais que eu tenha amigos que eu possa contar em qualquer momento, aqui eu também me sinto bem, mas também não queria ficar nesse empasse com o Jean. Deu para entender ne? Ajudem-me...*

Felipe CauZinO Recomeço⁹⁰ (sic) Grifos Nosso

Este episódio tem valor exemplar para nosso escrito. Ele traz a força de um pedido especial, algo que poderia ser encarado como um pedido comum, coerente. Se pensarmos que Cauzino exibe sua intimidade e de seus amigos em uma rede social, caracterizada pelo livre acesso as informações prestadas, a condição imposta por Jean para iniciar um relacionamento homoafetivo e monogâmico nos soa plausível.

No entanto, Cauzino começa a explicar para comunidade, à medida que narra o pedido, que *não é um namoro*, segundo Cauzino eles “não falam namorar mas ficar”, mas não é qualquer tipo de ‘fica’, ou seja, relação a dois marcada pelo não compromisso entre as partes. É um ‘fica’ que parece deixar implícito enquanto regra de funcionamento a ‘pegação’ com outros caras, quando a oportunidade surgir.

Jean, ao que tudo indica, parece aceitar a ideia do fica, mas não vê com ‘bons olhos’ a publicização de suas vidas na rede. Sua proposta é clara: “não concordo com o que você faz no orkut, contar sua vida, sua intimidade para um monte de gente que você nunca nem viu as caras. Ai eu quero pedir pra que se a gente ficar mesmo, que você pare de postar lá”⁹¹. O pedido causa certo desconforto em Cauzino, que de imediato rejeita a proposta. Ele afirma: “Não vou parar... Me sinto bem, até hoje não me prejudicou em nada, não tenho o por que (sic) de fazer isso [parar]”.

Cauzino narra que foi bastante enfático com Jean, ao afirmar que não pararia de narrar seu cotidiano na comunidade. No entanto, ele segue a narrativa e diz ter refletido sobre o assunto, chegando inclusive a conversar

⁹⁰ Arquivo Pessoal. Grupo III, Imagem 38-39

⁹¹ Idem, Ibidem.

com alguns membros da comunidade sobre esta questão. Observem que ele afirma ter parado para pensar sobre o tema, que não quer perder nem um nem outro. Ele quer ficar com Jean, mas não quer deixar de narrar seu cotidiano, de compartilhar sua vida com outros, mesmos que desconhecidos. O que chamamos alhures de *um modo novo de conduzir-se na vida* fica patente, pelo menos para nós, quando Cauzino afirma:

conversando com o Barty e o Noturno⁹², me fez querer postar sempre mesmo, aqui eu me sinto bem, me ajuda, por mais que eu tenha amigos que eu possa contar em qualquer momento, aqui eu também me sinto bem⁹³.

A permanência de Cauzino enquanto escrevente cotidiano do fórum passa a ser objeto de comentários por parte dos leitores. Argumentos pró-relação e pró-manutenção das narrativas surgirão aos montes. Abaixo trago pelo menos duas postagens que vieram logo em seguida ao relato do pedido de Jean:

Rich 09/08/10

AAAi que conflito de interesses!

Sempre torci por você e o Jean, desde que isso começou a ser cogitado, talvez antes, mas ficar sem suas postagens não dá, né?!

Eu o entendo, deve ser MUITO estranho saber que sua vida é compartilhada com centenas, milhares de pessoas. Você pode não sentir isso, pois é você quem posta, é o SEU ponto de vista e a sua EDIÇÃO dos fatos que aqui são colocados. Além de ser você que se beneficia com o feedback da galera aqui.

Acho difícil, também, que você, “ficando” com o Jean consiga aqui postar sem falar nele. Você não consegue ficar uma postagem sequer sem mencioná-lo, quanto mais fazer disso a nova regra pros seus posts. Acho que você deve pensar bem, pesar as coisas na sua vida. Pensar no quanto postar aqui te beneficia, te ajuda na sua vida, se há perspectivas de benefícios oriundos da comunidade e se eles seriam maiores que as vantagens em estar com o Jean. Você, presidente, deve entender o que estou falando, é a coisa do “custo de oportunidade”. Acho que pode conversar mais com o Jean... quando ele voltar, vcs

⁹² Barty e Noturno são nomes inventados para o Orkut, são duas personagens de desenhos animados. Porém, no decorrer dos anos mantivemos cotidianas e longas conversas com os dois jovens que incorporam estas personagens. Porém, não cabe publicizar seus ‘nomes reais’, haja vista não aparecerem na escrita do fórum.

⁹³ Arquivo Pessoal, Grupo III, Imagem 39.

ali naquele momento íntimo... vc sabe, há meios de persuasão bem eficazes pra se conseguir algo com alguém que te ama, né?! Tente fazê-lo entender os benefícios disso, talvez fazer ele ler o que você posta aqui, de repente comentar com você o que achou, ou aqui mesmo (já pensou vc e ele postando aqui?! hahahaha). Sei la, não quero ter que perder o hábito de toda noite vir aqui procurar uma nova postagem sua. mas é a SUA vida, você deve decidir o que é melhor pra você.
 Torcendo por você SEMPRE!
 Beijos e uppadas⁹⁴.

Rich faz uma avaliação do pedido buscando pesar os dois lados da tensão que se instaura sobre Cauzino. Podemos observar que, ao comentar, ele destaca algumas palavras, enfatizando determinadas práticas que atravessam a decisão dele narrar, ou não, sua vida. O leitor, Rich, chama a atenção para a possível estranheza que pode causar em ter a vida exibida para centenas, e até milhares, de pessoas desconhecidas. Mas ele também destaca que é o ponto de vista do narrador – Cauzino – quem se beneficia com o *feedback* da comunidade. Fica claro que a comunidade emerge como um quase divã, contudo, preferimos pensá-la em sua condição de etopiética. Por fim, Rich conclama Cauzino a tentar convencer Jean a compreender sua necessidade – a de Cauzino ou a de Rich? – em manter-se conectado a comunidade.

Um segundo comentário lançado no fórum foi produzido por Marcelo. Este, por sua vez, se coloca mais tendencioso no seu escrito. Chega a afirmar que Cauzino “cresceu e amadureceu”, certamente a partir de sua prática cotidiana em narrar-se para si e para os outros – deve acreditar Marcelo. Este leitor acredita que o pedido de Jean está imbuído de ciúme, haja vista Cauzino dedicar bastante atenção a comunidade e aos membros da mesma. Todavia, o leitor-comentador ameniza sua postura ao afirmar que ninguém pretende prejudicá-lo, mas ajudá-lo sempre que possível. Eis o que diz Marcelo:

Marcelo

09/08/10

Cauzino meu velho olha num seria uma boa idéia vc parar de postar,mesmo por que vc cresceu e amadureceu muito cara,nós aqui mesmo que amigos virtuais jah te consideramos muito,na maioria das vezes as pessoas costumam dizer que amizade virtual não existe.Mas é tudo totalmente ao contrário,existe amizade virtual sim Somos prova disso.Acredito que o Jean deva estar com um pouco de ciúmes,ele sempre soube que vc postava a sua vida aqui e nunca reclamou por

⁹⁴ Arquivo Pessoal, Grupo III, Imagem 40.

isso agora? Logo nesse momento em que vcs estão tão próximos, tão íntimos, e ele te faz um pedido desses? Que graça teria sua vida Cauzino se em um momento onde a galera estivesse todos super atarefados e vc precisando desabafar com alguém como seria? Seria difícil e complicado cauzino, nós aqui na comu de forma alguma queremos te prejudicar e sim te ajudar sempre no que for possível e necessário. Sei que uma amizade real pode valer mais que uma virtual, mas levando em consideração as 2, sempre é bom termos com quem dividir as alegrias, as tristezas, as emoções, as conquistas, as realizações por que “AMIZADE” Cauzino é algo valioso num importa como ela seja ou como ela surgiu, o que importa é que conquistamos o carinho e a confiança das pessoas da forma que desejamos e almejamos. “Faça o que o seu coração achar certo, pois de qualquer forma será criticado: Você estará perdido se fizer e perdido se não fizer”, Está é uma frase pela qual achei muito interessante Cauzino e resolvi postar aqui também.
Forte Abraço
Se cuida⁹⁵

As duas posições marcam seus lugares de interesses, seus afetos pelos escritos de Cauzino e seus gozos em acompanhar cotidianamente estas narrativas. Como fica claro na postagem de Rich, ele “não [quer] ter que perder o hábito de toda noite vir aqui procurar uma nova postagem”. A presença no fórum constituiu-se em um hábito, inventou-se para os membros um costume, uma prática sócio-cultural. Não podemos perder de vista, ainda, que enquanto diário pessoal, ou seja, enquanto escrita do eu, estas narrativas não estão isentas das tensões e dilemas do mundo que se inserem apresentando suas marcas de disputas na escrita.

Quando Jean volta de viagem, Cauzino o aguarda ansioso pelo reencontro. Porém, adianta para a comunidade, que já havia pensado no assunto e que tinha decidido não abandonar sua escrita no fórum. Se a condição do Jean fosse mesmo a de deixar de postar, ele havia decidido por recusar a proposta. Cauzino se coloca dizendo que não iria “abrir mão de seu direito de [se] expressar”⁹⁶. Em meio ao reencontro, passada a euforia, depois de algumas conversas e tarefas comuns do cotidiano Jean retoma a questão:

Paramos e fomos tomar banho, ficamos conversando durante o banho, as mãos fazendo massagens pelo corpo, abraços e finalmente a pergunta.

- E ae Cauzino, qual a resposta que você me da?

⁹⁵ Arquivo Pessoal, Grupo III, Imagem 41

⁹⁶ Arquivo Pessoal, Grupo III, Imagem 42

- Do que Jean?
 - Da minha proposta? lembra, você disse que já havia pensado.
 - Pensei sim meu querido e decidi que não vou abrir mão de postar.
 - Tem certeza? posso saber o por que?
 - Vamos sair daqui? A gente conversa na cama. Te mostro os post's ai você tira suas conclusões.
 - Cauzino, não adianta você sabe que sou contra isso. Não concordo.
 - Jean desculpa cara, mas você esta sendo mente fechada, para e vê como é depois fala. Nos secamos, liguei o pc, ele atras de mim, abraçado comigo, me dando beijos no pescoço, abri o orkut e mostrei pra ele os amigos que tenho aqui, os recados, as fotos, entrei na comunidade, mostrei tudo, os comentários, meus post's, abri o word, mostrei as 260 paginas que tenho, imprimi e entreguei a ele.
 - Cauzino o que você acha que vou fazer com esse livro aqui?
 - Nossas vidas, você tá dentro dele em quase todas as paginas. Ele leu a primeira pagina em voz alta pra mim.
 - caralho você conta detalhes.
 - E mais pensa que são outras pessoas que não nos conhecem que comentam tá. Alguns não curtem muito você nao.
 - E se acha que eu ligo Cauzino? O Di chegou, fui levar o Jean na casa dele e pegar meu galinho da madrugada, o Jean abraçou tanto o Chris que quase sufocou o garoto. Passei na farmácia pra comprar o NAN, demorei um pouco, cheguei em casa, o Di
 - Meu você não falou com o Jean não?
 - Falei muito por que?
 - Ele te ligou três vezes. Falou pra você ligar de volta. Liguei pro Jean.
 - Fala meu querido.
 - Cauzino, meu você já pensou em mudar de ramo cara?
 - Por que?
 - Não sabia que escrevia tão bem.
 - Serio curtiu?
 - Cara, foda hem, ate o que a gente fala você põe,
 - Ah não ponho tudo, senão ia ficar extenso demais.
 - Meu você devia vender isso aqui.
 - Falei pra você que não tinha tanto assim. Confia em mim agora?
 - E legal, to na pagina 14 ainda, falta muito, vou encadernar esse aqui ai não me perco. To curtindo.
 - Ai você pode ate me ajudar a postar. Os caras me ajudam as vezes com algumas coisas. Só falta você.
 - Vou pensar ainda deixa eu terminar de ler tudo. [...]
- Bom galera pelo que parece ele tá curtindo os post's, amanha ele deve dar uma resposta mais certa, se conseguir terminar de ler. Beijos, up's, abraços, chupadas, e amassos..

Felipe CauZinO Recomeço

Ficamos tentados a afirmar que Cauzino pensa sua escrita de si tal como visualizamos entre os antigos. Uma escrita que traz consigo uma prática,

o ato de “exercitar-se, meditar e incorporar conhecimentos que auxiliam o indivíduo a agir corretamente em face às circunstâncias da vida” (IONTA, 2013: 13). Cauzino procede no convencimento de Jean, apresentando suas narrativas. Jean, por sua vez, fica entusiasmado – pelo menos é o que Cauzino nos narra. Jean fica surpreso com o grau de minuciosidade com o qual Cauzino narra os eventos. O cuidado de si e com os outros atravessa a escrita de Cauzino, uma escrita marcada por subjetivações de si e daqueles que o cerca, quer em sua vida off-line, quer em sua vida *online*. Queremos encerrar este terceiro ato com as palavras do próprio Cauzino, queremos deixá-lo falar. Ele certamente dará conta de transmitir ao leitor uma síntese do processo de subjetivação que se desenvolveu ao longo de mais de 4 mil postagens, em um recorte temporal que abarca quase 4 anos. As palavras de Cauzino foram publicadas no último dia de 2011, acredito que esta última mensagem cumpra o papel de transmitir todo o afeto, o homo-afeto que fora gestado:

FelipeCaLzinoO© 31/12/2011

Não podia deixar de reservar um tempo, nem que fosse pouco, mas o pouco para que fosse intenso de vir aqui, vir para agradecer, desculpar-me, esclarecer... Contrário de outros anos, eu estive aqui sempre, quase que diariamente, sempre postando e compartilhando com vocês os meus momentos, de dor, alegrias, conquistas, quase perdas, muitos ganhos... Com essa convivência com vocês todos aqui eu aprendi bastante, contribui muito para o meu crescimento pessoal e profissional. Aprendi, um pouco sobre paciência, ainda tenho muito que aprender, mas a vida é isso constantes aprendizados. Quero desejar e não somente hoje, mas em todos os momentos da vida de cada um de vocês que todos tenham uma felicidade externa e principalmente interna, surpresas boas e também as ruins, afinal não dá para fugir delas, fazem parte. Que com a vida vocês consigam aprender e a dar valor ao que tem e a quem tem. Fiz uma promessa ao meu amigo Noturno e como cumpridor de promessas que sou (por mais tardio que seja), me resolvi com o Jean, conversamos, choramos juntos e prometemos um ao outro mais flexibilidade nas nossas ações, acreditar na palavra um do outro independente da ação de alheios. Só para esclarecer o que aconteceu foram umas fotos que apareceram da viagem dele para Lisboa junto com aquela mocinha lá (prima), na qual eu não tinha conhecimento ainda, nada de fotos que desencadeariam uma traição e sim fotos que ela tirou dos dois juntos nessa viagem. Segundo ela, disse que mandou por engano para mim, mas como eu não sou idiota ao ponto de acreditar que foi inocentemente, entendi o recado dela, queria o fim da nossa felicidade, já que sabe que estamos juntos e felizes, brigamos feio. Mas, agora já está tudo certo. Peço desculpas ao Augusto que me deu algumas dicas para

que mudasse isso de outra forma, mas acredito que dessa vez realmente não poderia rolar o toque dele, quem sabe em outra oportunidade, não se tratava apenas de sexo e sim, somos um família agora e precisamos além de sexo, compreensão e cumplicidade. Agradeço também ao Noturno e O Phellippe (meu CUnhado), que insistentemente conversaram comigo expuseram sabiamente seus conselhos. Agradeço também ao Alysson que deu uma sumida, ou eu dei a sumida, que com tantas turbulências em sua vida, ainda restou um grande tempo para conversar comigo e mostrar o quanto seu carinho é grande e válido comigo e minha família. Ao meu fiel escudeiro Adjeferson que nos ensina por debaixo dos panos sua posição de psicólogo e me garante uma segurança indestrutível. Desejo ao Barty, Ursão, Fábio, Rich, Eduard, Anjo, Yo, Will, Denis ex João, Marcelo, Tato, Di, Dimitri, Antonio, David e aos amigos que lêem porem não aparecem por aqui por mais esse ano, desculpa mesmo se esqueci de alguém. Não vou prometer nada em questão de postagem, sempre carrego essa frase comigo “Promessas não passam de promessas até serem cumpridas”, prefiro ficar no “se”. Enfim, até queria colocar algumas coisas a mais, mas tenho um carinho extremamente especial pra mim aqui pedindo colo pra dormir. É isso ai galera. Feliz Ano Novo para todos!
Felipe Cauzino e família!⁹⁷

⁹⁷ Arquivo Pessoal, Grupo Avulso, Imagem 09.

EPÍLOGO

“A INVENÇÃO DO POSSÍVEL”: AS REDES SOCIAIS E UMA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir.

Michel Foucault, História da Sexualidade II. 1984, p 15.

Chegamos às últimas linhas deste círculo que se fecha. E como círculo que se pretende ser, trazemos a guisa de conclusão deste trabalho reflexões a respeito da produção historiográfica que tem tomado quer o tempo recente quer a rede mundial de computadores como objeto e/ou espaço do fazer historiador.

Nossas reflexões tomaram como fonte a escrita íntima e cotidiana de jovens brasileiros, distantes uns dos outros na imensidão de um país continental. As análises focalizaram, sobretudo, aquilo que caracterizamos como sendo o diário de Felipe Cauzino narrado no ciberespaço.

O gesto de aproximação com estes escritos pode ser descrito como fruto do acaso, porém sua transformação em fonte documental para a escrita da história se deu pelo ato que nos move enquanto sujeitos fabricantes de saber. Tornar esta escrita cotidiana em acontecimento histórico constituiu-se como o movimento rumo à invenção de um possível. Afinal, Pierre Nora já nos tinha alertado sobre a produção do acontecimento histórico. Segundo ele:

acontecimentos capitais podem ter lugar sem que se fale deles. É o fato de apreendê-los retrospectivamente [...] que constitui o acontecimento. O fato de terem acontecido não os torna históricos. Para que haja acontecimento é necessário que seja conhecido (NORA, 1995: 185)

O acontecimento que nos move não é a intimidade pela intimidade, não seria a reflexão sobre a privacidade alheia, até porque os muros entre o público e o privado foram rompidos no exato instante em que os escritos foram levados a rede, no instante em que a vontade de ser lido, de constituir para seus escritos uma audiência, e mais: uma audiência participativa fez emergir um

novo modelo, ou pelo menos uma mutação nos escritos íntimos.

A força modelar destes escritos, em que pese sua condição de fenômeno sócio-histórico particular, nos permitiu as condições de possibilidades para analisar as transformações das subjetividades engendradas pelas escritas do eu, a partir de sua inserção na rede. Escritas historicamente marcadas pelo espaço privado, pela reflexão silenciosa e sem audiência.

A escolha da estrada que iniciou este percurso traz a marca de um realce. Este realce, em verdade, se deu pela necessidade de “dotar de significado esses documentos” (CUNHA, 2012), não estávamos lidando apenas com ‘diários íntimos’, mais do que isso, eram diários íntimos publicizados na *internet*. Justificamos esta ação pelos escrito de Maria Teresa Cunha (2012), para quem:

realçar, hoje, a dimensão de fonte histórica dos diários pessoais constitui-se em ação importante para dotar de significado esses documentos que foram, durante muito tempo, desconsiderados por historiadores envolvidos com modalidades de História ‘racionalis’, ditas científicas, não-emotivas, inauguradas pela modernidade (CUNHA, 2012: 252)

É bem verdade que os diários pessoais já desfrutam de uma situação menos resistente, por assim dizer, entre os Historiadores. Os escritos da Historiadora Sandra Jataí Pesavento, no que diz respeito a uma *História Cultural do Sensível* (2006), foram fundamentais para quebrar barreiras entre os profissionais da História nas terras tupiniquins.

Aos poucos, estes escritos ganharam força enquanto fontes históricas, fontes capazes de permitir entrada em um universo bastante presente entre Antropólogos: o cotidiano. Como bem lembra Cunha (2012: 253) “os diários pessoais passam a ser vistos como documentos valiosos para compreensão de vidas cotidianas, repletas de gestos de amor, ressentimento”, mas, não apenas estas instâncias são possíveis visualizar “os freios morais que determinada época” impõe aos seus.

Esta dimensão apresentada por Cunha (2012), a respeito dos diários pessoais, esteve presente nas inúmeras passagens que destacamos dos escritos de Cauzino e de seus leitores. As imagens que circulam nos escritos, nos permitiram visualizar *práticas sociais*, modos de sentir e pensar as relações entre homens neste início de século XXI. São ações e desejos de homens que

devidamente observadas partilham de um mesmo regime de historicidade.

Dissemos alhures que a passagem do século XX para o século XXI engendrou inúmeras transformações na sociedade e nos sujeitos ditos modernos. Como afirma Cunha (2012: 258), esta passagem foi marcada por deslocamentos “no eixo central que sustenta a *experiência de si*”. Os novos espaços de sociabilidade, a exemplo das redes sociais – Orkut e Facebook – têm possibilitado mutações nos modos de sentir e pensar a si mesmo e os outros.

O sujeito centrado e estável dá lugar a um sujeito estilhaçado, ou pelo menos multifacetado. A escrita de si nestes espaços não respondem mais às subjetividades características da modernidade, ou seja, escritas voltadas para dentro, para um eu interior, que reflete silenciosamente no recanto de seu quarto. A escrita de si, nestes novos espaços de sociabilidades, rompe com o silêncio de ontem, fazem emergir “escritas para fora”, são escritas públicas, escritas que buscam os holofotes, buscam os olhares frenéticos de um público leitor, cheio de vontade de ver o outro desnudado.

A reflexão destes escritos nos mostrou que o afastamento temporal não é condição necessária e suficiente para a construção de um trabalho historiográfico. Estivemos amarrados a uma certeza que balizou a definição de nosso *corpus* documental, a saber: que o ontem, por mais próximo que esteja de nós, ainda mantém sua condição de passado, condição primeira para o trabalho historiográfico. Em essência, o passado mantém sua condição passadista, quer seja o passado helênico em que viveu Heródoto, quer seja o passado de uma comunidade dirigida ao público gay no contexto brasileiro entre os anos de 2009 e 2011. A proximidade dos eventos ou seu distanciamento, em tese, produz os mesmos problemas, como afirma Almeida (2008). A História do Tempo presente enfrenta em suas condições de produção problemas muito assemelhados aos que enfrentará um medievalista, “trata-se de uma questão intrínseca à atividade de qualquer historiador, ou seja, a busca por uma coerência metodológica no tratamento das fontes” (ALMEIDA, 2008:45).

Estas fontes, aliás, constituem a pedra de toque deste trabalho. A decisão de trabalhar com escritos íntimos registrados exclusivamente em uma rede social trouxe, para nós, o enfrentamento da questão espinhosa que

relaciona História e *Internet*. Dito em outros termos, o grande desafio consistia em produzir uma reflexão historiográfica a respeito de um fenômeno sócio-cultural, ou seja, a produção das subjetividades homoafetivas, nos escritos íntimos em que a fonte exclusiva de acesso situava-se no espaço virtual.

No entanto, nestas linhas finais nos interessa dizer que, nas últimas quatro décadas, as relações entre a História e a Tecnologia, para usar um termo mais abrangente, tem se mostrado produtivo e ampliado a cada novo percurso trilhado. Lançando mão do trabalho recém defendido de Leandro Coelho Aguiar (2012), intitulado: *Cultura digital e fazer Histórico: estudo dos usos e apropriações das tecnologias digitais de informação e comunicação no ofício do historiador*, podemos dizer que neste espaço de tempo pelo menos quatro etapas são identificadas no que diz respeito às influências e transformações no saber historiador produzidas pelas tecnologias da informação e comunicação (TICs).

No primeiro momento, temos a construção dos grandes bancos de dados produzidos pela digitalização de fontes, dos mais variados tipos. Em meados da década de 1970, a Escola dos Annales produz no campo da História uma grande transformação metodológica, quando dos usos das fontes seriadas. Vivenciava-se a era do Quantitativo e nela o computador atuava de forma intensa; Em um segundo momento é possível identificar o período em que as tecnologias são utilizadas na disseminação do conhecimento histórico. Neste instante evidenciamos o uso das mídias digitais para divulgação desse saber historiador, além, claro, da criação dos periódicos eletrônicos e que hoje despontam em detrimento dos impressos; Um terceiro momento é marcado pela criação dos web-sites, neles o processo de gerenciamento da informação e conhecimento histórico, assim como da produção deste conhecimento passam a ser institucionalizados e disseminados em formato digital; Por fim, temos a construção dos espaços colaborativos de produção do conhecimento, nestes espaços as hipermídia, hipertextos e redes são utilizados em sua digitalidade e condição comunicacional.

Cabe lembrar ao leitor que cada uma destas etapas não são superpostas uma a outra, antes disso, elas são imbricadas à medida que ampliam o espaço de uso das tecnologias, desembocando nos usos do ciberespaço enquanto fonte e lugar de produção do conhecimento histórico.

Todavia, esse percurso histórico que mostra as raízes das relações entre História e TICs chegando aos atuais usos de Blogs e Rede Sociais enquanto fontes para a historiografia já soa, para alguns, como antiguidades. Estas experiências de si narradas em longas linhas em espaços como o Orkut já se mostram *démodé*, a moda, agora, das escritas do eu estão concentradas nos “nano-blogs ou micro-blogs”. Como nos diz Paula Sibilia (2008: 137) “trata-se de mensagens mínimas, que jamais ultrapassam os 140 caracteres – nunca mais de duas linhas -, e circulam em um ritmo de dezenas de milhares por hora através de serviços específicos da *internet*”, como exemplo deste fenômeno no Brasil é o Twitter.

Sibilia (2008) descreve o quão encantador podem ser tais ferramentas. Segundo a autora, estes mini-artigos podem ser enviados por correio eletrônico, por celulares, por tablets e outros, porém eles tratam de um tema: “o que *você* está fazendo neste momento?”... Nas palavras de Pierre Nora (1985: 186) “a Lei do espetáculo é a mais totalitária do mundo livre”. A experiência de si, nestes novos tempos torna velha a vivência cotidiana do Orkut e suas comunidades fazendo emergir a tendência, cada vez mais eminente - pelo menos estes espaços - de que “os relatos de si tende a ser cada vez mais *instantâneos, presentes, breves e explícitos*” (2008: 137) [grifo nosso].

O uso da rede social Orkut, enquanto fonte exclusiva na construção do saber historiográfico foi um risco que assumimos desde os primeiros momentos. A definição do *corpus* de trabalho fazendo emergir uma multidão de sujeitos, ligados por um interesse, movidos por um desejo nos possibilitou a experiência, muitas vezes espinhosa, de analisar a produção de subjetividades no exato momento em que se produz um conhecimento com alto grau de subjetividade nas entranhas de procedimentos objetivos. As escritas íntimas destes sujeitos tornaram-se, para nós, experiências de leituras do sensível, leituras afetivas, leituras que transgrediam espaços íntimos e nos marcavam enquanto sujeitos. Todavia, chegamos ao fim desta via longa satisfeitos com o percurso que trilhamos e os resultados que por hora apresentamos.

REFERÊNCIAS

FONTES

ARQUIVO PESSOAL, *Grupo I, Imagens 001-105 formato JPG*. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=103767514&fr=1> Acessado em 2011.

ARQUIVO PESSOAL, *Grupo II, Imagens 001-116 formato JPG*. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=103767514&fr=1> Acessado em 2011.

ARQUIVO PESSOAL, *Grupo III, Imagens 001-103 formato JPG*. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=103767514&fr=1> Acessado em 2011.

ARQUIVO PESSOAL, *Grupo IV, Imagens 001-112 formato JPG*. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=103767514&fr=1> Acessado em 2011.

ARQUIVO PESSOAL, *Grupo V, Imagens 001-103 formato JPG*. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=103767514&fr=1> Acessado em 2011.

ARQUIVO PESSOAL, *Grupo VI, Imagens 001-109 formato JPG*. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=103767514&fr=1> Acessado em 2011.

ARQUIVO PESSOAL, *Grupo VII, Imagens 001-106 formato JPG*. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=103767514&fr=1> Acessado em 2011.

ARQUIVO PESSOAL, *Grupo VIII, Imagens 001-111 formato JPG*. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=103767514&fr=1> Acessado em 2011.

ARQUIVO PESSOAL, *Grupo IX, Imagens 001-109 formato JPG*. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=103767514&fr=1> Acessado em 2011.

ARQUIVO PESSOAL, *Grupo X, Imagens 001-107 formato JPG*. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=103767514&fr=1> Acessado em 2011.

ARQUIVO PESSOAL, *Grupo XI, Imagens 001-107 formato JPG*. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=103767514&fr=1> Acessado em 2011.

ARQUIVO PESSOAL, *Grupo XII, Imagens 001-111 formato JPG*. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=103767514&fr=1> Acessado em 2011.

ARQUIVO PESSOAL, *Grupo XIII, Imagens 001-111 formato JPG*. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=103767514&fr=1> Acessado em 2011.

ARQUIVO PESSOAL, *Grupo XIV, Imagens 001-107 formato JPG*. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=103767514&fr=1> Acessado em 2011.

ARQUIVO PESSOAL, *Grupo XV, Imagens 001-105 formato JPG*. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=103767514&fr=1> Acessado em 2011.

ARQUIVO PESSOAL, *Grupo XVI, Imagens 001-107 formato JPG*. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=103767514&fr=1> Acessado em 2011.

ARQUIVO PESSOAL, *Grupo XVII, Imagens 001-42 formato JPG*. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=103767514&fr=1> Acessado em 2011.

ARQUIVO PESSOAL, *Grupo Avulso, Imagens 001-042 formato JPG*. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=103767514&fr=1> Acessado em 2011.

BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Leandro Coelho de. *Cultura digital e fazer histórico: estudo dos usos e apropriações das tecnologias digitais de informação e comunicação no ofício do historiador*. Rio de Janeiro, UFRJ/PPGCI – 2012. 140f. Acessado em Dezembro de 2012.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Michel Foucault e a Mona Lisa ou como escrever a História com um sorriso nos lábios. In: *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: EDUSC, 2007

_____. *Escrever como fogo que consome: reflexões em torno do papel da escrita nos estudos de gênero*, s/d. Acessado em Agosto de 2011.

_____. *Escrever como fogo que consome: reflexões em torno do papel da escrita nos estudos de gênero*, s/d. Acessado em Agosto de 2011.

ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da *internet* como fonte primária para pesquisas históricas. Revista *Aedos – Dossiê Conhecimento histórico e Internet*, v.3 nº8, 2011. Acessado em agosto de 2011.

_____. *A serpente na rede: extrema-direita, neofascismo e internet na Argentina* / Fábio Chang de Almeida. – Porto Alegre, UFRGS, 2008. 301f. pdf

ARANHA, Gervácio Batista & FARIAS, Elton John da Silva (org). *Epistemologia, Historiografia e Linguagens*. Campina Grande, EDUEF, 2013.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou Ofício do historiador*. Prefácio de Jacques Le Goff. Tradução André Talles. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CARLETTO, Romeu. *Diário: a caracterização de um gênero singular*. Anais do X Encontro do CELSUL – Circulo de Estudos Lingüísticos do Sul. Cascavel, PR. 2012. Acessado em Outubro de 2013.

CUNHA, Maria Teresa. Diários Pessoais: Territórios abertos para a História IN: PINSKY, Carla Bessanezi & LUCA, Tania Regina de (org). *O Historiador e suas fontes*. – 1ª Ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012

DARNTON, Robert. *O grande Massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*; Tradução de Sônia Coutinho. – Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DE CERTEAU, Michel. *A operação Histórica*. In: História – Novos Problemas, direção de Jacques Le Goff e Pierre Nora. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro, 1994.

_____. *A Escrita da História*. Trad.: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1982.

DICIONÁRIO da internet. Disponível em: <http://dicionariodainternet.com.br/cgi-bin/wiki.pl?Assincrono>. Acesso em julho de 2011

DICIONÁRIO brasileiro de terminologia arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232p. Acesso em Setembro de 2013

DICIONÁRIO inFormal de língua portuguesa, Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/hobby/>. Acessado em agosto de 2013

DORNELLES, Jonatas. *O Orkut e a terceira forma de sociabilidade*. Ciências Sociais Unisinos, vol. 41, núm. 3, setembro-dezembro, 2005, pp. 163-170. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/938/93841304.pdf>. Acessado em Outubro de 2011

_____. *Vida na Rede: uma análise antropológica da virtualidade*. Tese de doutorado em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRG, 2008. Disponível <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/12517/000627358.pdf?sequence=1> Acessado em junho de 2013.

FEBVRE, Lucien. *Combats pour L'histoire*. Paris: Librairie Armand Colin, Colletion: Agora. 1992, 456 pp.

_____. *Combates pela História*. Editara Presença, 3ª edição, Lisboa, 1989.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I. A vontade de saber*, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de

Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. *História da sexualidade III. O cuidado de si*, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. *O que é um autor?*; Tradução Antônio Fernando Cascais. Nova Veja, Limitada, 7ª Ed. – Lisboa, 2009.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica – Cartografias do Desejo*. 4.ed. Ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro: 1996.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 8.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar – PNAD: Acesso a internet e posse do telefone móvel para uso pessoal. Edição 2011*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acessoainternet2011/default.shtm>. Acessado em Setembro de 2013.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC – Rio, 2006

LE GOFF, Jacques. *História Nova*. Martins Fontes. 1990.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Editora da ENESP, 1992

LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. *História: novos problemas*; Tradução de Theo Santiago, Rio de Janeiro, F. Alves, 1995.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999

MARZ, Jason. *I'm Yours*. Albúm: Lucky, Gravadora: Warner, 2012

MISKOLCI, Richard. Comentários. *Cardenos Pagu* (28), Janeiro-Junho de 2007.

_____. *A Teoria Queer e a questão das Diferenças: por uma analítica da normalização*. Documento digitalizado, s/d, disponível em http://www.alb.com.br/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf. Acessado em Agosto de 2011

MOREIRA, Patrícia Justo. *Orkut e Sociabilidade: mediação comunicacional em ambientes virtuais*, s/d. Disponível em: http://www.alaic.net/alaic30/ponencias/cartas/.../GT18_8Moreira.pdf Acessado em janeiro de 2011

NUSSBAUMER, Gisele Marchiori. *Comunicação, Sociabilidade e Escrita de Si - A comunidade GLS no ciberespaço*. Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia, 2004. Acessada em 15 de Janeiro de 2011.

ORKUT.COM, *Página inicial da rede social*, disponível em: <http://www.orkut.com.br>, acessado em setembro de 2013.

PAES, Marilena Leite. *Arquivo: teoria e prática*. 3ª edição, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Na contramão da vida: Razões e sensibilidades dos filhos malditos de Deus (Antônio Regado, Benjamin, o degolador, João Foguista), IN: Maria Haizenreder Eritzogue e Temis Gomes Parente (orgs), *História e Sensibilidades*, Brasília, Paralelo, 2006, p. 161

PIMENTEL, Carmen. *A escrita íntima na internet: do diário ao blog pessoal*. Abralin, 2011. Acessado em Outubro de 2013.

PORTAL IDGNOW!. *Brasil passa a controlar Orkut*. Disponível em: <http://idgnow.uol.com.br/mercado/2008/08/07/brasil-passa-a-controlar-orkut-e-presidente-do-google-brasil-assume-al/>, Acessado em agosto de 2013.

RAGO, Margareth, org.; MURGEL, Ana Carolina Arruda de Toledo, Org. *Paisagens e Tramas: o gênero entre a história e a arte*. São Paulo: Intermeios, 2013.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. A preservação da vida na escrita: o diário de Getúlio Vargas. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 17, 1996

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*, Tomo III. Campinas, São Paulo. Papyrus, 1997.

_____. *A Memória, A História, O Esquecimento*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro, O ciberespaço: Dimensão antropológica das sociabilidades de controle, *Revista TEXTOS de La CiberSociedad*, 6. Temática Variada. Disponível em <http://www.cibersociedad.net>. Acessado em 15 de janeiro de 2011.

SIBILIA, Paula. *O Show do eu: a intimidade como espetáculo*, Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2008.

_____. *Os Diários Íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica*. Rio de Janeiro, 2003. http://www.4shared.com/document/EMwYM--N/paula_sibilia_publico_e_privad.html Acessado em Outubro de 2011.

WERTHEIM, Margareth. *Uma história do espaço de Dante à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

ANEXOS

- *Segue anexo em DVD o arquivo particular construído a partir dos registros salvaguardados do fórum Felipe Recomeço (Felipe^{oo} Transando com os amigos no FdS) pertencente a comunidade Contos Reais entre amigos da Rede Social Orkut, no período que se estende de Novembro de 2009 a dezembro de 2011 (os escritos entre Novembro de 2009 e Junho de 2010 estarão marcados com data de julho de 2010, quando a comunidade foi retomada)*